



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

CARLA BEATRIZ MARQUES FELIPE

**OS ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS PARA A INDEXAÇÃO DE
FOTOGRAFIAS**

RECIFE
2016

CARLA BEATRIZ MARQUES FELIPE

**OS ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS PARA A INDEXAÇÃO DE
FOTOGRAFIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia

Linha de Pesquisa: Memória da informação científica e tecnológica

Orientador: Prof. Dr. Fabio Assis Pinho

RECIFE
2016

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

F315a Felipe, Carla Beatriz Marques
Os aspectos sociocognitivos para a indexação de fotografias / Carla
Beatriz Marques Felipe. – 2016.
153 f.: il., fig.

Orientador: Fábio Assis Pinho.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco,
Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2016.

Inclui referências e apêndices.

1. Ciência da informação. 2. Representação do conhecimento (Teoria da informação). 3. Fotografia. 4. Indexação. 5. Serviços de indexação e resumos. 6. Documentos. 7. Memória I. Pinho, Fábio Assis (Orientador). II. Título.

020 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2016-71)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

CARLA BEATRIZ MARQUES FELIPE

Os aspectos sociocognitivos para a indexação de fotografias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 15/02/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabio Assis Pinho (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fábio Mascarenhas e Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a D^{ra} Dulce Amélia de Brito Neves (Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba



AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, primeiro por não me deixar morrer, nem enlouquecer e olhe que foi quase as duas situações. Segundo por iluminar minha vida (eu tenho certeza disso!). E terceiro por colocar em meu caminho todas essas pessoas que virão aqui abaixo. Valeu Deus!

A meus pais, por me fazerem querer sempre ir mais longe e com isso se tornarem grandes incentivadores para a evolução da minha vida acadêmica. A minha irmã por ter se tornado minha amiga nesses últimos tempos. A Murilo, por me lembrar que viver vale a pena.

Aos meus novos irmãos, Fernanda, Lanny, Ronnie e Vivian. Sem vocês esse mestrado não teria dado certo. Sem as coisas que vivemos juntos, eu não teria vencido! Gente, muito e muito obrigada por tudo.

As minhas Honeys Iênanda, Kássia, Rhena, Lucyanne, Cris e Viviane. Mesmo na distância foram fundamentais com as palavras de incentivo e os momentos de alegria. Um agradecimento em especial a Rhena que me ajudou com a revisão linguística desta dissertação.

Às superpoderosas, Midinai, Patrícia, Malkene e Bruna, pelas resenhas a distância. Pena que a gente não pode viajar todas juntas. Mas pelo menos vieram me visitar, o que foi muito bom. Agradecimento especial a Patrícia, pela normalização deste trabalho. Aos meus eternos amigos, David, Renato, Everton e Cael, por toda a descontração que precisei para poder suportar esse mestrado. Sim, alguns deles me emprestaram livros, obrigada.

Aos meus novos amigos adquiridos aqui em Recife, todos lindos e super inteligentes, Davi, Willians, Charlene, Denise, Juliana, Hilário e Rene. As conversas e outras coisas a mais (que não podem ser citadas aqui) foram muito boas. Espero levar vocês junto comigo para o resto da vida.

Aos da minha turma, foram tantas trocas, não é mesmo, gente!? Uns me emprestaram livros, traduziram textos, indicaram autores. A você que me ajudou de alguma forma, meu muito obrigada!

Aos mestres do PPGCI, por todos os ensinamentos.

Ao meu orientador, Fábio Pinho, que foi um verdadeiro pai, me mostrando o melhor caminho para a conclusão desse projeto. Meu desejo é que eu volte a te encontrar s2 (era pra ser um coração...), no doutorado. Professor, muito, muito e todos os obrigados do mundo.

Aos membros da banca Dulce e Fábio Mascarenhas, pelo cuidado e ajuda desde a qualificação para a concretização deste trabalho. Muito obrigada pelas dicas e orientações.

“Ninguém, humanamente falando, consegue adentrar nossos pensamentos e captar nossas lembranças; a lembrança, assim como o coração é terra que ninguém pisa, além de nós mesmos”. (OLIVEIRA, p.40, 2012).

RESUMO

Esta dissertação aborda a história da fotografia apresentando a sua importância para a sociedade desde a sua invenção e a descreve como documento e suas variadas formas de disseminação da informação. Em consequência, explica a relação entre fotografia e memória, destacando a primeira enquanto um dispositivo de memória institucional. Nesse cenário, foi abordada a indexação de fotografias, bem como o seu processo de execução e os aspectos linguístico, lógico e cognitivo a ela envolvidos. Por conta disso, foi realizada uma pesquisa exploratória em duas instituições que possuíam acervo fotográfico, cujo objetivo geral foi analisar os aspectos sociocognitivos inerentes ao procedimento de indexação de fotografias e, de cada instituição, participaram dois bibliotecários indexadores. Esses profissionais indexaram quatro fotografias, sendo duas de cada instituição participante. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o Protocolo Verbal Individual. Os principais resultados mostraram que por meio da cognição que o indexador faz a leitura das fotografias e analisam qual o tema da foto. Para isso, faz uso das memórias de curto e longo prazo e também da percepção sensorial. Os aspectos sociocognitivos influenciam diretamente o processo de indexação, pois são estes aspectos que regem o modo como os bibliotecários fazem a pesquisa para coletar informações sobre o acervo. Se utilizam ou não um vocabulário controlado para a tradução dos termos. Para a análise de assuntos os bibliotecários analisam as fotografias de maneiras muito parecidas com as metodologias sugeridas para estes procedimentos, sempre partindo do geral para o específico. Como última categoria analisada temos os descritores. Estes sofrem influência direta das categorias anteriores. Para a escolha dos descritores, entre todas as metodologias apresentadas no trabalho, como a de Rodrigues, Shatford, Manini, Panofsky e Bléry, a metodologia de Bléry (1979) é utilizada, de fato, pelo menos em uma instituição pesquisada.

Palavras-Chave: Indexação. Fotografia. Documento. Memória.

ABSTRACT

This dissertation approaches the history of photography presenting their importance to society since its invention and it is described as a document and its various forms of information dissemination. As a result, it explains the relationship between photography and memory, highlighting the first one as an institutional memory device. In this scenario, the indexing of photographs was studied, as well as its implementation process and linguistic, logical and cognitive aspects involved with it. Because of this, an exploratory survey was conducted in two institutions that had photographic collection, whose main objective was to analyze the socio-cognitive aspects of the photographs indexing procedure. In each institution two indexers librarians attended it. These professionals indexed four photos, two of each participating institution. The data collection instrument used was the Single Verbal Protocol. The main results showed that through the cognition an indexer reads the photographs and analyzes what is its subject. To be successful, he uses short and long term memory and also sensory perception. Social cognitive aspects influence directly in indexing process, as these are aspects that govern how librarians do the research to gather information about the collection. If they should use or not a controlled vocabulary for translation of terms. For topics analysis, librarians analyze the photos in very similar ways to the methodologies suggested for these procedures, always from the general to the specific. As a last category we analyzed the descriptors. These ones suffer direct influence of the previous categories. For the choice of descriptors, the Bléry methodology (1979) is used, in fact, at least in one research institution.

Keywords: Indexing. Photography. Document. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Guerra do Vietnã.....	22
Figura 02 – Avenida Caxangá em 1940.....	45
Figura 03 – Avenida Caxangá atualmente.....	45
Figura 04 – Processo cognitivo na indexação.....	65
Figura 05 – Graceland.....	69
Figura06 – Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFRN.....	70
Figura 07 – Homenagem ao Reitor Onofre Lopes.....	79
Figura 08 – Madrigal da Escola de Música da UFRN.....	79
Figura 09 – 30 anos da FUNDAJ.....	80
Figura 10 – Quadro em homenagem aos 30 anos da FUNDAJ.....	80

LISTA DE QUADROS.

Quadro 01 – Relação entre o processo cognitivo e a indexação.....	66
Quadro 02 – Metodologia proposta por Bléry.....	70
Quadro 03 – Metodologia proposta por Manini.....	72
Quadro 04 – Categoria de análise de dados.....	82
Quadro 05 – Análise da figura 07, categoria cognição.....	84
Quadro 06 – Análise da figura 08, categoria cognição.....	86
Quadro 07 – Análise da figura 09, categoria cognição	89
Quadro 08 – Análise da figura 10, categoria cognição.....	91
Quadro 09 – Análise da figura 7, categoria aspectos sociocognitivos.....	92
Quadro 10 – Análise da figura 8, categoria aspectos sociocognitivos.....	94
Quadro 11 – Análise da figura 9, categoria aspectos sociocognitivos.....	97
Quadro 12 – Análise da figura 10, categoria aspectos sociocognitivos.....	98
Quadro 13 – Análise da figura 7, categoria análise de assunto.....	100
Quadro 14 – Análise da figura 8, categoria análise de assunto.....	102
Quadro 15 – Análise da figura 9, categoria análise de assunto.....	104
Quadro 16 – Análise da figura 10, categoria análise de assunto.....	106
Quadro 17 – Análise da figura 7, categoria descritores.....	109
Quadro 18 – Análise da figura 8, categoria descritores.....	110
Quadro 19 – Análise da figura 9, categoria descritores.....	112
Quadro 20 – Análise da figura 10, categoria descritores.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDD – Classificação Decimal de Dewey

CDU – Classificação Decimal Universal

EMUFRN- Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFLA – International Federation of Library Associations

ISKO – International Society for Knowledge Organization

ISO - International Organization for Standardization

MARC - Machine Readable Cataloging

MASP – Museu de Arte de São Paulo

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Tecnologia

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DOCUMENTO FOTOGRÁFICO	17
2.1	GÊNESI DA FOTOGRAFIA	17
2.2	A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO	22
3	MEMÓRIA INSTITUCIONAL	32
3.1	FOTOGRAFIA COMO DISPOSITIVO DE MEMÓRIA	42
4	ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	51
4.1	INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS	67
5	MÉTODO	75
5.1	TIPO DE PESQUISA	75
5.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES	76
5.3	PROTOCOLO VERBAL	77
5.4	FORMAÇÃO DE CATEGORIAS E FORMA DE ANÁLISE DE DADOS	81
6	RESULTADOS	84
6.1	ANÁLISE GERAL DAS CATEGORIAS	115
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICE A – PROTOCOLOS DO INDEXADOR A	136
	APÊNDICE B – PROTOCOLOS DO INDEXADOR B	140
	APÊNDICE C – PROTOCOLOS DO INDEXADOR C	143
	APÊNDICE D – PROTOCOLOS DO INDEXADOR D	148
	ANEXO A - INSTRUÇÕES AOS SUJEITOS SOBRE A TÉCNICA DO “PENSAR ALTO” OU PROTOCOLO VERBAL	152

1 INTRODUÇÃO

Entendida como a ciência que trata das características gerais da informação, também como o armazenamento, organização e uso, a Ciência da Informação tem como objetivo o estudo da informação, desde a sua origem até a sua utilização pelo usuário. Sabe-se que outras disciplinas utilizam a informação, porém poucas se apropriam dela como objeto de estudo. Nessa perspectiva, essa ciência busca estudar formas e mecanismos que facilitem o acesso à informação. Para tanto, faz uso dos estudos da Organização do Conhecimento.

A Organização do Conhecimento é a disciplina que tem como objetivo estudar as propriedades do conhecimento, como as construções de representações e desenvolvimento de sistemas, com vistas a sua disseminação, dessa forma o objeto de estudo do qual a Organização do Conhecimento se apropria é o conhecimento materializado, isto é, o que está registrado.

A informação, assim como o conhecimento, são partes constituintes do cotidiano do homem, não só de maneira individual, mas em muitos aspectos da vida em sociedade. Mesmo sem a noção do que seria conhecimento, o homem pré-histórico sentiu a necessidade de registrar seu cotidiano e o mundo que o cercava. Desse modo, podemos inferir que as pinturas rupestres encontradas nas cavernas, representando a caça, os animais, o sol e outras cenas, se configuraram como os primeiros registros do conhecimento. A necessidade de registrar o conhecimento fica demonstrado com a evolução dos suportes, ao longo da história da humanidade.

Antecessoras à escrita, as imagens surgem como suporte para o registro do conhecimento. Segundo Sorlin (1994), a elaboração de imagens é uma prática realizada pelo homem há mais de 22 mil anos. Algumas formas de escrita se deram por meio de desenhos, as chamadas pictográficas. Com aperfeiçoamento das tecnologias, os meios pelos quais as imagens foram elaboradas evoluíram. Assim, imagens alegóricas (feitas à mão) passaram a dar espaço às imagens analógicas que, ainda segundo Sorlin (1994), seriam as imagens mecânicas, não mais produzidas diretamente pela mão o homem.

A partir disso, desenhos e pinturas deram espaço para a fotografia, surgida no século XIX. Desde então, a representação do conhecimento por meio de imagens passou a ser mais utilizada. Devido ao seu caráter de capturar a realidade tal qual ela é, a fotografia se torna uma importante fonte de informação. O seu referente, o seu objeto é a principal fonte de informação que a constitui. A partir do momento de sua criação, a fotografia já carrega em si a informação. Usada na Medicina, História, Geografia, Geologia, Artes e outras áreas do

conhecimento, constitui um exemplo de imagens que possuem grande valor como fonte de informação, não só para população em geral, mas para pesquisadores.

No que tange a sua utilização na sociedade, esta é capaz de guardar registros da memória. Quando observamos uma fotografia, é possível a lembrança de fatos esquecidos, que se perderam no tempo. Ainda é capaz de nos fazer recordar de detalhes esquecidos ou que, através de textos, não seriam tão bem recordados.

Como documento, a fotografia, desde sua criação, nos informa sobre guerras, tragédias, desastres naturais, acontecimentos políticos e outros fatos que acontecem em meio à sociedade. Nesse contexto, elas podem estar apresentadas nas páginas de livros, revistas e jornais ou serem a própria fonte de informação, como acontece no fotojornalismo.

Percebida como fonte de informação e memória, cada vez mais instituições vêm criando acervos compostos por fotografias, tais como a Fundação Joaquim Nabuco (PE), Escola de Música da UFRN (RN), Museu da Cidade da Cidade do Recife (PE) entre outras. Algumas instituições digitalizam seus acervos e os disponibilizam na internet. A Biblioteca Brasileira da Universidade de São Paulo, a Biblioteca do Congresso Americano, a Biblioteca Nacional do Brasil, o Masp e o Museu da Cidade de São Paulo são alguns exemplos.

Segundo Rodrigues (2007, p. 67) afirma, a imagem “nos dias atuais ganhou grande destaque, em especial com o advento da Internet e a difusão da comunicação global, em virtude da *hipermídiação*, que consiste na combinação da informação em suas múltiplas dimensões: texto, imagem e áudio”. As imagens, mesmo antes do surgimento da fotografia, já serviam de base para os mais variados tipos de experimento. Para Maiome e Talámo (2008), qualquer registro do conhecimento é uma fonte de informação e, como fonte, deve receber o tratamento adequado para a recuperação da informação, contemplando as mais variadas características.

Face ao exposto, verifica-se que a fotografia é uma fonte de informação, assim como as outras tipologias de imagens. Possuidora de valor afetivo para a sociedade, fundamental na disseminação do conhecimento para os pesquisadores e centros de informação, passa a ser um documento, carregando consigo os vestígios da história da sociedade, com valor significativo para a recuperação da memória.

No âmbito da Ciência da Informação, para que ocorra a recuperação da informação é imprescindível organizá-la. A organização da informação permite que o usuário tenha acesso a informação na sua forma mais completa e essa ação está totalmente ligada à geração do conhecimento.

Nesse contexto, é necessária a elaboração de estratégias de recuperação da informação, uma vez que são elas que geram produtos e mecanismos que filtram e organizam a informação. Os processos técnicos dentro das unidades de informação surgem como meios de condensação da informação a fim de sua recuperação.

Um dos mecanismos de representação da informação é a indexação, a qual é entendida como o processo que representa a informação tematicamente. Por meio da indexação, o usuário consegue encontrar a informação da qual necessita, visto que, ela permite a transmissão da informação de forma condensada, concisa, organizada, remetendo ao usuário termos chaves sobre a representação do conteúdo dos documentos.

A indexação deve permitir que, no momento da busca por parte do usuário, a informação seja relevante, eficaz e atenda as necessidades informacionais do mesmo. Portanto a indexação de fotografia se faz importante, não podendo ser elaborada de qualquer maneira, levando em consideração os aspectos subjetivos da imagem. Com isso, a indexação das fotografias possibilita ao usuário a recuperação da informação sobre os fatos constituintes da fotografia passando a ser um ponto de referência para reconstrução da memória.

Na literatura encontramos autores, como Shatford (1994), Mirian Manini (2002) entre outros que descrevem em seus estudos metodologias para a análise de fotografias e imagens, voltados para a sua representação. Nessas metodologias não são sugeridos procedimentos, mais sim, o que deve ser analisado em fotografias para que ocorra a sua descrição.

No entanto, não se sabe ao certo a maneira de análise e os procedimentos tomados como base pelos profissionais para a prática da indexação de fotografia. Diante disso, surgem os seguintes questionamentos: será que os indexadores de fotografias analisam as fotografias baseados em alguma metodologia sugerida na literatura? Será que esses profissionais se utilizam de algum manual com diretrizes que guiem a prática da indexação das fotografias? Quais os fatores que influenciam os indexadores no momento da indexação?

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de se encontrar na literatura metodologias que sugerem a forma como a análise fotografias deve ser praticada, porém tornam-se necessárias maiores investigações no que tange aos aspectos sociocognitivos com relação aos indexadores, durante sua atividade de indexação de fotografias. Para isso, se faz necessário investigar como os indexadores se comportam, se os mesmos adotam essas metodologias de análise de imagens como base para a indexação e quais os fatores que interferem nesse processo. No aspecto profissional, acredita-se que as fotografias têm realmente o poder de comunicar, informar e recuperar a memória, merecendo assim um tratamento adequado como fonte de informação.

Outra justificativa, de caráter pessoal e ao mesmo tempo profissional, é que se considera a indexação uma prática de grande importância para o funcionamento das unidades de informação, bem como a indexação das fotografias que compõem os acervos das mais variadas instituições. Assim, acredita-se contribuir para as áreas de Biblioteconomia e a Ciência da Informação, no sentido de que, a partir deste trabalho, novas discussões sobre o tema podem ocorrer.

Desse modo, o projeto intitulado “Os aspectos sociocognitivos para a indexação de fotografias” busca contribuir para a sociedade no sentido da investigação de quais aspectos podem influenciar a indexação de fotografias e quais as metodologias utilizadas pelos profissionais.

Assim, tem-se como objetivo geral: analisar os aspectos sociocognitivos inerentes ao procedimento de indexação de fotografias. Para o alcance do mesmo, têm-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar os procedimentos adotados para a indexação de fotografias;
- b) Descrever as formas como os indexadores analisam as fotografias;
- c) Comparar os procedimentos e as formas como os indexadores realizam a indexação de fotografias.

Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados o protocolo verbal individual. O Protocolo Verbal ou “Pensar Alto” é uma técnica introspectiva de coleta de dados que consiste na verbalização dos pensamentos dos sujeitos. Para a aplicação do Protocolo Verbal, foram selecionadas duas instituições de memória que possuem parte dos acervos constituídos por fotografias, a Fundação Joaquim Nabuco (Recife, PE) e a Biblioteca Setorial Padre Jaime Diniz, ligada a Escola de Música da UFRN (Natal, RN). De cada instituição foram selecionados dois bibliotecários indexadores. A justificativa para a seleção de quatro bibliotecários como público-alvo a ser estudado e, conseqüentemente, submetido ao Protocolo Verbal, gira em torno do fato de que esse instrumento de coleta de dados é minucioso e requer que o profissional selecionado verbalize o seu pensamento durante a atividade de indexação. Dessa forma, a análise dos dados obtidos por meio do Protocolo Verbal de quatro bibliotecários indexadores foi considerada suficiente por tratar-se de uma pesquisa exploratória. Além disso, outro fator que influenciou na quantidade de participantes foi a dificuldade em se encontrar profissionais especializados em indexação de fotografias.

Para fundamentar a pesquisa, primeiramente, foram esclarecidos os aspectos que constituem a fotografia como documento, passando por sua invenção, pelos primeiros modos de produção, pelos meios de utilização, buscando compreender como a fotografia é um

documento e suas funções enquanto documento, inclusive de registro da memória. Nesse sentido, será descrito o que vem a ser memória institucional e qual a sua importância para a sociedade. Em seguida, é abordada a função da fotografia como um dispositivo de memória, sobretudo para a memória institucional.

Posteriormente, descreve-se o que vem a ser a Organização do Conhecimento, bem como os fatos ligados ao seu surgimento, o objeto de estudo e paradigmas. Constituindo práticas da Organização do Conhecimento temos a indexação, a qual é aplicada tanto para documentos escritos quanto imagéticos. Nessa perspectiva, serão descritas propostas de metodologias para indexação de fotografias.

O principal objetivo do indexador é identificar o tema central da foto e encontrar a melhor forma de descrevê-la. Dessa forma, concluímos que os aspectos sóciocognitivos influenciam diretamente a indexação de fotografia. Desde a obtenção das informações pertencentes a foto até o momento da escolha dos descritores.

2 DOCUMENTO FOTOGRÁFICO

O fascínio pela representação da natureza e de seu cotidiano acompanha o ser humano desde o início da história. Conforme exposto na introdução, as pinturas rupestres são provas desse início. Uma grande nação da antiguidade, os Egípcios, escreviam através dos Hieróglifos, desenhos e símbolos que representavam seu dia a dia. Os mesmos também desenhavam nas tumbas dos faraós aquilo que os mortos gostavam de fazer e o que faria no período pós-morte.

À medida que a sociedade foi evoluindo, os métodos de representação do cotidiano, através das imagens, foram se adaptando ao surgimento de novas tecnologias, desenhos e pinturas se utilizaram do surgimento do papel para a sua expansão. Tintas, pincéis, lápis foram evoluindo, o que favoreceu a disseminação da arte.

Pode se dizer que a fotografia surge como um dos instrumentos de representação através de imagens. Nesse sentido, a fotografia retrata o real, o acontecimento em seu momento exato. Utilizada na arte e em outras ciências como fonte de informação, para entender sua importância para a sociedade, a sua função como documento, é necessário conhecer a sua história.

2.1 GÊNESI DA FOTOGRAFIA

A representação através das imagens foi evoluindo através das pinturas e desenhos. A câmara escura já era conhecida dos pintores no século XVIII, auxiliando em suas atividades. Mesmo com a utilização desse instrumento os traços dos pintores não ficavam perfeitos, porque a imagem vista através da câmara refletia a luz. Sem possuir um único inventor, a fotografia surge na Europa, mais precisamente na França e Inglaterra, no século XIX, no período da revolução industrial, devido aos estudos com a câmara escura e reações químicas à luz. Mesmo com o envolvimento de diversos personagens na criação da fotografia, os principais nomes citados são os dos franceses Daguerre e Niepce. Para Borges (2005), isso ocorre devido a reunião na Academia de Ciências e de Belas Artes na França, que serviu para apresentar ao mundo o daguerriótipo.

O historiador e fotógrafo Kossoy (2005), após estudos realizados, afirma que a fotografia foi inventada no Brasil por Antonie Hercule Romuald Florence (1804-1879). Em 1833, Florence usou a câmara escura e um papel com uma solução de nitrato de prata para conseguir fixar imagens. Inventou também a poligrafia, uma técnica de impressão permanente

usando negro de fumo e goma (KOSSOY, 2005). Porém, a história oficial não é essa. O nome de Hercule Florence é apenas citado nas pesquisas de Kossoy.

Joseph Nicéphore Niepce (1765-1833) foi um dos percussores da fotografia. Niepce estudava a litografia, no intuito de fixar desenhos em telas. Ao tentar aprimorar a técnica da litografia, o mesmo resolveu utilizar uma câmara escura, porém as imagens refletidas não eram de boa qualidade. Possuindo pouco conhecimento em química, numa das tentativas de fixar a imagem, resolveu pregar um papel molhado de cloreto de prata no fundo de sua câmara. Quando o papel secou, finalmente a imagem estava fixa no papel, porém o claro e o escuro ficaram invertidos.

Determinado em aperfeiçoar o trabalho com a câmara, alguns anos após as primeiras experiências, Niepce conseguiu captar a imagem refletida da luz. Ele sabia que muitos pintores utilizavam composto de asfalto. Passou o produto em vez de prata na chapa, colocou uma imagem translúcida na chapa e a expôs ao sol. Assim surgiu a Heliografia.

Em paralelo com Niepce, um pintor francês, chamado Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) também realizava pesquisas sobre como fixar imagens através das câmaras. Ao conhecer os experimentos de Niepce, Daguerre ficou ainda mais curioso sobre as possibilidades de fixar imagens nas telas. Em seu experimento, Daguerre, em vez de deixar a tela de prata exposta na luz, tirou-a imediatamente da câmara e a colocou no vapor de mercúrio, logo uma imagem apareceu. Desse modo nascia o daguerreótipo, instrumento de processo fotográfico. Segundo Fabris (2008, p.13), o sucesso do instrumento se deu porque

Proporciona uma representação precisa e fiel da realidade, retirando da imagem a hipoteca da subjetividade; a imagem além de ser nítida e detalhada, forma-se rapidamente; o procedimento é simples, acessível a todos, permitindo uma ampla difusão.

Daguerre vendeu sua invenção ao governo da França, e este a expôs, dando assim de presente para a humanidade. Em paralelo com Daguerre, no ano de 1839, na Inglaterra, o botânico William Henry Fox Talbot (1800- 1877), conhecedor de química e óptica, divulgou o seu processo fotográfico, o calótipo, um processo negativo/positivo. Segundo Amaral (2009, p.38):

A vantagem desse processo, em comparação com a daguerreótipia, era que o negativo permitia a geração de cópias positivas. Com o surgimento dos negativos de vidro, em 1860, o processo negativo/positivo desenvolveu-se espantosamente e o daguerreótipo deixou de ser fabricado.

As pesquisas sobre fotografias e as tentativas de aperfeiçoamento continuaram e no ano de 1851 o escultor inglês Frederick Scott Archer divulgou o colódio úmido. Mesmo com o processo um pouco mais complicado que o daguerreótipo, o custo era bem mais baixo, por isso o mesmo ficou conhecido como “daguerreótipo de pobre” (FABRIS, 2008). Além de possuir um custo menor, o negativo do calótipo era de melhor qualidade. O daguerreótipo já começara a entrar em declínio. A partir disso, a fotografia começou a fazer parte da vida das pessoas. Sobre o contexto no qual ela surgiu, Rouillé (2009, p. 31) explica que:

Os lugares, as datas, os usos, os dispositivos, os fatos: tudo comprova que a invenção da fotografia se insere na dinâmica da sociedade industrial nascente. Foi ela que assegurou as condições de seu aparecimento, que permitiu seu desdobramento, que a modelou, que se serviu dela. Criada, forjada, utilizada por essa sociedade, e incessantemente transformada acompanhando suas evoluções, a fotografia, no decorrer de seu primeiro século, como destino maior conheceu apenas o de servir, de responder às novas necessidades de imagens da nova sociedade. De ser ferramenta. Pois, como qualquer outra, sociedade tinha necessidade de um sistema de representação adaptado ao seu nível de desenvolvimento, ao seu grau de tecnicidade, aos seus ritmos, aos seus modos de organização sociais e políticos, aos seus valores e, evidentemente, à sua economia.

A sociedade industrial permitiu cenários perfeitos à fotografia para a sua criação e evolução. Com avanço das tecnologias os envolvidos com fotografias, as técnicas foram se aperfeiçoando e ela tornou-se cada vez mais difundida. A popularização da fotografia se deu de fato após publicações ilustradas e postais (AMARAL, 2009). No ano de 1851, Louis Desiré Blanquart Érvad (1802-1872) abriu na França o Imprimerie Photographique, laboratório de impressão de fotografias. Inicialmente as máquinas eram grandes e difíceis de manusear, as tomadas eram realizadas ao ar livre e houve uma grande procura por retratos.

Em função de sua expansão, lugares nunca antes vistos foram visitados por pessoas que não precisaram sair de casa. Também foi utilizada para fins científicos em expedições, quando os cientistas eram acompanhados de fotógrafos, responsáveis por retratar o que ocorria nas expedições e por, de certa forma, também ajudar a documentar as novas descobertas. Rouillé (2009, p. 38) descreve alguns profissionais interessados pela utilização da fotografia:

[...] ela suscitou imediatamente o interesse dos arqueólogos, dos engenheiros, dos arquitetos, dos médicos, etc. Todos aqueles que, em suas respectivas áreas, quiseram seguir os movimentos do mundo, utilizaram-na para confeccionar uma miríade de álbuns a respeito de monumentos longínquos ou nacionais, construções de pontes ou de ferrovias, agitações

urbanas, estudo das doenças de pele, observação de povoações indígenas, e evidentemente acerca de indivíduos próximos ou célebres.

Os processos fotográficos passam a ser extensão do corpo. Se antes era o lápis e o pincel na mão dos artistas que os auxiliavam na tarefa de representar o mundo através das pinturas e desenhos, agora surgia uma nova profissão: o fotógrafo. E com ela novos modelos de representar instantaneamente o mundo. Para muitos, a fotografia em si é mais do que uma ferramenta de representar o mundo, é uma ferramenta de captar o mundo tal como ele se apresenta. Segundo Rouillé (2009, p. 36), a fotografia deve ser utilizada para “captar forças, movimentos, intensidades, densidades, visíveis ou não; e não para representar o real, porém para produzir e reproduzir *o que é passível de ser visível*.” Nesse sentido as fotografias se tornaram essencial para a representação do que é realmente visível.

Nos Estados Unidos, em 1879, George Eastman fundador da Kodak Company, patenteia sua primeira máquina fotográfica. George substituiu as chapas secas de vidro — o colódio — por papel, e em 1888, criou a primeira câmera Kodak 100 vistas. Com slogan “aperte o botão, nós fazemos o resto”, a Kodak popularizou de vez o uso das máquinas fotográficas. Com isso, não só os fotógrafos poderiam utilizar os equipamentos, qualquer pessoa poderia fazer o trabalho e tirar fotos a qualquer momento, bastava apenas possuir a pequena câmera.

Um dos pontos fundamentais para a popularização da fotografia no final século XIX é utilização da gelatina na prata. Segundo Amaral (2009, p.42), “a vantagem da gelatina era sua durabilidade e suas propriedades físico-químicas, que não interferiam na nitidez da imagem e ainda tornavam as fotografias em suporte papel mais duradouras”. Ainda no fim do século XIX, os fotógrafos começaram a utilizar o papel para a impressão das fotografias. Assim, “basicamente, a utilização da gelatina como emulsão formadora da imagem e o papel foram os suportes utilizados para a tomada fotográfica até o advento da câmera digital” (AMARAL, 2009, p. 42).

Após sua invenção, essa abre caminhos para o aperfeiçoamento das artes visuais. Pintores e desenhistas se utilizavam de seu maquinário. Porém, a partir do daguerreótipo as mãos destes profissionais foram substituídas pela máquina. Como afirma Rouillé (2009, p. 31), “[...] anteriormente, nunca a mão do homem havia sido abolida. Ou seja, um limiar foi transposto com a fotografia que, enquanto imagem tecnológica, se distingue de todas as imagens anteriores, e anuncia uma nova série, que vão incluir-se principalmente o cinema, o vídeo e a televisão”. Parece clara a afirmação que a invenção da fotografia foi o primeiro

passo para o surgimento de novas tecnologias que se utilizam de imagens como o ponto central e que não se utilizam das mãos para a elaboração.

Com o passar do tempo, os grandes equipamentos deram espaço para as pequenas câmeras. Com a evolução das tecnologias, as câmeras analógicas foram substituídas pelas digitais. A partir disso não se fazia necessária a impressão das fotos, essas agora poderiam ser guardadas nos computadores pessoais. E atualmente não é necessário possuir uma câmera para tirar uma foto, basta possuir um celular com câmera embutida, ou seja, tudo e todos podem ser captados a qualquer hora, a qualquer momento.

Definida como “ato de escrever com luz” (RODRIGUES, 2007, p. 69), a palavra fotografia é originária do grego *phôs*, que significa luz. Pode se dizer que é o ato de fixar imagens através de meios químicos, a luz refletida em uma câmera escura. Para Dubois (2009, p. 27) “é a imitação mais perfeita da realidade”. Isso porque, em frações de segundos, a imagem a qual foi escolhida para ser retratada é captada pelas lentes, diferente das outras representações imagéticas, como a pintura que pode sofrer alterações por parte do pintor.

As fotografias servem não só como objeto de recordação e artefato de reconstrução da memória, mas também como arte e fonte de informação para diversas áreas. Como fonte de informação, vem ganhando destaque, sobretudo, devido ao avanço das tecnologias. Sobre o que é fotografia e sua função, Lima e Silva (2001, p. 7) afirmam o seguinte:

Uma combinação de luzes, penumbras e sombras que, em frações de segundos, se transforma num elemento visível e interpretável. Protagonista de incontáveis feitos científicos, artísticos, religiosos, psicológicos e afetivos do homem, é utilizada para captar, emocional, documental e plasticamente, a rotina de sociedades de origens e histórias diversas.

Dessa forma, as fotografias são capazes de retratar em si, através do seu referente, algo que não volta mais a acontecer. Porém, todos os seus aspectos ficam registrados. Com isso a fotografia carrega informação sobre fatos, sobre algo ou alguém. Para Sontag (2004, p. 16), “fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto”. Nesse contexto cabe exemplificar, através da foto de uma pequena garotinha chamada Kim Phuc, que aparece na fotografia correndo com o corpo queimado, junto a outras crianças. Essa foto refere-se à Guerra do Vietnã (1959-1975).

Figura 1- Guerra do Vietnã (1959-1975)



Fonte: Gisèle Freund (2008, p. 154).

A fotografia tirada por Huynh Cong "Nick" Ut retrata a violência da guerra, sobretudo entre os civis. Ganhadora do Prêmio Pulitzer de fotografia em 1973, é considerada a fotografia de guerra mais famosa de todos os tempos. Talvez porque seja uma criança, que não tem nenhum envolvimento com a guerra, que seja retratada na fotografia.

Muito antes desse fato, a fotografia já retratava guerra e outros fatos da sociedade. Com isso ela ganhou valor documental. O uso da fotografia como documento depende da situação de seu uso. Logo, serve de base para pesquisas em várias áreas do conhecimento, para a disseminação da informação através do fotojornalismo e periódicos e documento de prova nas mais variadas instituições existentes.

2.2 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO

Fotografia, de acordo com o conceito otletiano, pode ser considerado um documento. Mesmo não nascendo com essa finalidade, seu status como documento pode ser provado ao longo de sua história. Muitos ainda não a consideram como tal, porém sua aplicação em várias áreas do conhecimento prova a sua utilização. Desde sua criação, a fotografia é a imagem que melhor representa a realidade. Isso se deve ao fato da técnica por meio da qual é produzida. Basta apenas um *clic* ou, como era na época do daguerreótipo, apertar o botão, e de maneira natural à cena é captada.

Abrindo um parêntese, deve-se lembrar de que hoje, com o avanço das tecnologias, a fotografia pode passar por diversos meios de manipulação e transformação, e o objeto fotografado está passível de mudanças devido a essas tecnologias. Mas o que interessa neste

estudo é a sua capacidade de transmitir informação como documento. Amaral (2009, p. 60) diz que “a imagem-documental é denominada por ter como foco o registro da realidade, dispensando de forma geral, elementos qualitativos e estéticos”. Nesse sentido, a fotografia documentária é aquela que não foi manipulada, está em seu estado natural, registro puro do que foi fotografado, podendo ser encontrada tanto em negativos ou positivos.

O advogado e documentalista Belga Paul Otlet, considerado um dos pais da Documentação e pioneiro na Ciência da Informação, publicou em 1934, o *Traité de Documentation – le livre sur le livre*, uma síntese de suas intenções quanto a documentação. Assim, Otlet amplia o conceito de documento. A fotografia, juntamente com mapas, manuscritos e outros tipos de materiais, passa a compor a categoria de documentos não impressos. Partindo dessa argumentação, os documentos são novos tipos de fontes de informação e a fotografia ganha destaque dentro das que usam ícone como forma de transmissão da informação.

Seguindo os passos de Otlet, Suzzane Briet, em 1951, publica o *Qu’est-ce que la documentation?* e amplia o conceito de documento, ao incluir animais, tanto vivos, apresentados em catálogos, quanto mortos e dissecados em museus para exposição. Para Briet, o documento é todo signo, criado ou conservado para fins de informação. Todo documento é capaz de provar e evidenciar algo. A autora ainda classifica os documentos em primários e secundários. Sendo livros, jornais e animais vivos alguns exemplos de documentos primários; e fotografias, microfilmes, dossiês, exemplos de documentos secundários.

Buckland (1991), por sua vez, ao explicar o conceito de informação, garante ao termo sentido de informação como processo, informação como conhecimento e informação como coisa. Logo, a informação como coisa é toda aquela que pode ser registrada, expressa de maneira física. Com isso os dados, objetos e eventos tornam a informação tangível. Nesse sentido, conforme o autor, os documentos são tratados no sentido da informação como coisa, pois é algo informativo e estão materializados, seja em textos, imagens ou até mesmo réalias.

No que se refere a documento, Le Coadic apresenta também seu conceito:

Documento é o termo genérico que designa os objetos portadores de informação. Um documento é todo artefato que representa ou expressa um objeto, uma ideia ou uma informação por meio de signos gráficos e icônicos (palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras, símbolos), sonoros e visuais (gravados em suporte de papel ou eletrônicos). (LE COADIC, 2004, p. 5).

Como se pode ver, o documento pode ser qualquer coisa, objeto, desde que possua um caráter informacional. Este pode ser estudado por diversas áreas e servir não só para o registro da história, mas para provar, testemunhar e ensinar algo.

Ao explorar outras áreas do conhecimento, se pode observar outras definições para documento. O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 73) define documento como “unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato”. Os arquivistas classificam os documentos como audiovisuais (filmes, fotografias, iconografias), bibliográficos, cartográficos, digital, eletrônicos, especiais, micrográficos. Para a arquivologia, qualquer objeto passível de informação é um documento.

Em seus estudos sobre a memória, Le Goff (2003) apresenta de forma etimológica o termo documento, que significa ensinar. Ao evoluir historicamente, com o auxílio de alguns historiadores, o termo adquire o significado de provar. Para Le Goff, os documentos, junto aos monumentos, são formas de registrar, imortalizar a história, utilizado posteriormente para a recuperação da memória.

Com a amplificação do conceito de documento, não só a fotografia tornou-se um, mas também os mais variados suportes de informação. Logo, as fotografias e os demais objetos passaram a serem utilizados de diversas formas. Segundo Bucceroni e Pinheiro (2009) para Otlet a fotografia é o documento que melhor representa o conhecimento humano, por ser o mais próximo da realidade. O seu potencial documentário sempre o acompanhou, desde o seu surgimento, porém, com esse autor é que esse potencial passou a ser enxergado.

Mais do que ilustrar livros, a fotografia é utilizada para provar vários fatos históricos e estudos. Em seu percurso histórico, ela adquiriu várias funções. Para muitos, a sua principal função é ser documento. Isso se deve ao fato de que tudo pode ser registrado: a política, a cultura, os acontecimentos, as paisagens, ou seja, o mundo. Pode-se dizer que o valor documentário da fotografia foi construído socialmente. Dentro da Ciência da Informação, os estudos são voltados para áreas da memória, fotografia como fonte de informação e a representação da informação imagética. Sobre sua função enquanto documento, Albuquerque (2012, p. 38) descreve que:

Embora se sabendo tratar de uma representação do real, a fotografia adquire verdadeira credibilidade quanto a suas imagens e, graças aos registros constantes e experiências fotográficas, grande parte do que conhecemos hoje de pequenos e breves momentos passados – cidades, povos, ou seja, tudo o que foi registrado a partir do aparecimento da fotografia – são, além de recordações, documentos históricos que nos mostram, aliados a outras formas de expressão, importantes momentos que devem ser conhecidos para

se tornarem objetos que preservem a memória ou sirvam de estudos para esta ser construída.

Isso se deve ao fato de sua capacidade de representar o fato tal qual ele acontece ou aconteceu. Assim, além de ensinar sobre a história, as fotografias são capazes de provar como um fato ocorre. Nesse contexto, jornais, revistas, livros começaram a ilustrar suas páginas com fotografias. Para Castaminza (2002), isso se deve ao fato de essas ilustrações representarem, informarem, transmitirem e conservarem informações ligadas aos mais variados fatos, entre eles políticos, científicos, sociais e culturais, exercendo papel de documentos sociais.

Desde sua criação, as fotografias passaram a ser mediadoras entre a sociedade e a história, notificando acontecimentos reais. “O certo é que por meio da fotografia algo ou alguém situado em um determinado momento é objeto da câmera. Passa a ser registrado em um suporte que permitirá sua difusão, coleção e exibição” (CASTAMINZA¹, 2002, tradução nossa). O que era desconhecido se tornou conhecido pela sua capacidade difusora de informação. As mais variadas instituições colecionam-nas a fim de contar a história. Fotógrafos exibem-nas como verdadeiras obras de artes em exposições. E isso ocorre desde sua invenção. Para alguns autores, a fotografia, desde seu surgimento, é documento e depois que lhe é atribuído o valor artístico.

Utilizada para documentar uma guerra pela primeira vez, em 1855, a Guerra da Criméia, as fotos dos correspondentes do Times, na Inglaterra, transmitiram a desumanidade e as barbaridades que ocorrem em uma guerra. A partir desse fato, muitas outras guerras e outros fatos históricos foram retratados pela fotografia. Logo, as fotografias serviram para a construção de narrativas. As fotografias de guerra possuem uma grande força visual e um valor histórico impressionante.

A primeira vez que a fotografia foi utilizada em revistas foi por volta do ano de 1885. Porém, foi no ano de 1904 que o Daily Mirror da Inglaterra ilustrou suas páginas apenas com fotografias. O *Illustrated Daily News*, de Nova York após um intervalo de 15 anos, em 1919, foi a segunda revista a publicar um número somente com fotografias. Segundo Freund (2008, p. 96, tradução nossa), “a introdução das fotografias na imprensa foi um fenômeno de extrema importância”. Isso porque as fotografias nas revistas proporcionaram o descobrimento de fatos e eventos que ocorriam em outras cidades e países. Os rostos de pessoas públicas começaram a se tornar comuns para o cidadão.

¹ Documento online, não paginado.

Para Vigil (1996), o advento e o conceito de fotografia como documento se deu nos Estados Unidos, no ano de 1929, após a criação do *Farm Security Administration*, programa criado com o intuito de registrar, através de fotografias, os efeitos da crise econômica enfrentada no país. Foram mostradas as precárias condições de trabalhadores rurais, pessoas desempregadas, crianças famintas, migração de agricultores, carcaças de animais espalhadas nas estradas do país e outras cenas fortes geradas pela crise. Foram geradas aproximadamente 270.000 fotografias, das quais cerca de 170.000 podem ser encontradas na Biblioteca do Congresso Americano.

No que se refere a uma das suas funções como documento, surge o fotojornalismo. Nele, a fotografia é de fundamental importância, uma vez que, se torna a principal fonte de informação. Sontag (2004, p. 16) afirma que “uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu”. No fotojornalismo acontece exatamente isso, a foto é a prova de que algo aconteceu, dispensando até mesmo a utilização de textos grandes para a sua complementação. Nesse caso, é preferível a utilização de textos pequenos acompanhando as fotos.

Em locais em que os registros escritos sobre sua história se perderam, a fotografia assume o papel de fonte de informação e recuperação da história. No trabalho desenvolvido por Sato (2010) a autora descreve como as fotografias encontradas no acervo de uma igreja serviram de base para a reconstrução da história inicial da Colônia Esperança, localizada no município de Araongas (PR). As fotografias descritas por Sato mostram os primeiros momentos do povoamento da colônia, retratando fatos como a abertura da mata feita apenas por homens e a necessidade da caça para a alimentação.

Após a realização da pesquisa, as fotografias, datadas da década de 1930, mostram que, devido a mata ser fechada e de difícil acesso, apenas homens iniciaram a colônia. As famílias desses homens vieram para a colônia após a abertura da mata, quando as primeiras cabanas estavam erguidas. O trabalho em grupo também enfatizado nas fotos mostra quão difícil foi o início da colônia. Sato (2010, p. 16) afirma que “os resquícios históricos da comunidade ali presentes registram fatos que poderiam estar restritos somente à memória dos pioneiros, mas podem ser reconstituídos por meio dessas fotografias, hoje utilizadas para documentar este período em seu contexto social”. Nesse caso, as fotografias tornaram-se um valioso auxílio na reconstrução da história da Colônia Esperança.

Utilizada para retratar e descrever fatos, as fotografias também funcionam como documento de prova. E é no âmbito institucional que surge o valor de evidência e de prova das fotografias. Esse fator surge um pouco após sua criação, ainda no século XIX. Com essa

nova prática de registro visual do mundo, as instituições introduziram essa prática e iniciaram o seu acúmulo. Para Fujita e Madio (2008, p. 253), “as instituições que, de alguma forma produzem ou arquivam imagens fotográficas [...], preservam uma fonte histórica valiosa, passível de ser estudada [...]”. Nesse contexto, hospitais, fábricas, polícia, asilos, escolas, arquivos e outras instituições realizavam a guarda das fotografias como uma prática administrativa. Cada instituição com uma finalidade e propósito específico.

Para a polícia, a fotografia e o fotorretrato ajudam na identificação de criminosos e comprovação dos crimes. Fabris (2008) relata que entre novembro de 1871 e dezembro de 1872, em Londres, são realizadas mais de 370 prisões devido à identificação permitida pelas fotografias. Sobre o fotorretrato, Fabris (2008, p. 29) disserta que “permite estabelecer catálogos baseados nas características pessoais de indiciados e suspeitos, de acordo com um esquema bem preciso: tomadas de frente e de perfil”. Pode se dizer que, a partir desse fato, surgem as câmeras de segurança a fim de identificar os criminosos e também para inspirar a elaboração dos seus retratos falados.

Outra forma de utilização das fotografias pela polícia é para registro de um crime. Quando um ele acontece, os peritos, além de colher evidências, registram tudo através de fotografias. Assim, cenas que apenas poderiam ser imaginadas, podem ser observadas de fato e possuir um valor probatório para a justiça.

Na área da Medicina, o Hospital Salpêtrière, em Paris, foi o pioneiro a criar o serviço fotográfico, por volta do ano de 1878. As fotografias passaram a incorporar o serviço médico, eram e ainda são utilizadas no registro das doenças e patologias. O laboratório criado pelo hospital foi considerado um dos mais avançados da época, principalmente no que diz respeito à organização dos registros.

O potencial documentário da fotografia só aumentou e várias áreas do conhecimento se serviram dela. Sobre a fotografia como documento, Kossoy (2001, p. 25) afirma que “a fotografia [...] teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência”. O Jornalismo, a Geologia, a Geografia, a Arte, as Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia), Arquitetura e outras disciplinas.

Para Fujita e Madio (2008), é através da sua capacidade de representar o real, que a fotografia gera conhecimento. Ao visualizar a fotografia, o usuário tem a possibilidade de conhecer o que foi retratado. Assim, fotos como as tiradas por Huynh Cong "Nick" Ut, sobre a Guerra do Vietnã, explicitada anteriormente neste mesmo capítulo, tornam-se fontes de informação, que geram conhecimento.

Fotografia como documento é também um apoio para historiadores e estudiosos da memória. Nesse contexto, Kossoy (2001, p.3) afirma que “para os estudiosos da história social, da história das mentalidades e dos mais diferentes gêneros de história, assim como para os pesquisadores de outros ramos do conhecimento, são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado”.

Nesse sentido, cabe citar que instituições ligadas à memória vêm criando acervos compostos por fotografias. Um exemplo disso é a criação do projeto The Commos lançado em parceria do Flickr com a Biblioteca do Congresso Americano, com intuito de recuperar informações sobre os acervos de fotografias através dos seus usuários. Um dos fatos que chamam a atenção é a grande quantidade de instituições que aderiram ao projeto não só nos Estados Unidos, mas no Canadá e em Países da Europa. Essas fotografias ajudam a contar um pouco da história de seus países.

Entre as instituições de memória que utilizam a fotografia como documento está o arquivo. O início da utilização das fotografias em arquivos ocorreu por volta de 1840. Os países da Bélgica e Suíça, juntos ao Estado Americano da Califórnia, criaram arquivos de fugitivos criminais da polícia. Por ser uma invenção mais nova que os documentos textuais, demorou certo tempo a adquirir valor como documento de fato. Porém, é no século XX que a fotografia dentro dos arquivos passa a ter um valor de destaque. A aquisição de fotografias por arquivos é considerada uma transformação apreciável para os estudiosos (LACERDA, 2012). Mesmo com a predominância dos documentos textuais em arquivos, a fotografia vem ganhado espaço em suas estantes.

Capazes de transmitir informação de forma documentária, por ser um meio dinâmico, possuem valor significativo mesmo que quem a produziu não tenha conhecimento de sua importância. Podem ser utilizadas de diversas formas, na junção com outros documentos ou separadamente. Um fator importante para a utilização da fotografia é a sua origem. Diferente de textos nos quais se pode ler que tipo de informação se trata, é através da origem, de quem a criou² que se descobre sua finalidade.

Nesse contexto, em sua maioria, a criação dos acervos fotográficos está relacionada à própria história do arquivo. “Imagens como documento de arquivo são aquelas que, além de veicular conteúdo os mais diversos, são antes e, sobretudo, produtos das ações e transações de ordem burocrática e/ou sociocultural responsáveis por sua produção” (LACERDA, 2012, p. 285). Descobrir em qual acontecimento dentro da instituição a fotografia foi gerada é o

² Das muitas características dos documentos de arquivo, uma é a sua relação com atividades que o gerou. Em sua maioria estes são gerados dentro do próprio arquivo, gerados pelas atividades administrativas

primeiro passo para a sua utilização. Dessa forma, sua função dentro da documentação da instituição será encontrada.

A guarda das fotografias nos arquivos depende do objetivo do mesmo. A principal ligação das fotos com os arquivos é o vínculo institucional. Mas não é somente o que é produzido dentro das instituições que é guardado. Assim, como museus e bibliotecas, os arquivos recebem doação. Se o arquivo se propõe a guardar a documentação de determinada personalidade, é natural que isso ocorra.

O desconhecimento da origem das fotografias em arquivos implica muitas vezes na não utilização das fotos. Isso porque, sem esse conhecimento, a fotografia pode representar qualquer coisa e não aquilo para o qual a sua produção foi destinada. Para serem consideradas documento de arquivo, as instituições devem assegurar o acesso à informação da foto. Nesse contexto, quando a fotografia for vista com menor valor informacional, se perde a compreensão de suas funções administrativas, afetando o seu valor probatório.

Uma crítica, que ocorre por parte dos arquivistas, diz respeito à organização das fotografias. Alguns arquivistas alegam que as fotografias em arquivos não recebem o mesmo tratamento recebido pelos materiais textuais. Quando isso ocorre, se perde o valor probatório de uma ação ocorrida na instituição.

As fotografias têm sido sistematicamente organizadas de acordo com o valor informativo do conteúdo da imagem em detrimento de seu valor de prova e do registro da ação documental que as originou, além de serem consideradas, em muitos casos, peças únicas, descritas individualmente, mesmo quando pertencentes a conjuntos documentais mais amplos, em descompasso com os próprios fundamentos da arquivística, que preconizam tanto a manutenção dos vínculos documentais quanto a importância vital da preservação da proveniência dos registros. (LACERDA, 2012, p. 285).

Nesse contexto, quem deveria guardar as fotografias por assunto eram as bibliotecas. Nos arquivos as fotos podem ser documentos únicos ou constituir um conjunto de documentos. Se organização não for de forma adequada, logo se perde seu valor informacional. A fotografia é algo polissêmico e pode ser usada de diversas maneiras, porém nos arquivos é documento de prova. É a contextualização da produção que será o primeiro passo para uma organização eficiente das fotografias.

A utilização de fotografia dentro da arquivologia é diferente da utilização dos historiadores, dos cientistas da informação, dos médicos e outros. Na Arquivologia as fotografias como documento são consideradas únicas com relação ao tema. Diferente da Medicina, por exemplo, que qualquer foto sobre Câncer de mama pode representar um Câncer

de mama. Mesmo sendo única, a fotografia está ligada a um único tema ou um conjunto de documentos. Vista como documento de prova, sua utilização tem apenas um fim e não vários. Muitas vezes, os usuários desses documentos não levam em consideração esse fator e fazem uso isolado das fotos, dessa forma o seu caráter de testemunhar não é percebido, tão pouco utilizado.

A fotografia é um documento novo, do século XIX, talvez por isso muitos ainda não reconheçam seu potencial documentário. Para Albuquerque (2012), mesmo com sua utilização logo após a sua criação, as fotografias ganharam espaço nos arquivos aos poucos e ainda sofrem preconceito, tanto na sua utilização quanto na sua organização dentro das instituições. Muitos não percebem o potencial informativo que a fotografia possui. Ainda segundo a autora, a entrada desses documentos nos arquivos ocorreu porque a sociedade em geral estava sedenta por possuir os mais variados documentos de prova, desde coleções particulares até institucionais. Logo, as fotos provavam a existência de pessoas, coisas e acontecimentos. Assim, guardar fotografias foi se tornando algo natural.

A fotografia em arquivos desmitifica o caráter de obra única atribuída às fotografias artísticas, embora esse valor possa estar presente em vários exemplares de um arquivo. O caráter serial dos arquivos — que evidencia a produção em série de documentos — tem no aspecto quantitativo um fator que reforça a ideia de autoridade dos documentos e, no caso das fotografias, se alivia ao efeito realista do discurso fotográfico, contribuindo para conferir seu caráter de prova. (LACERDA, 2012, p. 289).

Nesse caso, a produção de fotografias dentro das rotinas administrativas é o que garante seu o seu valor de prova. Analisar fotos de determinadas épocas ajudam a construir o passado, pois elas aproximam o passado do presente. Suporte para construir e reconstruir a história, alguns historiadores, às vezes, se apoiam mais em textos do que em fotografias, utilizando-as apenas como meras ilustrações. Refutando essa atitude, Vigil afirma que:

o valor da fotografia como documento é indiscutível por ser um reflexo, uma cópia fiel, daquele instante, no momento em que se necessita de uma prova. Tempo, imagem, lugar, são fixados em uma fração de segundo para a eternidade. É um grande documento válido em nosso século. [...] este valor só aumenta com o passar do tempo. (VIGIL, 1996, p. 166, tradução nossa).

Nesse contexto, a fotografia é documento devido a seu alcance em captar o real, sem nenhuma interferência por parte de quem registrou. O momento que foi captado não volta mais, só a fotografia para congelar o tempo, se tornando o registro visível de fatos,

considerado uma peça importante para o momento histórico. Colaborando com esse pensamento, Lopez (2005, p. 4, tradução nossa) afirma que “as fotografias documentais nasceram para testemunhar um determinado acontecimento, imagens da vida, de modo que o fotografo levantou uma espécie de depoimento da realidade através da câmera”. Isso se deve não só ao caráter tecnológico da fotografia, mas também ao aperfeiçoamento do modo de produção da mesma. Esse avanço na tecnologia proporciona a facilidade na sua execução, assim como se tornou algo popular na sociedade em geral, se tornou algo natural, nas ciências e nas mais diversas instituições.

Utiliza as mais diversas formas, com a capacidade de representar fidedignamente fatos, acontecimentos e histórias, a fotografia prova seu valor documental. Mesmo sendo polissêmica, ao ser aplicada no devido contexto e se conhecendo sua origem, é, sim, uma fonte de informação importante para a sociedade em geral, e isso é comprovado a partir dos estudos sobre sua história. Assim, o documento fotográfico é fonte de informação. Logo, esse documento pode ser útil no que se refere à memória, sobretudo a memória institucional.

3 MEMÓRIA INSTITUCIONAL

O presente e o passado sempre foram objetos de interesse para a humanidade. O mesmo fascínio que levou o ser humano a registrar seu cotidiano desde os primórdios de sua história foi o que impulsionou a conservar suas lembranças. E as lembranças do que se viveu, sentiu no passado fazem com que cada pessoa seja única. A capacidade de guardar lembranças foi denominada memória. Entendida como um fenômeno social e uma função psíquica, a memória é propriedade de conservar biologicamente certas informações e elementos, sobre fatos vivenciados.

Original do latim, segundo Anjos et al. (1995, p. 427 apud SILVA, RODRIGUES, 2014, p. 4890), a palavra memória significa “faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente. Significa também lembrança, reminiscência, recordação [...]”. Mais especificamente significa lembrar, rememorar. Numa visão geral, é a capacidade de adquirir informação e evoca-la quando necessário o seu uso.

Na visão de Chapouthier (2005, p. 9), “é a capacidade que certos seres vivos têm de armazenar no sistema nervoso, dados ou informações sobre o meio que os cerca, para modificar o próprio comportamento”. É preciso ressaltar que a memória não é somente a lembrança por si só dos fatos, mas, sim, o seu significado para o presente do indivíduo ou grupo, colaborando para a composição não só, do presente como também do futuro. E esse significado, dado as lembranças, pode influenciar o seu comportamento, como afirma Chapouthier (2005).

A memória permite a assimilação das experiências, da vivência do indivíduo, mesmo que inconscientemente, é portadora de emoções. Fornece informação para a compreensão do eu. Sobre o passado, Bergson (2006) afirma que é algo que segue o ser humano a todo instante. “O que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente” (BERGSON, 2006, p. 47). É em contato com a rememoração do passado que se adquire novos sentidos para atos presentes e futuros. Dessa maneira, se pode comparar o passado e o presente e a memória se torna algo fundamental para o futuro.

Por intermédio da rememoração do passado, pode se ter um auxílio em relação a problemas futuros. A memória não é algo estático, pois é no presente que encontra significado. As lembranças estão em constante movimento, sobretudo, quando os suportes e ambientes entram em contato com o indivíduo. Com a memória, é permitido a reconstrução, renovação das convicções de hoje, com base em experiências passadas.

Memória é a faculdade que acondiciona informações de caráter ligadas ao individual e ao coletivo. Só é acionada quando se depara com algo que traz lembranças, lugares, pessoas. E essa memória é compartilhada por um determinado grupo, pode ser na igreja, na escola, na universidade, no próprio bairro ou em outros. Para Pollak (1992), a memória é algo que é formado no coletivo e passa por constantes mudanças. Assim, ao longo da vida do indivíduo, ao viver os mais variados acontecimentos, a sua memória muda e está em constante construção.

Pollak (1992) apresenta os elementos que constituem a memória, seja ela individual ou coletiva. Ao entrar em contato com esses elementos, o indivíduo ou o grupo trazem à tona as lembranças. São eles:

- a) Acontecimentos vividos pessoalmente;
- b) Acontecimentos vividos por tabela;
- c) Pessoas e personagens;
- d) Lugares.

Os acontecimentos vividos pessoalmente são os fatos em que o indivíduo participa diretamente, pode ser uma dança, um nascimento de um filho. Os acontecimentos por tabela são do grupo, um acontecimento que talvez o indivíduo não tenha participado efetivamente, porém o mesmo pode significar algo para ele, como, por exemplo, as manifestações contra governos. Pessoas e personagens são as pessoas que vivenciam os fatos vividos pelos indivíduos, um exemplo seria manifestantes. Lugares da memória são onde os fatos ocorrem, como uma universidade, um hospital. O conjunto constituído por estes elementos, segundo Pollak, formam a memória.

Segundo o autor, parte da memória é herdada. Essa herança não se refere somente à vida física do indivíduo, parte das mutações que ocorrem ao longo da vida do indivíduo, mas, sobretudo, no presente momento. Quando o indivíduo passa por momentos preocupantes na vida, essas preocupações passam a construir um pouco de sua memória, essas preocupações podem ser pessoais ou coletivas.

Um dos elementos ligados à memória é a identidade. Pollak a define como:

A imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida de maneira que como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204).

A identidade é o que forma a personalidade tanto do indivíduo quanto do grupo. Não é algo estático, está em constante transformação. A identidade tem sua referência na memória, nas atitudes, vivências e nos outros. Determina o comportamento com relação a si e aos outros. Segundo Bergson (2006, p. 48), “com efeito, que somos, que é nosso caráter, senão a condensação da história que vivemos desde nosso nascimento, antes dele, até já que trazemos conosco disposições pré-natais?” Nesse contexto, a identidade é constituída ao longo da vida. Seria algo herdado, constituída no primeiro momento de vida que é o ventre das mães e unida ao conjunto de fatos ocorridos na vida, desde a primeira infância até a fase adulta. Bergson ainda complementa seu pensamento afirmando que “é com nosso passado inteiro, inclusive com nossa curvatura de alma original, que desejamos, queremos, agimos” (BERGSON, 2006, p. 48).

A identidade é o elemento por meio do qual se reconhece e diferencia o indivíduo. Apresenta características pertencentes e únicas do indivíduo que estão intimamente ligadas à sua personalidade. É construída por meio da sua relação com a memória. Assim, a identidade torna o indivíduo capaz de se reconhecer, com relação à sua continuidade no perpassar do tempo.

É atribuído à identidade um meio de categorizar indivíduos e grupos sociais. Oferecendo suporte na diferenciação de indivíduos entre indivíduos e grupos sociais entre grupos sociais, a identidade fornece ajuda ao se posicionar com relação ao mundo. A afirmação do ser ou do grupo é reconhecida pela identidade. A identidade dos grupos está diretamente ligada à identidade individual, pois as características semelhantes de cada indivíduo é que contribuirá para a formação dos grupos sociais. Logo, a identidade, assim como a memória, é fundamental para a vida em sociedade.

A memória é o único instrumento através do qual ideias e palavras podem ser reunidas, fugindo, assim, ao império do imediato: imprime as direções do tempo e permite uma continuidade social. Sem ela não seria possível manter alianças nem contratos, que não poderiam ser mantidos ou cobrados. Desapareceriam os elos sociais e própria noção de sociedade. Por fim, desapareceriam as identidades individuais e coletivas, assim a própria possibilidade de conhecimento. Portanto, a memória se constitui como princípio de todo fundamento e transmissão cultural. (CRIPPA, 2010, p. 81)

Logo, a memória é fundamental para a sociedade, pois a cultura só pode ser vivenciada, porque a memória permite que sejam rememorados os fatos e assim a construção da identidade. É através da memória que se produzem os hábitos e costumes através das experiências vividas, e isso é fundamental para a formação dos grupos sociais. A memória é

imprescindível na autoafirmação do indivíduo diante de suas convicções relacionadas aos seus grupos sociais.

Assim como a identidade é coletiva, a memória também é. A memória coletiva é a memória constituída por lembranças de um determinado grupo, dos grupos sociais. Para Halbwachs (2006, p. 30), “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”. A memória coletiva se refere a uma identidade coletiva, que se manifesta através das lembranças contidas no coletivo, explicando assim experiências vividas no passado. Logo, a memória coletiva seria a memória social e se torna fundamental para a sociedade.

Ao participar das mais variadas interações sociais, devido ao fato de não se pertencer somente a um único grupo social, os indivíduos apresentam diversas memórias, que são resultados dos percursos históricos de sua vida e constituem sua memória individual. Essas memórias, ao serem partilhadas nos grupos ao qual pertencem, tornam-se coletivas, ou seja, a memória coletiva se torna o resultado das interações sociais de cada indivíduo e parte constituinte da memória individual.

Nesse contexto, a memória seria parte de um conjunto social, onde indivíduos não estão isolados, dependendo das estruturas sociais, fatos sociais, interagindo uns com os outros e guardando o que somente é pertinente, através de uma adesão afetiva e esquecendo o que não lhe convém. O indivíduo ao se entrar em contato com outro indivíduo, ajuda a recordar os fatos e eventos, mesmo que não tenha participado diretamente. Assim, as recordações são coletivas. Cada memória individual, como afirma Halbwachs, (2006, p. 69) “é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. A memória coletiva faz surgir novas opiniões e ideias, inspira reflexões e pensamentos.

Por sua vez, a memória social está ligada aos grupos sociais. Essa memória transpassa os aspectos da memória individual. Está ligada à relação existente do indivíduo e o grupo social ao qual pertence, família, partido político, igreja, trabalho. Esses grupos sociais produzem registros que, compartilhados, permitem a construção de sua identidade. Os estudos sobre a memória social tiveram seu advento no século XX, quando começaram os estudos históricos das empresas, mulheres, sindicatos.

Ao se conhecer as diferentes perspectivas da sociedade, conhecia-se o mundo. Segundo Gondar e Dodebei (2005) a memória é naturalmente social. Isso porque, mesmo que não se queira, está-se de alguma forma inserido em grupos sociais, uma vez que o nosso primeiro grupo social seria a família. Os grupos sociais são grupos de referências para o

indivíduo. Cada grupo social é composto por determinados indivíduos, que, ao partilharem sua memória, permitem a construção de uma memória coletiva, e assim geram uma identidade coletiva. Ao se tornar social, a memória se torna depósito da herança das civilizações e povos, das castas, classes sociais, tribos e famílias. É com base nas características dos grupos, geradas através da memória, que os membros são agrupados e desagrupados. Aquele indivíduo que possui a identidade reconhecida com relação ao grupo, permanecerá como membro.

Para Le Goff (2003), a memória coletiva é dos povos sem escrita, nos quais a memória é transmitida de forma oral, através das narrações dos mitos e realizações dos rituais. E a memória social é onde a escrita surge como suporte na transmissão da memória. Assim, documentos e monumentos são testemunhas dessa memória. Ainda para o autor, o estudo da memória social é fundamental para entender os problemas da história.

Em se tratando de memória, surge um questionamento: para a memória ser disseminada, ela tem que estar registrada? Se sim, como a memória dos gregos foi repassada? Ora, a memória pode ser repassada de maneira oral. A memória oral é das narrações, mitos, ritos e costumes. Esses eram os mecanismos de transmissão da memória, gravadas nas mentes dos que constituíam o grupo social, repassada de geração em geração. A escrita permitiu que a memória fosse registrada nos mais diversos suportes, argila, pedras, barro, pergaminho, papiro, papel.

A transferência da conservação da memória em forma oral para sua representação em um registro escrito significa pelo menos duas coisas: limita danos que a morte, enquanto desaparecimento do portador da memória, provoca, e permite, ao mesmo tempo, que a quantidade de informação armazenada aumente, não somente individualmente, mas em formas compartilhadas com outras memórias. (CRIPRA, 2010, p. 83).

Com o surgimento da escrita, a guarda da memória passou a ser uma prática. Porém nem todos concordam que a memória escrita signifique a transmissão total da memória. Com a passagem da memória oral para a escrita, os rituais, os contos foram substituídos pelos livros, objetos e computadores, significando que apenas parte do que foi vivenciado foi transmitido.

É através da escrita que se permite o gerenciamento da memória, ou seja, o registro documental da memória. O registro documental permite o tratamento, a preservação da memória. Nesse contexto, os lugares de memória surgem na perspectiva de preservar a memória. Essas instituições guardam, preservam e promovem o acesso ao patrimônio

memorial e cultural das sociedades a que servem. Foram criadas para evitar perda da identidade coletiva.

Quando o indivíduo ou os grupos se deparam com os lugares de memória, esse tem a oportunidade de encontrar o saber, o conhecimento de sua própria cultura. São nesses espaços que a cultura e a ciência são preservadas, lugares de recordação individual e coletiva. Os lugares de memória perpassam a materialidade do documento, permite um significado único, delimitado pelo tempo e espaço, contribuído na constituição de opiniões. Dodebei e Gouveia (2008, p. 2) afirmam que “o medo do esquecimento é o que faz produzir meios de memória. Esses meios de memória se apresentam como nossas memórias auxiliares, pois sabemos que biologicamente é necessário esquecer para armazenar”. Com a criação dos lugares de memória foi possível guardar documentos que auxiliam a perpetuação da memória, se tornando lugares de cunho afetivo e cultural.

Museus, bibliotecas e arquivos são instituições de cunho social e estão em constante transformação. Novas formas de disseminar a informação estão surgindo nesses ambientes. Se antes museus, bibliotecas e arquivos eram os responsáveis pela disseminação e guarda da memória, atualmente as redes sociais, plataformas de compartilhamento, repositórios digitais, agências de músicas on-line e outros mecanismos disponíveis através da internet podem ser considerados instituições de memória emergentes.

Em se tratando de memória, o esquecimento é um dos seus constituintes. O esquecimento é algo característico da memória. Essa característica diz respeito ao biológico do ser humano, que é incapaz de guardar tudo e isso ocorre para que não se trave o cérebro com muita informação. É preciso esquecer para lembrar.

Nem todos possuem a memória do poeta grego Simônides, autor de vários poemas em relação aos heróis e batalhas gregas. Simônides era possuidor de uma memória perfeita, capaz de lembrar de detalhes, que não seriam guardados pela maioria das pessoas.

Simônides, altamente estimado por sua capacidade poética (de versejar, portanto de lembrar) foi convidado a cantar pelo rico Escopas. Em troca de um pagamento, o poema cantou Os gêmeos divinos Castor e Polux e sua relação com Escopas. Simônides, porém, recebeu somente a metade da recompensa, pois Escopas afirmou que devia cobrar o resto dos gêmeos. Simônides foi chamado por um criado para atender dois jovens à porta e, durante sua ausência, o teto do salão do banquete desmorona, matando todos os convivas. Os gêmeos, salvando sua vida, pagaram o poeta. O acidente tornara irreconhecíveis os corpos e foi Simônides que, graças a sua prodigiosa memória, os reconheceu: o poeta lembrava a ordem em que cada pessoa estava sentada, podendo assim atribuir um nome a cada corpo. (CRIPPA, 2010, p. 89).

Não é possível lembrar tudo, como Simônides lembrava, nem mesmo quando os fatos são recentes. Sempre algum detalhe foge das lembranças. Não existe memória sem esquecimento. Mesmo com a tentativa de se guardar tudo que é produzido com exatidão, isso não é possível. Uma parte dessa memória não será registrada, assim deixará de existir, será esquecida. Para Pollak (1992, p. 204), “a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado”. Isso porque se guarda apenas o que realmente importa, o que é significativo. Sempre ocorre uma seleção do que se guarda. Como a memória está ligada a emoções, só se guarda o que se considera importante. Aquilo que para o indivíduo é indiferente, será desprezado, o que não é pertinente a ele será esquecido.

A memória é algo natural. “É preponderante perceber que diferentemente da História, a memória não é algo intencionalmente produzido, mas recuperado através de interpretações de relíquias, entendidas como elementos residuais da ação cultural humana” (HOLANDA, 2011, p. 54). Isso ocorre não só com a memória individual e coletiva, na memória das instituições isso também ocorre. É através dos documentos produzidos ao longo da trajetória de cada instituição que se tem acesso a sua memória.

A memória institucional, das instituições (que não são necessariamente instituições de memória) é importante para a sociedade, pois está ligada à memória social. Tem seus estudos nas áreas de Ciência da Informação, Administração, Arquivologia, Educação e Comunicação. Santos (2014) afirma que ao se guardar os mais variados documentos, as instituições formam a sua memória institucional. O documento “reflete o conjunto de suas atividades, sua trajetória e sua história” (SANTOS, 2014, p. 41). As instituições têm que compreender que essa memória é fundamental para a própria instituição. O conhecimento dos registros dos fatos e pessoas é importante para a reconstrução de sua trajetória perante a sociedade. Cada documento, cada lembrança é um constituinte dessa memória.

A memória institucional é um meio de comunicação com a sociedade. Como parte integrante da sociedade, tem um papel fundamental na formação da memória social.

A memória é um elemento primordial no funcionamento das instituições. É através da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade, retendo apenas as informações que interessam ao seu funcionamento. Há um processo seletivo que se desenvolve segundo regras instituídas e que variam de instituição para instituição. Tendo em vista que as instituições funcionam em rede no campo social, o limite de uma instituição é outra instituição. (COSTA, 1997, p. 145).

Por meio da memória institucional, se entra em contato com a história das práticas da instituição, do que foi instituído. Ao se fortalecer a identidade de uma instituição, essa tem a possibilidade de originar e gerar conhecimento. A partir da memória, se pode planejar as atividades futuras a fim de não perder sua identidade. Ao se gerar conhecimento, nos mais variados âmbitos da sociedade, as instituições geram regras de convivência. Segundo Oliveira (2012, p.49), “Essas convivências, formalizadas ou não, formam o conjunto de experiências e de práticas que por sua vez, formam a memória da instituição”.

Componente fundamental para as instituições, a memória é a maneira como a instituição se apresenta à sociedade a qual pertence e como se relaciona com seu público. Ao se conservarem informações pertinentes ao seu funcionamento, a memória está em contínuo desenvolvimento, visto que as instituições estão sempre em movimento. “A MI (sic), mesmo ainda não realizando todas as suas premissas na prática, é reconhecida por muitos devido ao seu potencial de agregar valor aos negócios, aos relacionamentos e à reputação das instituições” (MOLINA; SANTOS, 2014, p. 11).

As buscas por informações constituintes de sua memória podem ocorrer dentro e fora das instituições. A memória institucional será desenvolvida de acordo com as características da instituição, é um processo seletivo. Nesse contexto, a memória institucional produz informação para a inovação. Com isso, é possível o aperfeiçoamento das próprias atividades da instituição. Isso só é possível se essa memória estiver organizada em suportes práticos, como documentos. Pode até se basear na memória oral, porém tem que se registrar de forma escrita, assim se garante a sua preservação e gerenciamento. Esses documentos garantem a perpetuação da memória.

um acervo de memória pode ser constituído por documentos que possibilitam, [...] após a identificação dos tipos documentais, o estabelecimento da tipologia documental, que proporciona o conhecimento da tramitação que o documento percorre dentro de uma organização, propiciando rápido acesso, recuperação e uso, por parte de quem dele necessita, acarretando o aumento da eficiência e eficácia organizacional. Esta organização documental é imprescindível a estruturação da memória institucional/organizacional. (MOLINA; SANTOS, 2014, p. 10).

São os documentos que garantem a segurança do registro da memória institucional, surgem para a contribuição na preservação das recordações. Porém, a memória institucional não é composta somente por documentos. O indivíduo ao qual trabalhou na instituição e lhe serviu de alguma maneira, retém em si a memória institucional. Cada indivíduo possui o seu

ponto de vista e se torna peça fundamental para a reconstrução da memória institucional. Essa visão dos indivíduos garante um olhar generoso sobre a história da instituição.

Ao se encontrar com a documentação, não são somente as atividades que serão melhoradas, mas também a permissão para situar a instituição no espaço e tempo ao qual pertence. Com o conhecimento adquirido em relação à instituição, é possível a compreensão das transformações vividas por ela, tanto burocráticas quanto administrativas. Nesse sentido, a memória institucional proporciona a percepção da instituição no todo e compreende a sua identidade.

Pode ocorrer que, com o passar do tempo, a identidade da instituição passe a ser questionada ou venha ocorrer a perda de suas características. É por meio da memória institucional que se consegue responder a esses questionamentos e se consegue unir todos os componentes para a formação dessa identidade, pessoas, fatos e documentos.

É na área da Comunicação em que se encontram alguns estudos sobre a importância da criação de programas de memória institucional. Esse pensamento está referendado na ideia de que ocorrem perdas nas histórias das instituições por falta de uma política de reconhecimento dessa história. Costa (1995) já defendia a criação de políticas de meio de organização da memória institucional.

Acreditamos ser fundamental, para o desenvolvimento da memória institucional, a definição de Caminhos (métodos, políticas, meios adequados, etc.) a serem percorridos tendo por objetivo a sua organização. Tais caminhos deveriam ser fundados numa política de memória voltada para ação. Tal política visa alcançar dois objetivos fundamentais: 1) organizar o acervo histórico (bibliográfico, arquivístico e museológico, etc.) de modo a preservar as informações que as instituições e seus agentes produzem; 2) divulgar (transmitir, disseminar) a memória institucional através de ações específicas (programas, projetos) não apenas no interior da(s) própria(s) instituição(ões), mas também no âmbito das sociedades nas quais se inserem. E esta divulgação precisa ser feita através de programas comprometidos com a memória histórica e não nos estreitos limites da história oficial discriminatória. (COSTA, 1995, p. 45-51).

Nesse contexto, a memória institucional estaria organizada, passível de tratamento e disseminação. Logo, essas políticas permitiriam o compromisso da construção dessa memória, por parte não só dos funcionários, mas sim, dos membros usuários. E se torna a oportunidade de demonstrar a sua importância histórica enquanto parte da sociedade. Esses programas de construção da memória institucional são meios de se valorizar a instituição perante a sociedade. Em função da organização e disseminação, Barbosa (2010, p. 42) afirma que:

a Memória Institucional consiste numa (re)construção de fatos e acontecimentos significativos da trajetória e das experiências da organização, selecionados e (re)organizados com o objetivo de estimular o processo de (re)construção de uma identidade comum entre esta e seus públicos de interesse.

Pode se perceber que, por meio da memória institucional se transforma a história em memória. São reconhecidos os pontos importantes da trajetória da instituição com relação ao meio em que está inserida. Dessa maneira, a memória institucional compõe a identidade dos indivíduos ao qual está ligada, funcionários e usuários. Mas isso só ocorrerá se for reconhecida por parte da instituição. Sem a organização e disseminação da mesma, a sua história não poderá ser reconhecida.

O Instituto Nacional de Cancerologia, na Colômbia, percebendo a importância que tinha a sua história para a sociedade, como forma de comemorar 80 anos de história (1934-2014), resolveu organizar e divulgar a sua memória institucional. Dessa forma, desde o ano de 2013, iniciou-se um projeto para a recuperação da memória institucional e patrimônio material e imaterial do instituto. O primeiro passo para essa divulgação ocorreu em forma de exposição dos objetos e documentos que pertencem ao instituto. Após a exposição temporária, o próximo passo do instituto a fim de disseminar a sua memória é a publicação de um livro, visto que muitas histórias ocorreram ao longo da sua trajetória. A justificativa para essa construção e divulgação da memória é dada por Garcia e Moltavo, que são coordenadoras do projeto:

A instituição se propõem em mostrar a história e a importância do Instituto Nacional de Cancerologia como entidade pioneira em investigação, prevenção e tratamento na Colômbia, e modificar a visão que a comunidade a respeito da enfermidade, resgatando sua importância histórica e social, por meio das vozes e testemunhos de quem faz parte de sua comunidade: profissionais da saúde, pacientes, familiares, empregados, aposentados, voluntários e benfeitores”(GARCIA; MOLTAVO, 2014, p. 100, tradução nossa).

Percebe-se claramente, ao se conhecer o exemplo do instituto, que o que foi descrito com os teóricos do que se constituiria a memória institucional é aplicado à realidade. O instituto uniu toda a sua documentação, organizou e, juntamente com os relatos da comunidade envolvida no seu funcionamento, foi capaz de reconstruir sua história e com isso a memória institucional. Com a divulgação para a sociedade, apresentou a sua história e

demonstrou o quão importante é para a área da saúde na Colômbia e como a sociedade também faz parte de sua memória.

É no contexto das políticas e programas de construção da memória institucional que se reconhece a importância dos documentos para a instituição. Os documentos carregam as informações necessárias para o reconhecimento da memória e se tornam instrumentos nessa construção. Partindo desse princípio de que a memória institucional é constituída não só pelas pessoas, mas pela junção dessas com os documentos, as fotografias são documentos e constituem os acervos das instituições. Cabe dizer, portanto, que a fotografia pode ser um dispositivo de memória institucional.

3.1 FOTOGRAFIA COMO DISPOSITIVO DE MEMÓRIA

A associação das fotografias com a memória é um dos aspectos mais compreensíveis de seu uso. É notório que ao se deparar com uma fotografia essa remete a recordações. Quando se observa uma fotografia está-se propenso a criar narrativas sobre algo, rememorar-se fatos e ter-se certeza de que algo foi realmente vivido. A passagem do tempo é legitimada quando se observa. Segundo Azevedo Netto (2007, p. 3), “A memória está representada em suportes informacionais distintos”. É com essa afirmação que se pode descrever que a memória está na fotografia, pois, como foi descrito no capítulo anterior, ela é uma fonte de informação e um documento com várias funções, desde a sua criação até os dias atuais. A fotografia é um meio o qual o homem encontrou para guardar sua memória.

Para Manini (2011), a capacidade que a fotografia tem de reter em si um recorte espaço/tempo é o que a torna instrumento de memória. É a habilitação de captar o momento e congelar para a eternidade e demonstrar por meio da imagem retratada que a torna objeto de memória. Uma das propriedades das fotografias é conduzir ao passado. Ela faz com que sejam rememorados acontecimentos que, em muitos casos, não se guarda e talvez por isso nunca fossem lembrados.

Com a “democratização” do registro fotográfico mediante o surgimento de máquinas fotográficas de operação muito simples e relativamente baratos que permitiram a fixação rápida e fácil de instantâneos, a vida dos grupos sociais e dos indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memórias, cartas ou diários, e a memória individual e familiar passou a ser construída tendo por base o suporte imagético. (VON SINSOM, 1998, p. 22).

Nesse sentido, as fotografias servem como guia na reconstrução da memória individual e coletiva. É muito mais fácil registrar o momento através de uma fotografia do que escrever sobre ele. E hoje essa facilidade ainda está maior devido às câmeras embutidas nos celulares.

Nos principais momentos de vidas é quase certo a presença da fotografia. São quase que obrigatórios os disparos feitos com as máquinas em eventos importantes como festas de aniversários, primeiras comunhões, casamentos, festas de formaturas. Esses eventos constituem parte da memória individual. E a guarda dessa memória por meio das fotografias está nos álbuns de famílias.

Por intermédio dos álbuns, pode se guardar e posteriormente transmitir a memória de uma mesma família por diversas gerações. A observação de fotos do dia do casamento dos avós, dos pais e mesmo não tendo participado se emocionou ao ver e teve conhecimento dessas memórias por parte das fotografias. Os álbuns de família permitem a organização da memória de forma cronológicas, em uma ordem coerente para os membros da família.

É perceptível observar-se por meio das fotografias familiares o papel social de cada membro. Essa seleção se torna importante instrumento de memória e construção da identidade dos membros do grupo. Segundo Amaral (2009, p. 65), “o álbum proporciona ao membro da família, por exemplo, a certeza de fazer parte de um grupo, de fazer parte de uma classe social, ter uma história, enfim, é a legitimação e a memória da família em forma de imagem”.

A ligação que as fotografias têm com a família deve-se ao fato de que, ao congelarem a cena vivenciada, remetem ao passado e trazem lembranças significativas, emoções que muitas vezes estavam esquecidas. O valor memorial das fotografias só será reconhecido por quem assimila seu contexto histórico ou quem é participante de forma direta no registro. Segundo Manini (2011, p. 80), “o efeito da imagem fotográfica sobre a memória é devastador”. Isso porque a fotografia é capaz de transmitir emoções e sentimentos bons e ruins. Pode nos trazer a lembrança de alguém querido que já não está em nosso meio ou partiu para longe.

E por que se coleciona fotos? Para a memória, poder compartilhar essa memória com os outros. “As pessoas colecionam as fotografias, sejam pessoais ou institucionais, para que possam recordar, ainda que essa recordação seja construída a partir da recordação de outrem” (SANTOS, 2014, p. 49). Isso acontece, por exemplo, quando observar-se as fotografias de aniversários. Essa memória pertence ao indivíduo, mas devido ao fato dos batizados ocorrerem quando ainda se é muito pequenos, se recorda, porém fica provado ao se ver as fotos e ao se escutar as narrativas dos pais.

A sua capacidade de retratar o mundo e seus elementos, nas mais variadas formas, é o que a torna componente da memória. A partir do momento em que se aperta o botão da câmera, eternizam-se o momento, a paisagem, as pessoas. A fotografia tem a capacidade de interromper o tempo. O que foi capturado, no momento do registro nunca mais será repetido, ficará congelado para a posteridade. A fotografia é tão significativa para a memória, quanto os documentos textuais.

Toda fotografia é objeto do passado, pois cada momento vivenciado não volta mais. Mesmo que frequentemos um lugar várias vezes ao longo da vida, nenhuma visita será igual a outra. “A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação, de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marca do tempo” (KOSSOY, 1998, p. 44). As emoções que se vivencia podem ser esquecidas e, ao se observar uma fotografia, podem ser despertadas, pois permanecem guardadas, esperando apenas algo que faça com que sejam lembradas.

Nesse contexto, Le Goff (2003) afirma que a fotografia revolucionou a memória. Isso porque o autor considera a fotografia algo preciso e possuidora de verdade, que nunca se pode alcançar com nenhum outro tipo de representação imagética, além do que permite a conservação da memória do tempo e evolução cronológica. A fotografia torna-se um objeto de preservação da identidade.

Por meio das fotografias, muitas histórias são contadas, lembranças revividas, lugares que se modificaram ou que não existem mais, podem ser revisitados a qualquer momento. A fotografia possui a capacidade de eternizar os momentos, devido ao seu caráter de representação da realidade. Às vezes, os momentos que são vivenciados não são de tão grande importância para a vida, mas mesmo assim, se registram por meio das fotografias. A memória é transmitida pela fotografia, devido à sua capacidade de fornecer detalhes, que provavelmente se encontravam perdidos nas lembranças. Por meio das fotografias, esses detalhes permanecem vivos.

As fotografias são instrumentos de memória, na medida em que são ricas fontes de informação; transformam a memória coletiva em memória histórica. Registram significativos aspectos da realidade histórica social e cultural de um povo, e, como fios entrelaçados de uma teia; são parte de uma rede de memórias. (MALTA, 2013, p. 66).

Quando se fala de rede de memória pode se falar das memórias das cidades. Assim, as fotografias são um constituinte dessas memórias, fazem parte da memória coletiva, porque

conseguem registrar as transformações ocorridas nas paisagens das cidades. Podemos citar as mudanças ocorridas na Avenida Caxangá, na Cidade do Recife.

Figura 2 – Avenida Caxangá em 1940



Fonte: Pereira (2010).

Ao se observar uma fotografia da década de 1940, o que nota-se são apenas pequenas casas e pouco tráfego de veículos. Atualmente, se resolve registrar o atual estado da mesma avenida, o que será registrado são os grandes prédios comerciais e grande fluxo de carros. Esta comparação só foi possível devido à possibilidade de se encontrar fotografias antigas da avenida.

Figura 3 – Avenida Caxangá atualmente



Fonte: Leia Já (2012).

Em seus estudos, Amaral (2009) descreve que uma das funções da fotografia seria recordação/rememoração. De acordo com a autora, essas imagens são as que carregam emoção, que só é possível ser sentida por causa da memória do observador. A rememoração estaria ligada à memória coletiva, e recordação, na visão da autora, estaria ligada à memória individual. Logo, a rememoração aconteceria quando se encontra fotos antigas dos lugares em que se estudou, se trabalhou, ou se frequentou. Já a recordação acontece por meio das fotografias e seria algo extremamente particular. Como exemplo, aconteceria quando se encontra uma fotografia de casamento.

Já para Guaniere e Monego (2012), a recordação faz parte da memória coletiva. “Um fator importante para a recordação é a fotografia, pois funciona como uma espécie de memória social, capaz de registrar momentos, pessoas e locais que nunca mais existirão” (GUANIERI; MONEGO 2012, p. 73). Esses registros fixam de maneira instantânea os fatos que ocorreram na sociedade e se tornaram memória coletiva dos mais variados grupos sociais — famílias, igrejas, instituições de ensino e outros. A fotografia se torna assim uma cópia da realidade.

É perceptível que a fotografia tenha um valor para a memória, não só individual como coletiva. Por meio delas, se recordam fatos que marcaram a vidas das pessoas de alguma maneira. Esses fatos podem ser simples ou acontecimentos de importância mundial, que de alguma forma afetaram a vida do indivíduo.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem — escolhida e refletida — de uma íntima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 2001, p. 162).

A fotografia estimula a lembrança. Como a vida não para, nem o tempo, o que permanece registrado é o instante, que não ocorrerá mais. E ao se encontrar com o instante congelado, está-se propenso a lembrar de alguma emoção.

A fotografia fornece informações para que o passado seja atualizado e reutilizado no presente. Permite também um melhor entendimento do que se passou na história, como guerras, desastres naturais. Ao se deparar com fotografias desses acontecimentos, se pode ver os detalhes, que muitas vezes os textos não seriam capazes de narrar. É o conteúdo, a imagem

congelada, uma cópia fiel que a torna mecanismo da memória individual, coletiva e social. A fotografia toca cada um à sua maneira, é objeto de construção social, mediação cultural e fonte histórica.

É no contexto das mudanças sociais que se deve preservar a memória das instituições. Preservar o que passou para construir um futuro com identidade. Nesse sentido, as fotografias servem como documento para auxiliar na construção da memória institucional, juntamente com os outros documentos e com a participação dos membros que constituem a instituição. No que tange a isso, é possível observar que, além das instituições que são reconhecidas como instituições de memória, mais outras guardam cada vez mais fotografias em seus acervos, como parte integrante de sua memória.

Em uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul sobre programas de memória institucional, foi constatado que as instituições se utilizam das fotografias para documentar a sua memória. A pesquisa realizada por Moura e Souza (2010) objetivou compreender a comunicação institucional através dos programas de memória. Foi realizado um estudo com 23 instituições dos mais variados segmentos. Uma das perguntas elaboradas para a investigação foi sobre quais os itens presentes nos programas de memória institucional. No estudo, foram dadas opções sobre a documentação, entre elas estava a fotografia. Todas as 23 instituições afirmaram que usam a fotografia em seus acervos, constituindo o único documento utilizado em todas essas instituições. Os documentos digitais eram usados apenas por 15 instituições, os impressos por 22.

Para Manini (2011, p. 80), a fotografia é memória nos mais variados aspectos da sociedade, inclusive na memória institucional; “na fotografia doméstica, é a memória familiar; na fotografia do mundo do trabalho, é a memória institucional; no fotojornalismo, é a memória social e política; na fotografia documental, é a memória histórica”. Nesse contexto, ao se preservar fotografias nas instituições, temos a capacidade de entrar em contato com a sua memória. Isso porque, como foi visto, um dos elementos constituintes da memória institucional são os documentos e, entre eles, está a fotografia, as quais atestam visivelmente a memória.

Uma das mais importantes instituições nacionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, possui um acervo fotográfico que retrata sua história. Esse acervo foi criado devido às expedições realizadas pelo instituto Brasil afora, a fim de conhecer a ocupação territorial e os sistemas urbanos do país. As fotografias passaram a ser provas desses estudos e se tornaram documentos fundamentais na trajetória do IBGE. As atividades realizadas pelos pesquisadores do Instituto foram registradas ao longo de sua história e as

fotografias serviram como documento para caracterizar as regiões estudadas. Foi por volta da década de 40 que se percebeu a importância de se criar um acervo com as fotografias, visto que cada região estudada possui uma característica diferente da outra. Abrantes (2006, p. 2) afirma que “no sentido de trazer à luz informações essenciais para a memória institucional do IBGE, faz-se necessário focar as condições de produção do arquivo fotográfico dessa instituição”. Percebendo a importância de sua história, o IBGE possui uma Equipe de memória institucional, sob a qual está à responsabilidade pelas fotografias das primeiras expedições e por outras que constituem a trajetória da instituição.

Sobre a fotografia, Gastaminza³ (2002, tradução nossa) diz que “é na perspectiva documental e dimensão testemunhal, que é importante, é o que dá a fotografia sua função de memória individual e coletiva”. Essa perspectiva documental está ligada às memórias institucionais. Como a memória institucional é constituída por documentos e a fotografia se tornou um, e as mais diversas instituições a preservam, pode-se dizer que a fotografia é um documento que serve de base para a construção da memória institucional.

É baseado na concepção de que a fotografia é um documento, de fonte de informação e memória, que Brito (2010) fez um estudo sobre o acervo fotográfico do Centro Universitário Franciscano, localizado na Cidade de Santa Maria (RS), a fim de proporcionar conhecimento acerca de sua memória institucional. Brito apresenta como objetivo geral estudar o acervo, evocar as histórias e memórias da instituição. Ela afirma que as fotografias “apresentam inúmeras perspectivas da vida institucional”.

Para que a pesquisa não fosse muito extensa, a autora utilizou-se do recorte de tempo do ano de 1955, ano de fundação do centro, até o ano de 1980. Para a realização da pesquisa e coleta de informações sobre as fotografias, foi necessário entrevistar as pessoas que fizeram parte da instituição. Assim, ao se entrar em contato com as fotografias e os relatos foi possível construir parte da memória institucional do centro, já que ocorreu um recorte temporal. Ao final do trabalho Brito chega à conclusão que

As lembranças, as memórias, e histórias que podem ser evocadas por meio da consulta do acervo fotográfico da instituição, além de configurarem-se como registros de informações, podem ser traduzidas em registros poéticos que evocam sentimentos, que trazem à tona momentos vividos pelos personagens nelas representadas. (BRITO, 2010, p. 121).

³ Documento on-line, não paginado.

Além de concluir que as fotografias do centro retravam as suas memórias, foi perceptível o quão é importante, para a cidade de Santa Maria, o Centro Universitário Franciscano. Percebeu-se que o centro constitui a memória da cidade, e conseqüentemente, do Rio Grande do Sul.

Portanto, a memória institucional é elemento na construção da identidade institucional. Foi a essa conclusão que Eggert-Steindel et al. (2013) chegou ao concluir uma pesquisa sobre as fotografias da Biblioteca Pública de Santa Catarina. Essa instituição é considerada importante para a sociedade catarinense, pois preserva a memória intelectual e cultural do estado. O objetivo da pesquisa foi (re)conhecer uma memória e suas possíveis representações nos itens fotográficos. Nessa perspectiva, Eggert-Steindel et al. (2013, p. 131) afirmam que, a memória está presente nas fotografias e esta auxilia na construção do futuro da instituição:

Debruçar-se sobre esse conjunto de itens fotográficos entre as muitas questões que se puderam levantar permite afirmar que as informações fotográficas são possibilidades da guarda de uma memória— documento, não apenas do tempo do passado, mas uma memória para o tempo futuro.

As fotografias retratavam toda a história da instituição, fatos ligados aos usuários, como ações culturais, mudança na arquitetura do prédio que abriga a biblioteca, incremento nas tecnologias de informação e outros tipos de mudança que podem ser percebidos por meio das fotografias.

Na memória institucional, deve se estar preocupado com a contextualização das fotografias em relação à instituição. Quais fotos foram produzidas pela instituição, se estas têm realmente ligação com a memória, em que momento foram produzidas, qual o acontecimento da trajetória da instituição foi retratado. Para Eggert-Steindel et al. (2013), as fotografias são objetos de memória, que auxiliam na construção da memória institucional. Logo, a identidade da instituição pode ser observada por meio delas. Como foi visto, a fotografia é um dispositivo de memória institucional. Devido à sua capacidade de registrar imagicamente os fatos que marcam as trajetórias das instituições, se faz presente no cotidiano das mesmas, capturando os momentos e pessoas que fazem parte da memória desses lugares. Em muitos trabalhos é percebido que nem sempre as instituições estão com seus acervos organizados, dificultando a disseminação da informação. Para que a informação seja transmitida, se faz necessário que esteja organizada.

No que se refere aos assuntos contidos nas fotografias, sua extração e sua representação devem ocorrer por meio da indexação, mecanismo utilizado na representação da informação que, ao condensar os textos, imagens e outros tipos de documentos, em

palavra-chave, permitem uma maior facilidade na recuperação da informação. No contexto das fotografias, a indexação é realizada por meio de algumas especificidades, visto que a informação contida se apresenta por meio da imagem e esta pode conter características de natureza subjetiva. A indexação faz parte da Organização do Conhecimento.

4 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A Organização do Conhecimento tem seus fundamentos em tempo remotos. Perpassando pela história dos registros do conhecimento, livros e bibliotecas e as classificações. Um primeiro fator na história do conhecimento é a invenção da escrita. Com o desenvolvimento da escrita, ocorreu o desenvolvimento da cultura e o aperfeiçoamento dos registros do conhecimento. O objetivo deste capítulo é apresentar, de forma concisa, fatos importantes na trajetória da consolidação da Organização do Conhecimento, que serviram de base para uma maior compreensão do que vem a ser a Indexação e, conseqüentemente, a Indexação de Fotografias.

A evolução dos os registros do conhecimento e suas tecnologias segue em conformidade com a evolução da sociedade. Essa evolução vem ocorrendo desde as pinturas rupestres, passando pelo barro, cerâmica, pergaminho, papiro até a invenção do papel e, atualmente, com os documentos eletrônicos. Cada um desses suportes foi gerado a partir da tecnologia disponível em seu tempo. Com essa evolução, fica evidenciado o cuidado em se registrar o conhecimento e conseqüentemente a sua utilização. Oliveira (2014, p. 22) afirma que “através de alguns elementos históricos apresentados até então, é possível entender o intuito que teve a humanidade, desde seus primórdios, em reconhecer que o conhecimento armazenado em registros são elementos essenciais no processo evolutivo de sua própria espécie”.

Um grande marco na evolução desses registros foi a imprensa de Guttenberg em 1452. A imprensa de Guttenberg facilitou a difusão de informações em larga escala na época em que foi criada, visto que a igreja e a monarquia, que eram considerados grupos intelectuais superiores, eram as maiores detentoras dos registros na época. Os livros saíram dos mosteiros e castelos, e a sociedade em geral pôde ter acesso a eles. Na antiguidade, as bibliotecas já existiam e guardavam a produção intelectual das cidades nas quais eram construídas, mesmo antes da invenção dos livros. Porém, foi dessa maneira que se originaram as bibliotecas como conhecemos atualmente. Assim, a organização do conhecimento registrado foi necessária.

Mesmo sem possuir uma noção do que vem a ser conhecimento, na antiguidade, a sociedade já procura meios de organizar o conhecimento registrado. Na antiga biblioteca de Alexandria, o trabalho de Calímaco torna-se pioneiro em relação à organização do conhecimento. Calímaco elaborou as Pínakes (tábulas), onde era registrado o número das linhas das obras, dados sobre os autores e as primeiras palavras das obras (MEY, 1995). O trabalho por ele desenvolvido era de ordem alfabética e cronológica. Não se sabe ao certo se

era uma lista, um inventário, o que se sabe é que Calímaco percebeu a necessidade de se facilitar o acesso ao conhecimento na biblioteca de Alexandria.

Segundo Mey (1995), os gregos foram os primeiros a utilizarem o conceito de autor como ponto de acesso em uma obra. Como os registros dessas atividades não sobreviveram ao tempo, é insuficiente o que se sabe sobre os métodos utilizados pelos gregos. Diante disso, é na Idade Média que se tem o conhecimento dos critérios da organização do conhecimento. É com a rapidez no crescimento das publicações que surge a necessidade de resolver problemas de ordem de acesso ao conhecimento, principalmente porque, após a invenção de Gutemberg, houve um salto no acesso ao conhecimento e as grandes bibliotecas começaram a surgir.

Pouco tempo depois da invenção da imprensa, em 1545, o bibliófilo suíço Conrad Gesner publica sua obra *Bibliotheca universalis*. Trata-se de uma bibliografia, cujo objetivo era incorporar em um só catálogo ou lista obras publicadas em grego, latim e hebraico. Nela, era possível encontrar os títulos dos trabalhos, evoluções e anotações sobre a origem e o valor de cada obra (MACHADO, 2003). Posterior a esse trabalho, Gesner, em 1548, publicou o *Pandctae*, que foi desenvolvido para a classificação dos temas das obras.

De modo similar, os esforços para uma organização do conhecimento chegam até a área da Biblioteconomia. O bibliotecário Gabriel Naudé, em 1643, ao publicar sua obra *Bibliotheca Cordesiane Catalogus* contribui para os princípios da organização do conhecimento. Naudé enfatizou a importância dos catálogos como suportes na localização dos livros nas estantes. Sugeriu que se deveria criar catálogos com duas divisões, uma para o autor e outra para os assuntos. Assim aumentaria a facilidade de se encontrar os livros. Outra sugestão de Naudé foi com relação às estantes das bibliotecas, as quais deveriam possuir uma organização em que se permitisse a expansão do acervo.

Outro grande nome da Biblioteconomia, apesar de não ser bibliotecário de formação, Anthony Pannizi, advogado, refugiado político italiano que em 1831 foi trabalhar como bibliotecário assistente no British Museum foi um dos grandes colaboradores dos catálogos alfabéticos e classificados. Em 1839, aprovou 91 regras junto à comissão do museu. Segundo Mey (1995, p. 20), “Panizzi e suas regras tiveram grande influência na biblioteconomia inglesa e também, na americana”. Foi a partir de Pannizi que se deu o início aos registros das características físicas dos livros.

Os avanços em relação aos instrumentos de representação e catalogação foram se difundindo e novos personagens deram suas contribuições, não só para a Biblioteconomia, como também para a Documentação. Esses estudiosos, juntamente com os anteriormente citados, contribuíram para o desenvolvimento dos estudos sobre a Organização do

Conhecimento. Assim, Charles Ami Cutter (1876), Melvin Dewey (1876), Henry E. Bliss (1929) e S.R. Ranganathan e outros (PINHO, 2009), possuíam um objetivo em comum: estabelecer regras, ou melhor, mecanismos que permitissem um melhor e fácil acesso ao conhecimento registrado.

Ao publicar em 1876 a *Rules for Dictionary Catalog*, Charles Ami Cutter torna-se um dos principais nomes relacionados aos catálogos, assim como o pioneiro quando se trata da catalogação. Segundo Machado (2003, p. 47), a “importância da estrutura de catálogos de bibliotecas é realmente definida por Cutter”. Na obra de Cutter, ocorreu uma mudança na organização, que passa a privilegiar o critério sistemático e se basear na ordem alfabética. Para Guimarães (2008), ao publicar seu *Catálogo Dicionário*, Cutter forneceu uma nova roupagem ao mundo da catalogação, um novo olhar, mais rigoroso sobre a mesma, acabara de ser criado. Criou também um esquema de classificação e uma tabela representativa de sobrenomes. A tabela de Cutter, como é mais conhecida a tabela de classificação por meio dos sobrenomes dos autores, ainda é utilizada atualmente.

As classificações que têm como base a decimalidade surgiram como grandes aliadas ao desenvolvimento da representação do conhecimento. Em 1876, Melvil Dewey publica de forma anônima a primeira edição de sua classificação decimal ou, como a conhecemos, Classificação Decimal de Dewey (CDD). Atualmente é o sistema de classificação mais utilizado no mundo. Isso se deve ao fato de que na CDD é capaz de reunir, em uma mesma notação, aspectos ligados à representação temática e descritiva da obra. Por meio da CDD, se consegue dividir os assuntos de forma decimal.

Com base no caráter da decimalidade da CDD, surge a Classificação Decimal Universal (CDU), publicada por Paul Otlet e Henri La Fontaine. A CDU também se tornou tão importante quanto a CDD e é a mais utilizada na atualidade. Segundo Pinho (2009, p. 28), “com a CDU dá-se uma nova perspectiva para superar a rigidez notacional de Dewey, visto que a coordenação e síntese de conceitos compostos passam a ser feitas de forma mais ampla, por meio de sinais como os dois pontos”.

Até o presente momento, nenhum desses personagens esteve atento à indexação de assuntos, apenas com os catálogos e classificações. No que se refere à indexação de assuntos, Julius Otto Kaiser, em 1911, publica o *Systematic Indexing*. A obra de Kaiser foi de fundamental importância para a Organização do Conhecimento, isso porque Kaiser chama a atenção para a indexação alfabética de assuntos de maneira sistemática. Antes de Kaiser, os autores só abordavam a classificação e a catalogação alfabéticas de assuntos. Para Guimarães

e Sales (2010), Kaiser deu continuidade aos estudos de Cutter relacionados à catalogação de assuntos.

O que na época de Cutter era denominado cabeçalhos de assuntos (subject headings), Kaiser chamou de enunciado (statement). O enunciado, a exemplo do cabeçalho de assunto, nada mais era do que uma palavra ou grupo de palavras que expressavam o conteúdo de um documento. (GUIMARÃES; SALES, 2010, p. 23).

A indexação de assuntos para a representação do conteúdo das obras passou a ter uma importância com a obra de Kaiser. Na sua obra é possível encontrar regras que auxiliam a construção de maneira sistemática de “sentenças terminológicas que melhor representassem o assunto de um livro” (GUIMARÃES; SALES, 2010, p. 23). Face ao exposto, as classificações, os catálogos, o trabalho desenvolvido por Kaiser, forneceram uma base para o que no futuro viria a ser a Organização do Conhecimento. Nesse contexto, outros dois nomes foram fundamentais para o estabelecimento da Organização do Conhecimento, Henry Bliss (1929) e Shiyali Ranganathan (1933).

Henry Evelyn Bliss, bibliotecário norte-americano, utilizou pela primeira vez a expressão Organização do Conhecimento, nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. A expressão aparece nas seguintes obras de Bliss, *The organization of knowledge and the system of sciences*, de 1929, e *The organization of knowledge in libraries*, de 1933 (MARTINS; MORAIS, 2014). Responsável pela *Bibliographic Classification*, Bliss sugeriu que um assunto fosse classificado nos mais variados pontos do sistema.

Por sua vez, Shiyali Ramamrita Ranganathan, matemático indiano, faz com que a prática da classificação adquira caráter científico e sobressaia às práticas da Biblioteconomia, sobretudo devido à sua obra *Filosofia da Classificação Bibliográfica*. Nesta obra, Ranganathan discutiu sobre os diversos campos onde o conhecimento é objeto de estudo, Filosofia, Epistemologia e outros (PINHO, 2009). Ao questionar e comparar outros sistemas de classificação, Ranganathan resolveu criar o seu próprio sistema, assim surgiu a *Colon Classification* ou a classificação de dois pontos. Pinho (2009, p. 29) destaca que “o número de classificação é formado por símbolos unidos pelo sinal dos dois pontos, relacionando os assuntos que constam na obra”. O sistema de Ranganathan é um sistema dinâmico. Para Ranganathan, os usuários buscam por informações tanto dos assuntos quanto de seus constituintes, ideias e conceitos. Para facilitar a busca, os métodos e instrumentos de busca deveriam ser baseados nos atributos dos assuntos (MIRANDA, 2005).

Com a influência dos estudos desenvolvidos por Ranganathan é criado em Londres, no ano de 1952, o *Classification Research Group*, com a finalidade de aperfeiçoar e de aprimorar os estudos sobre as classificações. Segundo Oliveira (2014, 32), “foi somente a partir de então que a organização do conhecimento ganha espaço, e passando a ser reconhecida a necessidade de seu desenvolvimento enquanto campo de estudo específico”. Com base nos estudos desses teóricos e de suas classificações, percebeu-se a necessidade de criar um lugar onde fosse possível o estudo voltado para a Organização do Conhecimento.

Nessa perspectiva, é com a criação da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO) que a Organização do Conhecimento ganhou um espaço que, segundo Pinho (2009, 30) é, “um campo de reflexão e produção teórica”. Fundada em 22 de julho de 1989 por Ingetraut Dalberg, a ISKO tem como principal objeto de estudo o conhecimento e atividades relacionadas ao mesmo, como a organização e a representação. Nas bases teóricas da ISKO estão os estudos sobre tesouros e os princípios de classificações.

A ISKO é constituída pelos mais diversos pesquisadores ligados as mais variadas áreas do conhecimento, como a Ciência da Informação, Ciência da Computação, Filosofia e outros. Todos que se interessam pela Organização do Conhecimento conceitual. O caráter interdisciplinar da ISKO se apresenta com essa relação com pesquisadores destas áreas e também com a interação com outros organismos como: UNESCO, Comissão Européia, ISO (International Organization for Standardization), IFLA (International Federation of Library Associations and Institutions), ASIS&T SIG/CR (*Special Interest Group on Classification Research of the American Society for Information Science and Technology*, e outros.

Para Guimarães (2008, p. 88), com a criação da ISKO, a Organização do Conhecimento passa a ter um importante espaço de estudo, “com a criação da ISKO, a área de organização do conhecimento transcende a condição de necessidade pragmática para o universo documental para, como campo de reflexão e produção teórica, constituir um amplo e representativo fórum científico internacional”. Essa afirmação se concretiza por meio dos objetivos e das principais atividades da ISKO.

Os Objetivos da ISKO⁴ são:

- a) Promover a pesquisa, o desenvolvimento e aplicações de sistemas de organização conceituais do conhecimento que promovam o estudo dos aspectos filosóficos e semânticos da estrutura do conhecimento;

⁴ Fonte: Pagina da ISKO Brasil. Disponível em: http://isko-brasil.org.br/?page_id=5. Acesso em: 06 abr. 2015.

- b) Proporcionar os meios de comunicação e redes em organização do conhecimento para os seus membros; e,
- c) Funcionar como ponto de rede entre instituições e sociedades nacionais que trabalham com questões relacionadas à organização conceitual e à dinâmica do conhecimento.

As principais atividades da ISKO são:

- a) Conferência Internacional, a cada dois anos;
- b) Publicação do periódico Knowledge Organization (KO), anteriormente International Classification, fundado em 1974;
- c) ISKO News, publicado na Knowledge Organization;
- d) A série Advances in Knowledge Organization (AKO).

É perceptível que, com a criação da ISKO, os estudos sobre a Organização do Conhecimento ganharam força. É perceptível também que sempre existiu uma preocupação com a Organização do Conhecimento, sobretudo, por causa da explosão bibliográfica após a invenção de Gutemberg. Porém, uma dúvida surge com relação a Organização do Conhecimento, que a seguinte: ao que concerne o conhecimento?

O conhecimento é algo que só existe na estrutura cognitiva do indivíduo e está ligado à percepção das coisas, no ato de aprender sobre o mundo que o cerca. É gerado por um processo de reflexão ao entrar em contato com a informação. Pode-se dizer que é o pensamento materializado.

Devido ao fato de somente ocorrer na estrutura cognitiva do indivíduo, o conhecimento não é transferível, o que é transferível é a informação. Em linhas gerais, o conhecimento é adquirido ao longo da vida do indivíduo e possui valor para o mesmo. Segundo Miranda (2005), o valor do conhecimento é pautado nos seguintes aspectos:

- a) Busca e aquisição de informações para a solução de problemas experiências e vivências;
- b) Aplicação dos conhecimentos obtidos para promover o progresso material e espiritual do homem e da sociedade;
- c) Fontes de invenções e criações técnico-científicas capazes de beneficiar a qualidade da vida humana.

Nesse contexto, é notória a importância do conhecimento para o indivíduo, isso porque o conhecimento está ligado a todos os aspectos da vida de um homem, seja com relação à sua

individualidade quanto à sua vida social, no trabalho, na religião, na solução de problemas, no progresso da ciência, na melhoria de vida da sociedade, enfim. É por meio do conhecimento que se tem consciência de como se deve agir e pensar com relação à própria vida.

Nessa perspectiva, a Organização do Conhecimento é fundamental para a sociedade. A Organização do Conhecimento se preocupa em tornar o conhecimento acessível. O conhecimento o qual a Organização do Conhecimento se propõe a estudar é o que está registrado, passível de transmissão. Nesse sentido, é a partir da representação do conhecimento partilhado que o novo conhecimento é gerado.

De acordo com Miranda (2005, p. 77), “a Organização do Conhecimento se constitui em disciplina, inter e transdisciplinar que pressupõe análise, reflexão e aplicações de fundamentos científicos nas investigações das técnicas de planejamento, tratamento e recuperação da informação”. É por meio da materialização do conhecimento que este se torna objeto de estudo, sobre a perspectiva da armazenagem, guarda e recuperação.

Na perspectiva da representação do conhecimento, Brascher e Café (2008, p. 8) delineiam a Organização do Conhecimento “como o processo de modelagem do conhecimento que visa à construção de representações do conhecimento”. Essa concepção das autoras está fundamentada na Teoria do Conceito de Dalberg, que será explanado um pouco adiante, onde a conceito são unidades de conhecimento, e o conhecimento só pode ser representado se estiver contido nessas unidades.

Na visão de Smiraglia (2012, p. 225, tradução nossa), “a Organização do Conhecimento (também conhecida pela sigla KO, do inglês) é o domínio onde o ordenamento do conhecimento é o paradigma principal de investigação científica, cuja aplicação básica é o desenvolvimento de sistemas”. Nesse contexto, surgem não só as teorias para investigações em sistemas de Organização do Conhecimento, como também com produtos que permitem a utilização do conhecimento descoberto. O objetivo central da Organização do Conhecimento é tornar o Conhecimento acessível, uma vez que é ele o seu principal objeto de estudo.

Diante disso, fica perceptível ligação dessa Organização com os estudos da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Sobretudo porque foram os primeiros teóricos ligados as classificações e bibliotecários que impulsionaram os estudos sobre ela. Mas é na Ciência da Informação que se encontra sua principal ligação. Segundo Pinho (2009, p. 33), “Quando a Organização do Conhecimento é focalizada no âmbito da Ciência da Informação, tem-se uma área de estudos voltada às atividades de ordenação, representação e recuperação da informação registrada”.

Segundo Guimarães (2008), o foco da pesquisa da Organização do Conhecimento é investigar como a organização e representação do conhecimento, pode torná-lo atingível e acessível ao maior número de pessoas. Como afirma Miranda (2005), a esta é uma disciplina Interdisciplinar e ao se relacionar com outras áreas, como as ciências humanas, sociais e exatas, busca aperfeiçoar suas teorias, técnicas, modelos e metodologias.

Fundamentada na Teoria do Conceito foi que a Organização do Conhecimento construiu suas bases teóricas e epistemológicas. Dahlberg (1978) discorre sobre o que seria um conceito e afirma que, por meio da linguagem natural (diária), o homem designa objetos que o cercam e comunica com o semelhante. Sobre esse objeto o homem é capaz de criar enunciados, que seriam as formas que constituem tal objeto, as suas características, tornando-o assim inconfundível, único. A junção destes enunciados forma o conceito. Este objeto pode ser coisas, processos, acontecimentos.

Para Dahlberg (1978, p.102), “com ajuda da linguagem natural é possível formular enunciados a respeito tanto dos conceitos individuais como conceitos gerais. É com base em tais enunciados que se elaborou os conceitos relativos aos diversos objetos”. É por meio dos enunciados verdadeiros que é possível a identificação das características que formam o conceito. Os conceitos individuais estão relacionados aos objetos individuais que possuem características únicas, diferentes de todas as outras características de outros objetos. Os conceitos gerais estão ligados aos objetos que possuem características que correspondem a outros objetos e estão representados por conceitos gerais. Para melhor exemplificar, formulou-se o conceito sobre a ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN, onde ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN é o objeto individual e ESCOLA DE MÚSICA é objeto geral.

Para ESCOLA DE MÚSICA formulou-se os seguintes enunciados:

- a) É uma instituição;
- b) Atua na formação de músicos;
- c) Oferece cursos que garantem a formação dos músicos.

Para ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN formulou-se os seguintes enunciados:

- a) É uma instituição;
- b) Atua na formação de músicos;
- c) Oferece cursos que garantem a formação dos músicos;
- d) Foi fundada no ano de 1962;

- e) Está localizada na cidade do Natal (RN);
- f) Está ligada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Os enunciados criados são verdadeiros e juntos formam o conceito de ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN. Para Dahlberg (1978, p.102), “cada enunciado verdadeiro representa um elemento de conceito”. Se faz necessário enfatizar que a construção desses enunciados só é possível por causa da linguagem natural. São as diversas características que podem ser encontradas em determinado objeto que formam o conceito. Essas características são os atributos que formam o objeto. Como se pode ver no exemplo acima, às vezes as mesmas características podem formar conceitos diferentes, isso quer dizer que existe relação entre objetos distintos, porém formados por mesmos enunciados. Em estudos posteriores, Dahlberg afirma que o conceito seria unidades do conhecimento e que o conhecimento somente poderá ser representado se estiver contido nessas unidades (OLIVEIRA, 2014).

A fundamentação da Organização do Conhecimento está também atrelada aos Princípios de Organização do Conhecimento, desenvolvidos por Hørland (1994, p. 91-100). Esses princípios estão ligados aos problemas da Organização do Conhecimento, principalmente ao que concerne à busca e recuperação da informação. Os princípios são nove no total:

- 1 - A percepção realístico-ingênua de estruturas do conhecimento não é possível em ciências mais avançadas. Os mais profundos princípios de organização aplicados ao conhecimento repousam em princípios desenvolvidos em e por disciplinas científicas;
- 2 - Categorizações e classificações devem reunir assuntos relacionados e separar assuntos distintos;
- 3 - Para fins práticos, o conhecimento pode ser organizado de diferentes formas, e com diferentes níveis de ambição;
- 4 - Toda categorização deve refletir seu propósito;
- 5- Categorizações científicas concretas e classificações sempre podem ser questionadas;
- 6 - O conceito de polirrepresentação (INGWERSEN, 1994) é importante;
- 7 - Diferentes artes e ciências podem, de certo modo, ser entendidas como diferentes formas de organizar os mesmos fenômenos;
- 8 - A natureza das disciplinas varia;
- 9 - A qualidade da produção do conhecimento em muitas disciplinas enfrenta uma situação confusa.

Por sua vez, Barité (2001) também divulga premissas que visam estabelecer suportes para a epistemologia da Organização do conhecimento. Segundo Pinho (2009, p. 41), as premissas de Barité “dão razão de ser e justificação intelectual à Organização do Conhecimento”. São elas:

- 1 – O Conhecimento é um produto social, uma necessidade social e um dínamo social;
- 2 – O Conhecimento se realiza a partir da informação, e ao ser socializado transforma-se em informação;
- 3 – A estrutura e a comunicação do conhecimento formam um sistema aberto;
- 4 – O conhecimento deve ser organizado para seu melhor aproveitamento individual e social;
- 5 – Existem “N” formas possíveis de organizar o conhecimento;
- 6 – Toda organização do conhecimento é artificial, provisional e determinista;
- 7 – O conhecimento se registra sempre em documentos, como conjunto organizado de dados disponíveis, e admite usos indiscriminados;
- 8 – O conhecimento se expressa em conceitos e se organiza mediante sistemas de conceitos;
- 9 – Os sistemas de conceitos se organizam para fins científicos, funcionais ou de documentação;
- 10 – As leis que regem a organização de sistemas de conceitos são uniformes e previsíveis e se aplicam por igual a qualquer área disciplinar.

As premissas 1, 2 e 3 de Hjørland e de Barité estão ligadas a preocupações da construção do conhecimento, por meio de classificações e categorizações, desenvolvidas por disciplinas científicas; e também ao aspecto social, visto que, para Barité, o conhecimento é um produto social. Nas premissas 4, 5 e 6 de Hjørland e 8 e 9 de Barité são apontados questionamentos sobre a forma de representação, expressão e estruturação do conhecimento por meio de conceitos.

As premissas 4, 5, 6 e 7 de Barité tratam das diferentes formas como o conhecimento pode ser organizado. O conhecimento pode ser organizado por formas específicas e determinadas e também por meio dos documentos. Nas disciplinas que fazem seu uso, vai depender do objetivo que se quer atingir e quais as referências vão ser suporte. Esses aspectos estão também presentes nas premissas 7 e 8 de Hjørland. A premissa 9 de Hjørland trata da questão de que muitas disciplinas ainda não definiram seu objeto de estudo ou o objeto de

estudo não possui uma definição, logo, sem objeto definido ou sem sua definição, a produção do conhecimento torna-se algo confuso.

Nesse contexto, fica perceptível que, para o conhecimento seja um produto social e para que se torne acessível, se faz necessária a sua organização. Nos estudos sobre Organização do Conhecimento, a representação da informação existe para que o usuário tenha acesso à informação na sua forma mais completa, de forma organizada e padronizada, e esta ação está totalmente ligada à geração do conhecimento.

Nessa perspectiva, dentro da Organização do Conhecimento existem atividades que são o intermédio entre a informação e o usuário. Estas atividades se relacionam com o físico do documento quanto ao tema, a representação descritiva - Catalogação – e a descrição temática, mais conhecida como tratamento temático da informação. Segundo Guimarães (2006, p.105) “pode-se dizer, assim, que a distinção entre tais abordagens reside na busca do o que(materialização) e do sobre o que (teor) que convivem no âmbito do documento”. Como o foco deste trabalho é a indexação, atividade ligada ao tratamento temático é a ela que se dará um maior ênfase.

Guimarães (2008) considera o tratamento temático da informação uma atividade nuclear para a Organização do Conhecimento. Por meio do tratamento temático da informação, o usuário tem acesso à informação contida no documento, o tratamento temático da informação se torna uma ponte entre o usuário e o conhecimento. Segundo Guimarães (2008, p. 79), o tratamento temático da informação é parte integrante de um “ciclo de operações documentais, uma vez que ocupa posição intermediária entre a coleta e a difusão de documentos e, destarte, caracteriza-se por atividades de processamento, tanto sob a ótica do suporte material – tratamento descritivo – quanto do conteúdo – tratamento temático”. Assim, o tratamento temático é constituído por procedimentos que são mediadores da informação e pelo usuário.

Para Guimarães (2008), o tratamento temático da informação vem de um talento natural e intuitivo que o homem sempre possuiu ao tentar organizar o conhecimento. Nesse contexto, percebe-se a influência dos nomes citados anteriormente que compõem a história da Organização do Conhecimento, como Kaiser, Dewey, Ranganthan e outros.

No que concerne à história do tratamento temático da informação, esta foi permeada por três correntes teóricas: catalogação de assunto (subject cataloguing), indexação (indexing) e análise documentária (analyse documentaire) (GUIMARÃES, 2008)

A catalogação de assuntos é corrente teórica que sofre influência da Escola de Chicago, é uma corrente norte-americana e de certa forma remete às concepções de Cutter,

além da tradição de cabeçalhos de assuntos desenvolvidos pela Library of Congress. As atividades dessa corrente estão totalmente voltadas para os trabalhos desenvolvidos em bibliotecas.

Sobre a segunda abordagem, a indexação é a corrente ligada aos estudos desenvolvidos na Inglaterra. Sofre principal influência dos trabalhos desenvolvidos pelo Classification Research Group. Os estudos dessa linha vão além das bibliotecas tradicionais e abarcam os centros de documentação e editoras. O principal foco dessa corrente é a utilização de linguagens de indexação para a elaboração de produtos como os índices.

Na terceira corrente temos a análise documentária, que é a corrente francesa. A concentração desta linha é nos processos ligados ao tratamento temático da informação. Para Guimarães (2008, p. 83), “vale dizer, na explicitação dos procedimentos voltados para a identificação e seleção de conceitos para posterior representação e geração de produtos”. Essa corrente está preocupada especificamente com os produtos gerados para a representação da informação.

Para Fujita, Rubi e Boccato (2009, p. 22), o tratamento temático da informação:

diz respeito ao assunto tratado no documento, ou seja, compreende a análise documentária e metodológica que abrange atividades de classificação, elaboração de resumos, indexação e catalogação de assuntos, considerando as diferentes finalidades de recuperação da informação.

Nessa perspectiva, a indexação será abordada como parte integrante do tratamento temático da informação. Em suma, a indexação é a representação da informação através de termos controlados. Entendida como um mecanismo que condensa a informação, a fim de sua representação e para a sua recuperação, a indexação é um produto da Organização do Conhecimento, ligada diretamente ao tratamento temático da informação. Para Chaumier (1988, p.63) “a indexação é a parte mais importante da análise documentária. Consequentemente é ela que condiciona o valor de um sistema documentário”.

Na história da indexação, tem-se que seu início se deu com a elaboração de índices e, posteriormente, com o avanço das tecnologias de informação. Essa função sofreu alterações, sendo substituída pela representação do conteúdo do documento por palavras-chave, que ocorre por meio da análise assunto.

Por constituir o tratamento temático da informação, considerado ponte entre o conhecimento e o usuário, a indexação é uma atividade primordial para a disseminação do conhecimento. Quando o funcionamento da indexação não é bom, isso pode refletir no

funcionamento da instituição. Nesse contexto, surge a política de indexação, um guia para a tomada de decisão nas unidades de informação, com relação à indexação. É por meio da política de indexação que são elaborados todos os passos que compõem a indexação, desde a escolha do material a ser indexado, os procedimentos adotados pelas unidades de informação para estabelecer de que forma será executada a indexação e todos os processos que a cercam. Segundo Fujita (2012, p.17), a política de indexação:

decide não só sobre a consistência dos procedimentos de indexação em relação aos efeitos que se necessita da obter na recuperação, mas, principalmente, sobre a delimitação de cobertura temática em níveis qualitativos e quantitativos tendo em vista os domínios de assuntos e as demandas dos usuários.

Essa política, que tem em vista os procedimentos adotados para a escolha dos procedimentos e linguagens de indexação, surge como um suporte para a organização e representação da informação. Para Rubi (2012) ela está ligada a dois contextos o do sociocognitivo do indexador (ambiente e usuários) e físico de trabalho, que seria o sistema de informação propriamente dito.

Isso demonstra que a política de indexação é algo que está ligado à administração da unidade de informação, e envolve todos os aspectos constituintes, desde qual área de interesse do usuário, documentos informacionais, processo de execução da indexação até a forma de saída da informação. É por meio das diretrizes estabelecidas pela política de indexação, que o indexador vai praticar a indexação.

No que concerne à indexação, é constituída por duas etapas: análise de assuntos — fase da leitura e escolha dos termos que representam o documento — e a tradução dos termos em linguagens de indexação. É possível encontrar na literatura sobre o tema outra perspectiva. Para alguns autores, a indexação consiste em três etapas: análise de assunto, identificação dos termos que representam o documento e a tradução. A perspectiva seguida por este trabalho é a que consiste em duas etapas para indexação, na qual a identificação dos termos será a segunda parte da análise de assunto. A identificação do assunto do documento através da indexação e os termos chaves retirados pelo indexador facilitam a recuperação da informação. As palavras-chave extraídas da indexação servem como um controle facilitador no momento da busca por parte do usuário. Ainda sobre indexação, Manini (2002, p. 40) disserta:

[...] que vem a ser o levantamento de descritores (termos controlados) ou de palavras-chave (levantamento livre) que o identifiquem e que servirão como ponto de partida para a posterior recuperação de suas informações. A indexação dá origem aos índices, listas alfabéticas de temas de que trata o documento.

Para que ocorra a análise de assunto, é necessário que ocorra a leitura do documento. O objetivo da leitura é conhecer do que trata o texto, para que possa ocorrer a representação por meio das palavras-chave. Segundo Fujita e Silva (2004, p. 147), “é nesse momento que se inicia a identificação de conceitos — principal etapa da análise de assunto — por meio da qual o indexador compreende os conceitos tratados em um documento”. A leitura é a primeira etapa da análise de assunto. Devido ao pouco tempo disponível, é sugerido ao indexador ler apenas pontos importantes do texto e não completo, como título, introdução, diagramas, resumo, as primeiras frases de cada capítulo. Não é aconselhado ler apenas cada parte de forma isolada. Esse aspecto será delimitado pela política de indexação da instituição.

Segundo Fujita e Silva (2004), é nesse primeiro momento da análise de assuntos, a leitura documentária, que ocorrem os aspectos envolvidos na indexação: aspecto lógico, aspecto linguístico e aspecto cognitivo. Para as autoras (FUJITA; SILVA, 2004, p. 147) “é aqui que os aspectos lógicos, linguísticos e cognitivos, envolvidos na indexação, representam fatores de interferência, cabendo ao indexador à habilidade necessária para poder realizar a análise conceitual efetiva do documento”.

Os aspectos linguísticos estão atrelados à indexação no sentido em que a informação é transmitida por uma língua. Este auxilia na escolha de qual parte deve ser lida para a compreensão do texto. Também esse aspecto é evidenciado no momento da tradução da linguagem natural para a linguagem de indexação. Percebe-se, então, que esse aspecto auxilia não só a análise de assunto, mas também a tradução em termos chaves.

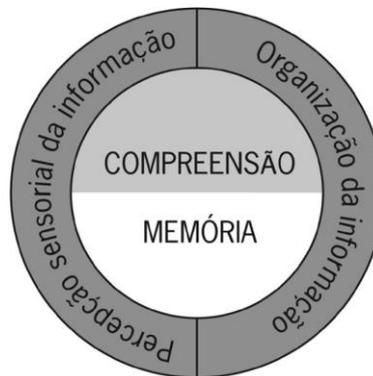
Sobre o aspecto lógico na indexação, está ligado à lógica Docens. Segundo Naves (2002, p. 74 apud FUJITA; SILVA 2004), a lógica docens “exige do ser humano uma capacidade invertida, de generalização, de elaboração da teoria, ou seja, estudos dos processos de raciocínio e a investigação de métodos que deem bases mais confiáveis ao pensar, e apressem o avanço do conhecimento para os resultados desejados”. Com o auxílio da lógica que o indexador decide do que trata o tema e escolhe os termos que melhor representam o texto.

Os aspectos cognitivos da indexação estão ligados às duas etapas que constituem a indexação. A cognição não só auxilia na parte da análise de assuntos como também na tradução. Segundo Varela (2008, p. 36) “a cognição é um conhecimento relevante para que o

profissional da informação possa compreender e delinear a trajetória lógica do usuário no processo de busca da informação e da construção dos meandros da cognição na apreensão do conhecimento.” Ou seja, por meio da cognição o indexador escolhe a melhor forma de como fará para a recuperação da informação por parte do seu usuário.

O estudo da cognição está ligada à Psicologia Cognitiva. Segundo Gil Leiva (2012, p. 31), “é a disciplina que estuda os processos cognitivos como a percepção sensorial da informação, a aprendizagem (linguagem, leitura e escrita), a memória ou a capacidade de raciocínio”. Para o autor, a cognição da indexação está contida nos seguintes processos:

Figura 4 – Processo cognitivo na indexação



Fonte: Gil Leiva (2012, p. 32).

A Percepção sensorial da informação é a forma como a informação chega até o indexador por meio de três sentidos: visão, audição e tato. O tato é justificado nessa perspectiva, porque o indexador cego pode utilizar a leitura tátil para executar a indexação. Esses três sentidos podem ser ativados por causa dos mais variados tipos de documentos, como livros, partituras, fotografias, vídeos, cd’s. Para Gil Leiva (2012, p. 42), “no momento em que a informação é percebida por algum dos sentidos, são ativados os processos de memória”. A organização da informação seria os meios que se tem acesso a informação e como estes são organizados por parte do indexador.

Devido ao fato de o indexador possuir conhecimento técnico e utilizá-lo durante sua trajetória, a memória do mesmo está em constante movimento. A memória auxilia na guarda das informações das etapas e procedimentos de indexação, até as diretrizes da política de indexação. Isso inclui usuários e área em que essa política trabalha. A memória utilizada na indexação pode ser categorizada em três: memória sensorial, memória curto prazo e memória longo prazo.

A memória sensorial é a memória dos sentidos, é ativada por meio do áudio, da visão e do tato e dura apenas alguns milésimos de segundos. A memória curto prazo e memória longo

prazo estão ligadas diretamente. A primeira, como o próprio nome diz, é curta, com persistência limitada, dura pouco mais que segundos quando é ativada, fazendo com que a informação logo desapareça. A segunda, por sua vez, é a que armazena grandes quantidades de informação, logo, essas informações permanecem por toda vida. É ativada tanto pelo próprio sistema cognitivo quanto pelo recebimento de informações externas.

A compreensão está ligada à parte de entendimento, significado do texto, e permite que ocorra a leitura documentária. A compreensão ocorre logo após a leitura e surge para que o indexador possa reconhecer qual o tema central do documento. Nesse sentido, a compreensão é fundamental para a indexação. Gil Leiva ainda apresenta um quadro, que representa de forma concisa como estes processos cognitivos estão ligados à indexação.

Quadro 01 – Relação entre o processo cognitivo e a indexação.

INDEXAÇÃO		PROCESSO COGNITIVO
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimentos prévios do indexador: <ul style="list-style-type: none"> - Teoria e prática da indexação - Contexto da indexação a executar (necessidades dos usuários, políticas de indexação, condicionantes externos, etc.) - Assunto a ser indexado (História, Física, Direito...) 		Memória de curto prazo
<ul style="list-style-type: none"> • Percepção sensorial da informação: <ul style="list-style-type: none"> - Visual: texto, objeto físico, imagem - Auditiva: palavra, música, som ambiente 		<ul style="list-style-type: none"> • Memória sensorial: <ul style="list-style-type: none"> - Visual (memória icônica) - Auditiva (memória ecóica)
Análise do documento	<ul style="list-style-type: none"> Aplicação dos conhecimentos prévios Reconhecimento de tipologias textuais Identificação de temas 	Memória de curto prazo <ul style="list-style-type: none"> • Memória de curto prazo • Memória de longo prazo • Memória de curto prazo • Memória de longo prazo • Compreensão
<ul style="list-style-type: none"> • Conversão da linguagem natural para a linguagem controlada 		<ul style="list-style-type: none"> • Memória de curto prazo • Memória de longo prazo
<ul style="list-style-type: none"> • Armazenamento da indexação resultante na base de dados 		<ul style="list-style-type: none"> • Memória de curto prazo • Memória de longo prazo

Fonte: Gil Leiva (2012, p. 63).

Pode se perceber que os aspectos cognitivos estão atrelados a todas as etapas que envolvem o desenvolvimento da indexação, análise de assuntos – leitura e seleção de conceitos – e a tradução. Estes são influenciados também pelos aspectos sociais, que, neste caso, são conhecimento prévio do indexador, contexto da indexação e armazenamento da indexação resultante na base de dados.

Para Dias, Neves e Pinheiro (2006), os estudos sobre os aspectos cognitivos e metacognição na indexação são importantes para a área da Biblioteconomia. Os autores propuseram, no final de uma pesquisa, que fossem inseridas nos currículos da área disciplinas ligadas à Cognição que auxiliassem estudantes no desenvolvimento de futuras atividades ligadas à indexação. Nesse sentido, disciplinas como “Aspectos cognitivos no tratamento da informação” ou “Fundamentos cognitivos na leitura para indexação” serviram de base para a execução da leitura em indexação.

A partir da indexação e de seus produtos, a informação pode ser recuperada. Sobre a recuperação da informação permitida pela indexação, Kuramoto (1995, p. 2) afirma que “[...] é preciso que os documentos constantes da base de dados sejam submetidos a um tratamento prévio. Esse procedimento permite a extração dos descritores e sua estruturação com vistas a um acesso rápido às informações”. A indexação deve permitir que na hora da busca pela informação por parte do usuário, essa seja relevante, eficaz para ele.

Independentemente do tipo do material a ser indexado, a indexação possuirá suas especificidades. É o caso das fotografias, nas quais se encontra na literatura diferentes propostas para a indexação, porém com o mesmo objetivo, garantir uma padronização nos procedimentos escolhidos com vistas a descrever toda informação contida em uma fotografia, a fim de se disseminar a informação.

4.1 INDEXAÇÃO DE FOTOGRAFIAS

A fotografia vem ganhando espaço como documento e com isso as mais variadas instituições que trabalham com informação vêm incorporando esse tipo de material em seu acervo. Nesse contexto, a indexação de fotografia se faz importante, não podendo ser elaborada de qualquer maneira, assim como os materiais textuais. Deve-se lembrar de que as fotografias possuem aspectos subjetivos e estes devem ser identificados na indexação. Se em uma tela branca se pode encontrar várias interpretações como vazio e oportunidade, quanto mais na fotografia na qual existe não só o referente, mas vários constituintes.

Para a elaboração deste trabalho, foram escolhidas as abordagens dos teóricos brasileiros que se baseiam de forma direta na literatura estrangeira, os quais serão citados mais adiante. Esses teóricos, ao longo do tempo, propuseram maneiras diferentes e que se interligam com relação à indexação de fotografias. Essas metodologias levam em consideração as especificidades das fotografias e enfatizam que a recuperação da informação nas imagens é totalmente diferente das fontes escritas, com base na sua descrição e interpretação.

Mesmo que a metodologia de Panofsky seja voltada para imagens, esta pode ser aplicada para as fotografias e influenciou algumas metodologias voltadas para a indexação de fotografias. Panofsky (1979) relata que para que ocorra realmente a recuperação da informação das imagens, estas devem ser analisadas em três níveis: nível pré-iconográfico, nível iconográfico e nível iconológico.

No Nível pré-iconográfico, são descritos ações e objetos que ocorrem na imagem. Não é necessário nenhum tipo de conhecimento a respeito da obra analisada, apenas cores, ações, objetos são descritos neste nível. Exemplificando, se analisar-se o quadro a Última Ceia, de Leonardo da Vinci, o que seria descrito neste nível seria apenas homens reunidos em torno da mesa, conversando.

O Nível iconográfico trata da parte que complementa com informações o Nível pré-iconográfico, pois estabelece o assunto secundário da imagem. Neste nível, é necessário um conhecimento prévio ou cultural a respeito do contexto da obra. Seguindo o exemplo anterior como base, neste nível seria representado de forma efetiva a Última ceia do Leonardo da Vinci.

O Nível iconológico trata da análise da imagem do seu interior, intrínseco, tendo como base as informações extraídas dos níveis pré-iconográfico e iconográfico. Nesta etapa, o indexador pode contribuir de forma significativa se este possuir algum conhecimento extra sobre o universo da imagem. Panofsky, com essa metodologia, preocupa-se com a representação dos atributos objetivos e subjetivos das imagens.

Sara Shatford (1994), baseada na metodologia de Panofsky, aponta critérios sobre a identificação da informação contida nas imagens. Nesse sentido, a autora enfatiza que a análise das imagens deve ser baseada nos seguintes questionamentos:

A imagem é do (de) quê?

A imagem é (sobre) o que?

Em suma, o DE é o que trata a imagem, preocupa-se com a caracterização do objeto enfocado. E o SOBRE permite inúmeras leituras acerca do objeto em questão, adentrando na sua natureza subjetiva. Shatford, por sua vez, apresenta ainda dois aspectos para análise das imagens visando à recuperação da informação: Genérico e Específico. Exemplificando, se tem-se uma fotografia e observar-se no primeiro momento uma casa grande, esse seria o aspecto genérico. Mas poderia ser identificada a Graceland, a casa do Elvis Presley, desse modo conseguiu-se identificar o sentido específico da fotografia e o que ela representa.

Figura 5 – Graceland



Fonte: Duarte (2012, documento online, não paginado)

Um usuário pode fazer o uso da mesma fotografia tanto de forma genérica quanto de forma específica. De forma genérica, uma pesquisa relacionada a casas, ou casas brancas ou ainda casas grandes, casas de celebridades. No sentido específico que seria Graceland, casa do Elvis Presley.

Como se pode ver, a imagem deve ser analisada como um todo e, para que ocorra a indexação, a sua descrição e interpretação é necessária. É pertinente afirmar que nem sempre o indexador possuirá o conhecimento sobre todos esses questionamentos. Sugere que se faça uma pesquisa sobre a fotografia a fim de captar informações sobre a fotografia e sua história.

De acordo com Bayle (2008) as imagens devem ser analisadas respondendo os seguintes questionamentos: QUEM, O QUE, ONDE, QUANDO e COMO. Fica considerado que esses questionamentos são base para a indexação de fotografias, podendo ser aplicados também a outras fontes de informação, como as partituras. Vale salientar que estes

questionamentos foram sugeridos primeiramente por Bléry G. (1979), no livro que trata sobre análise de fotografias. O quadro abaixo demonstra o que o autor sugere que seja analisado em cada quesito.

Quadro 02: Metodologia proposta por Bléry

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
QUEM	Identificação do “objeto focado”; seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex. São Paulo ou interior de danceteria).
QUANDO	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou no momento da imagem (p. ex. 1996, noite, verão).
COMO/O QUE	Descrição de “atitudes” ou detalhes relacionados ao “objeto focado”, quando este é um ser vivo (p. ex. cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVII).

Fonte: Smit (1996, p. 32).

À medida que estes questionamentos fossem respondidos os quesitos e aspectos relacionados a informações contidas nas imagens surgiriam, auxiliando na sua recuperação por parte do indexador. Esses questionamentos servem não só como base para a indexação, mas para toda análise documentária da fotografia. Quando o indexador consegue responder esses questionamentos, estes lhe fornecem respostas sobre a natureza objetiva e subjetivas das fotografias, como mostra a figura 6:

Figura 6 - Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFRN



Fonte: Felipe (2012, p.45.)

Ao se observar a fotografia, o que se pode ver? Uma igreja católica, com uma orquestra e o público que provavelmente esteja na igreja para apreciar a orquestra. Mas, ao se indexar a fotografia, com base nas informações que se tem a respeito e por meio da metodologia de Bléry, tem-se as seguintes respostas para os questionamentos:

- a) Quem: Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFRN;
- b) O que: Encerramento do ano letivo;
- c) Quando: ano de 1970;
- d) Onde: Na Igreja Santo Antônio, mais conhecida como Igreja do galo (Natal, RN)

Cabe ao bibliotecário a melhor forma de investigar informações relacionadas às fotografias. Não foi possível responder ao quesito COMO da fotografia. O máximo que se pode dizer é que a orquestra estava executando algo.

Sobre a fotografia anterior, se pode descrever fatos exteriores a esse dia ligados a ele, como, por exemplo, que: o aluno Glênio Manso Maciel figura como Spalla⁵ em substituição ao professor Pietro que havia falecido recentemente em acidente de carro no trajeto Natal/Recife, no dia 30 de setembro de 1970 (carro chocou-se com trem em Parnamirim, RN), cujos passageiros eram: prof. Clóvis Pereira, dirigindo o carro, fusca azul, prof. Pietro, no banco de trás, e prof. Emílio Sobel (FELIPE, 2012).

À medida que os estudos sobre análise de imagens e indexação de fotografias vão se aprofundando, novas metodologias vão surgindo, baseando-se nas outras e se complementando e aprimorando os meios para a realização da indexação.

Em sua proposta metodológica para indexação de fotografias, Manini (2002) apresenta o conceito de Dimensão Expressiva que, segundo a autora, é “[...] algo ligado à forma da imagem, que se encontra em justaposição ao seu conteúdo intelectual”. Nesse contexto, a Dimensão Expressiva trata-se da forma como o conteúdo foi apresentado. A autora enfatiza que a escolha da fotografia por parte do usuário vai depender da maneira como o referente está fotografado. Exemplificando: caso o usuário queira uma foto de algum monumento, como o busto do Luiz Gonzaga na Praça do Bongüi – Recife, ele pode escolher se quer retratado de frente, de costas, de lado esquerdo ou direito, ou ainda de uma vista panorâmica.

⁵ Afinador da Orquestra.

Pode ser também que ele escolha uma foto pela parte da manhã, tarde ou noite. O referente continuará a ser o mesmo, apenas muda a maneira como foi retratado.

Vale salientar que este é um conceito apresentado anteriormente por Smit, chamado de Expressão fotográfica, “forma adotada para expressar o que se quer transmitir pela imagem” (SMIT, 1996, p. 34). Dessa forma, o usuário escolheria a fotografia, mais pertinente a si, não só pelo conteúdo, mas também pela maneira como foi retratado.

Na proposta de Manini (2002) para indexação de fotografias, a autora, além de propor a análise por meio da Dimensão Expressiva, também sugere que as fotografias sejam analisadas pelos questionamentos propostos por Bléry e Shatford.

Quadro 03: Metodologia proposta por Manini.

	CONTEÚDO INFORMACIONAL		DIMENSÃO EXPRESSIVA
	DE	SOBRE	
CATEGORIAS	Genérico	Específico	
Quem/ O que			
Onde			
Quando			
Como			

Fonte: Manini, (2002, p. 105).

Para a autora, para que ocorra a indexação de fotografias é necessária sua descrição, análise da imagem e de seu significado, bem como a investigação da sua produção técnica. Dessa forma, todos os aspectos que constituem a fotografia servem de base para a indexação.

Se, para respondermos *quem, o que, quando, onde e como* com relação àquilo DE que uma fotografia trata genericamente realizamos uma descrição da imagem; e se, para responder quem, o que, quando, onde e como com relação àquilo DE que uma fotografia trata especificamente fazemos uma análise de imagem; então, para responder SOBRE o que é uma fotografia fazemos uma análise de seu significado; e para responder como a imagem é expressa sua informação fazemos perguntas mais relacionadas à técnica de produção da fotografia. (MANINI, 2002, p.117).

Como se pode ver, a proposta de Manini é mais completa, devido ao fato de englobar as outras metodologias propostas, além de abarcar o caráter técnico da produção da fotografia.

Essa metodologia permite uma análise completa da fotografia. Com isso, pode se recolher o maior número de informações pertencentes à fotografia.

Ricardo Rodrigues, por sua vez, sugere um procedimento chamado de Tematização, que seria “[...] a capacidade de criar discursos usando formatos predefinidos, que seriam delineados através do conteúdo proposto ou recuperado pelo sistema” (RODRIGUES, 2007, p. 67). Dessa maneira uma foto pode ou não ser inserida em um determinado contexto.

Para compreender a Tematização, é necessário compreender os sentidos *conotativos* e *denotativos* das fotografias. Os *sentidos denotativos* referem-se ao que a fotografia apresenta, a imagem em si, o sentido real da representação. Este sentido seria o DE apresentado por Shatford.

Os sentidos conotativos são os que exigem uma interpretação, é o sentido figurado da fotografia. Os *sentidos conotativos*, segundo o autor, se dividem em dois, *conotativos concretos* e *conotativos abstratos*. O *sentido conotativo concreto* está ligado ao que é visível na fotografia, está baseado no *sentido denotativo* da foto. O *sentido conotativo abstrato* está ligado às sensações, sentimentos que a fotografia transmite.

O autor afirma que na Tematização os *sentidos conotativos* são mais utilizados, já que são os sentidos ligados à interpretação das fotografias. Só em alguns casos se utiliza o sentido denotativo. Segundo Rodrigues (2011, p. 112), “tematizar, contextualizar *a priori* seus sentidos conotativos permitindo o seu uso em diferentes assuntos e matérias, para diferentes interpretações e finalidades, direcionando e delimitando a abrangência de seu discurso temático”. O próprio autor apresenta como seria possível a Tematização por meio do exemplo da fotografia de uma criança chorando.

A tematização de uma imagem não deve ser confundida com a indexação ou classificação dessa imagem. Uma foto de uma criança chorando sozinha numa praia, por exemplo, pode ser indexada por CRIANÇA, CHORO, PRAIA, MAR etc. Todavia essa foto pode ser contextualizada (tematizada) para ilustrar matérias de diferentes conteúdos temáticos como, por exemplo, CRIANÇAS ABANDONADAS, FOME, CRIANÇAS MANHOSAS, ACIDENTES INFANTIS etc. Qualquer que seja a tematização os termos de indexação serão sempre os mesmos. Na base de dados, sob a expressão tematizada CRIANÇAS ABANDONADAS poderão vir centenas de termos que indexam outras fotos de assuntos os mais diversos, mas que podem ilustrar o tema CRIANÇAS ABANDONADAS como, por exemplo, ORFANATOS, MENDIGOS, FLANELINHAS etc. (RODRIGUES, 2007, 68).

Logo, uma mesma fotografia pode ser representada por vários termos, dependendo apenas do contexto ao qual está inserida. O autor sugere que a tematização seja executada

como um procedimento anterior ao da indexação, portanto seria assim, uma base para a realização da indexação.

Parece claro afirmar que as metodologias descritas auxiliam o processo de indexação de fotografias, oferecendo padrões a serem seguidos, que buscam de maneira sucinta abranger a informação que possui as fotografias, mesmo essas informações sendo de natureza subjetiva. Pode-se inferir que, à medida que os estudos sobre indexação de fotografias vão se aprofundando, as metodologias aprofundam-se cada vez mais, surgindo novos detalhes e aspectos que não podem ser desconsiderados. Como se pode ver, essas metodologias propõem uma análise além-conteúdo, permitindo uma recuperação precisa da informação.

Nesse contexto, surgem questionamentos sobre a indexação de fotografias, mais especificamente o seu contexto sociocognitivo. Será que os indexadores se baseiam nessas propostas para a realização da indexação de fotografias? Existe Política de indexação para acervos constituídos por fotografias? Quais os fatores que influenciam os indexadores no momento da indexação? Esses e outros questionamentos formam o objetivo desta pesquisa, a qual busca investigar quais os aspectos sociocognitivos para a indexação de fotografia.

5 MÉTODO

Esta seção apresenta o percurso metodológico utilizada para a realização da pesquisa. Nela se faz a exposição e descrição do tipo de pesquisa exploratória e descritiva quanto aos objetivos, bem como a de campo quanto às fontes utilizadas.

A realização da pesquisa ocorreu em duas instituições que possuem acervos constituídos por fotografias, a fim de observar quais os procedimentos e dificuldades no momento da indexação.

Para que a observação fosse o menos invasiva possível e para que não ocorresse interferência por parte do indexador foi escolhida a técnica introspectiva Protocolo Verbal Individual. Todos os passos seguidos para a execução da pesquisa serão descritos a partir de agora.

5.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa pode ser definida de acordo com seus objetivos, procedimento de coleta, e ainda pelas fontes utilizadas na coleta de dados, como descritiva e exploratória.

Para Cervo e Bervian (2006, p. 66), a pesquisa descritiva “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”. Nessa parte da pesquisa, pretende-se informar sobre a importância das fotografias e seus aspectos, bem como descrever quais as metodologias existentes para a indexação de fotografias.

Em relação à pesquisa exploratória, essa parte da pesquisa possibilitou um melhor aprofundamento sobre a mesma. Isso porque, a pesquisa objetivou descobrir quais os aspectos sociocognitivos para a indexação de fotografias. Para Cervo e Bervian (2006, p. 69), “os estudos exploratórios não elaboram hipótese a serem testados no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo”.

Nesse contexto, foi possível identificar as dificuldades que interferem no processo de indexação do material fotográfico, quais metodologias utilizadas pelos indexadores, se utilizam estratégias de metacognição para a indexação. Ainda sobre esse tipo de pesquisa, Cervo e Bervian (2006, p. 69) afirmam que “a pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma”.

Para dar suporte a essa parte da pesquisa foi realizada uma pesquisa de campo. Segundo Santos (1999, p. 31,) “a pesquisa de campo é a que recolhe os dados *in natura*, como percebidos pelo pesquisador. Normalmente a pesquisa de campo se faz por observação direta,

levantamento ou estudo de caso”. Para esta pesquisa, foram escolhidas duas instituições que possuem acervos constituídos por fotografias, logo, fotografias são indexadas nesses ambientes e sua trajetória é contada por meio delas.

O procedimento escolhido para a coleta de dados em campo é a técnica introspectiva Protocolo Verbal Individual, a qual será explicada adiante neste mesmo capítulo.

5.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

Para a realização da pesquisa, foram escolhidas as seguintes instituições: Fundação Joaquim Nabuco (Recife/PE) e a Biblioteca Setorial Padre Jaime Diniz, esta última ligada a Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal/RN), que são unidades de informação e também instituições de memória. As mesmas disponibilizam além de acervos constituídos pelos diversos tipos de documentos, acervos fotográficos os quais contam parte de sua memória institucional.

A Escola de Música foi fundada no ano de 1962 e incorporada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte nesse mesmo ano, no dia 04 de outubro. Compôs o antigo Instituto de Letras e Artes em janeiro de 1968 e, em seguida, passou a ser órgão integrante do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA). A Escola de Música da UFRN (EMUFRN) se tornou, ao longo de sua história, uma rica fonte para a música no Rio Grande do Norte (RN), pois a maioria dos músicos do Estado é formada através dessa Instituição.

Por isso, a EMUFRN, ao longo de sua história, aparece como uma instituição importante para a difusão da cultura, sobretudo da música do Rio Grande do Norte. “Durante as três primeiras décadas de sua atuação, a EMUFRN movimentou a cultura musical no estado: promoveu seminários, recitais, festivais, encontros de bandas, ciclos de conferências e apresentações de professores e alunos” (HISTÓRICO⁶, 2005).

Ao longo dos seus 50 anos reuniu um acervo riquíssimo de fotografias que retratam vários acontecimentos ao longo de sua história, como recitais de conclusão de curso, apresentações de grandes maestros e músicos do Estado. Esse acervo encontra-se na Biblioteca Setorial Padre Jaime Diniz.

Os bibliotecários da referida instituição, percebendo a importância de sua trajetória ao longo dos 50 anos, sentiram a necessidade de divulgar essa trajetória. O meio escolhido para essa divulgação foi o recolhimento e, posteriormente, a divulgação de fotografias que

⁶ Documento online, não paginado.

retratassem essa história. Esse acervo contém grande parte da memória institucional da EMUFRN e a sua divulgação permite lançar novos olhares sobre a sua história.

A Fundação Joaquim Nabuco, por sua vez, tem como missão produzir, acumular e difundir conhecimentos. Resgatar e preservar a memória; e promover atividades científicas e culturais, visando à compreensão e ao desenvolvimento da sociedade brasileira, prioritariamente a do Norte e do Nordeste do país. A Fundação Joaquim Nabuco possui os mais diversos tipos de documentos, incluindo fotografias. Dentro do acervo fotográfico da fundação, está uma coleção constituída por mais de 1.500 fotografias que contam sua história.

Essas fotografias retratam desde a Assinatura da Lei número 770, pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, aprovando a criação do Instituto Joaquim Nabuco em 1949, até os dias atuais. Os mais diversos acontecimentos que constituem a memória institucional da fundação estão retratados nessa coleção, entre eles lançamentos de livros, congressos, cursos, além de fotografias dos funcionários e edifícios da instituição. A formação dessa coleção se deu por meio da incorporação das fotografias produzidas no decorrer da existência do local.

5.3 PROTOCOLO VERBAL

Para dar suporte a esta parte da pesquisa de campo, o instrumento de coleta de dados utilizado foi a técnica introspectiva e interativa do Protocolo Verbal. Segundo Neves (2004, p. 49), “protocolo verbal é um método em pleno desenvolvimento e perfeitamente adequado aos estudos da cognição humana durante a realização de tarefas”. O Protocolo Verbal ou “Pensar Alto” é uma técnica introspectiva de coleta de dados que consiste na verbalização dos pensamentos dos sujeitos. A aplicação do Protocolo Verbal é “uma técnica propriamente introspectiva, enquanto as outras (entrevistas, questionários, diários) são de natureza retrospectiva” (FUJITA, 2009, p. 54). Devido ao fato dos dados serem apresentados no momento de sua execução.

Segundo Rubi (2008, p. 82), “[...] Protocolo Verbal consiste na gravação da exteriorização verbal do pensamento de um ou mais indivíduos durante a realização de uma tarefa”. Permitindo assim analisar todo o processo verbal do participante. Segundo Fujita (2009, p. 51), “essa exteriorização é gravada e transcrita literalmente, produzindo protocolos verbais. Protocolos são, geralmente, definidos como relatos verbais dos processos mentais conscientes dos informantes”. A aplicação do protocolo verbal permitirá a descoberta do conhecimento do processual realizado nas instituições observando de forma direta como o indexador se comporta no momento da indexação.

O tipo do protocolo escolhido para a pesquisa é Protocolo Verbal Individual, uma vez que a pesquisa foi realizada de forma individual com os indexadores e a participação do pesquisador foi passiva, pois o mesmo não interferiu no processo, tendo apenas as seguintes funções: apresentar o que é protocolo verbal no início de cada seção e gravar o que acontece.

Procedimentos anteriores à coleta de dados

a) Público-alvo

Foram escolhidos bibliotecários indexadores que trabalham de forma direta com a indexação de fotografias nas instituições participantes. Devido ao fato de que poucos profissionais graduados trabalham diretamente com fotografias nas referidas instituições, foram escolhidos dois profissionais de cada instituição. Como a pesquisa é exploratória e encontramos dificuldades para encontrar profissionais que trabalhem com indexação de fotografias, o número de participantes foi considerado relevante. Para manter a integridade da pesquisa os nomes dos participantes foram mantidos em sigilo e foram reportados na pesquisa pelos nomes de Indexador A, Indexador B, Indexador C e Indexador D.

b) Material selecionado

Cada indexador participante indexou as 4 fotografias selecionadas (figuras 7,8,9,10) que podem ser consultadas ainda nesta seção. As fotografias pertencem aos acervos das instituições escolhidas. São duas fotografias da FUNDAJ e duas pertencente à UFRN. O critério adotado para selecionar as fotografias foi o seguinte: as mesmas deveriam ser sobre a memória de cada instituição. As fotografias de cada acervo foram escolhidas junto aos participantes e não poderiam estar indexadas. Durante a escolha do material, também foram colhidas informações a respeito das fotografias, e transformou-se essas informações em uma ficha para cada fotografia. Porque entendeu-se que somente com a fotografia em mãos a indexação não poderia ser completa, visto que as fotografias não tinham sido trabalhadas em seus acervos e também os indexadores apenas conheciam as informações das pertencentes de seus acervos.

Figura 7- Homenagem ao Reitor Onofre Lopes



Fonte: Acervo Escola de Música (1968).

Figura 08: Madrigal da Escola de Música da UFRN



Fonte: Acervo Escola de Música (1966).

Figura 9 - 30 anos da FUNDAJ



Fonte: Acervo da FUNDAJ (1979).

Figura 10: Quadro em homenagem aos 30 anos da FUNDAJ



Fonte: Acervo da FUNDAJ (1979).

b) Definição da tarefa

Diferente das pesquisas já realizadas com protocolos verbais na área da Ciência da Informação, nas quais é pedido para que sejam feitas leituras ou catalogação por parte do pesquisado, a proposta desta pesquisa foi à realização de indexações de fotografias de forma individual.

d) Conversa informal

Antes da realização da pesquisa, realizou-se uma conversa informal com cada participante para a explicação dos objetivos da pesquisa. Também se evidenciou que as identidades dos indivíduos seria mantida em sigilo, para manter a integridade da pesquisa, bem como para deixá-los à vontade no momento da realização da tarefa.

e) Familiarização com a técnica protocolo verbal

Antes da realização de cada protocolo leu-se para os participantes um texto com o objetivo de familiarizar a técnica com instruções aos sujeitos de como proceder durante a atividade. O texto encontra-se no Anexo (A).

Procedimentos durante a coleta de dados

A única tarefa realizada durante a pesquisa por parte do pesquisador foi a de gravação dos áudios dos protocolos. O mesmo também lembrou em alguns instantes da pesquisa a necessidade de se pensar alto. Ao todo, foram realizadas 8 aplicações de protocolo verbal, dois com cada indexador, em cada protocolo foram indexados duas fotografias.

Procedimentos posterior a coleta de dados

Após a realização da pesquisa, foram transcritas literalmente as falas gravadas dos sujeitos participantes. Realizou-se uma leitura e exame detalhados dos textos transcritos a fim de identificação das categorias propostas para análise.

5.4 FORMAÇÃO DE CATEGORIAS E FORMA DE ANÁLISE DE DADOS

A proposta de análise de dados da pesquisa tem como base a criação de categorias que auxiliaram na proposta de investigação. Essas categorias baseiam-se nos objetivos específicos da pesquisa que são: a) Identificar quais os procedimentos adotados para a indexação de fotografias; e b) Identificar as formas como os indexadores analisam as fotografias.

A elaboração das categorias foi pautada na literatura e envolvem os seguintes aspectos: indexação — análise de assuntos e aspectos cognitivos, política de indexação, indexação de fotografias — procedimentos e formas. Acreditou-se que, ao longo do envolvimento da pesquisa, novas categorias poderiam surgir, entretanto elas não ocorreram.

A seguir é apresentado um quadro com as categorias escolhidas, bem como os autores que escolhem trabalhar com elas.

Quadro 4- Categorias de análise de dados

CATEGORIA	FONTE
1-Cognição	Fujita e Silva 2004/ Gil Leiva 2012/ Bocatto 2012
2- Aspectos sociocognitivos	Fujita, Rubi, Bocatto 2009/ Fujita 2004, 2009, 2012/ Rubi 2004, 2008, 2012
3- Análise de assunto – leitura e identificação dos conceitos	Panosky 1979/Shatford 1994 / Manini 2002/ Bléry 1979, Rodrigues 2007, 2011/ Metodologia da própria instituição
4-Tradução	Panosky 1979/ Shatford 1994/ Manini 2002/ Bléry 1979, Rodrigues 2007, 2011/ Metodologia da própria instituição

Fonte: Autoria própria (2015).

Essas categorias estiveram presentes em todas as seções realizadas. No entanto, foi por meio das análises das mesmas e com base nos teóricos, que se pode alcançar o terceiro objetivo específico da pesquisa, no caso: c) Comparar os procedimentos e as formas como os indexadores realizaram a indexação de fotografias.

Nesse contexto, a categoria Cognição diz respeito ao comportamento, forma de análise utilizada pelos indexadores. Como Gil Leiva (2012) afirma, a percepção da informação pode ser visual por parte do indexador. A partir dessas categorias, se quer descobrir como essa percepção acontece.

Por outro lado, a categoria Aspectos Sociocognitivos está ligada à categoria de Cognição, pois podem influenciar nas escolhas feitas pelo indexador. Nessa categoria observou-se as diretrizes seguidas pelo indexador, a política de indexação, bem como o contexto no qual está inserido, a necessidade informacional de sua instituição, os usuários, se seguem algum tipo de metodologia para a indexação e cabeçalhos de assuntos. Também se analisou se o indexador fez uso de outras fontes além da própria fotografia para saber do que trata a fotografia.

Nas categorias Análise de assunto e Tradução, foram observados, se de fato as propostas encontradas na literatura sobre indexação de fotografias, como as de Manini (2002), Bléry (1979), assim como a dos outros autores supracitados no quadro 4, são consideradas formas como os indexadores indexam as fotografias. Analisou-se também se a instituição possuía metodologia própria. Essas categorias também estão ligadas as outras categorias citadas anteriormente. Nesse contexto, para a análise de assunto e tradução, se faz necessário o uso de aspectos cognitivos. Esses aspectos de cognição e as fases da leitura e da tradução são regidos pela política de indexação e os aspectos sociais no qual o indexador está inserido.

Assim, ao analisar essas categorias, acreditou-se que os três objetivos específicos propostos e o objetivo geral da pesquisa, que é analisar os aspectos sociocognitivos inerentes ao procedimento de indexação de fotografias, foram alcançados. As categorias propostas possuem ligação direta com esse objetivo, isto porque acredita-se que cada categoria compõe o processo de indexação de fotografias, ou serve para guiar por meio de regras, a indexação.

6 RESULTADOS

A partir das análises dos dados coletados e com base nas categorias (ver quadro 4), foi possível investigar e identificar as formas e procedimentos utilizados pelos indexadores para o momento da indexação de fotografias, visto que tem-se a representação do que ocorre com o indexador no momento da indexação.

Seguem as análises dos protocolos verbais utilizando-se das categorias escolhidas e descritas na metodologia. Para uma melhor compreensão da análise dos dados, cada categoria foi analisada de acordo com as 4 fotografias indexadas e exemplificadas nas falas dos indexadores. Os indexadores A e B são os que trabalham na FUNDAJ e os C e D na biblioteca da UFRN. Assim, pode-se perceber a diferença dos trabalhos com relação ao contexto de cada um. Lembrando que os indexadores escolheram a ordem de trabalho. Cada indexador trabalhou com duas fotos de cada acervo em um protocolo, não necessariamente na mesma ordem do indexador.

COGNIÇÃO

Durante a aplicação dos protocolos percebeu-se como é feito o processamento das informações relacionadas às fotografias. Sabe-se que é por meio da cognição que os indexadores realizam as atividades necessárias para a execução da indexação, seja a análise do assunto, seja a escolha dos descritores e tradução. Como a análise Assunto (leitura e identificação dos conceitos) e a Tradução se tornaram categorias, na categoria de Cognição buscou-se apenas identificar o modo como os indexadores fazem para analisar a fotografia e decidir qual o seu tema.

Quadro 05 – Análise da figura 07, categoria cognição.

INDEXADOR A	<i>Vamos para o segundo, a segunda imagem também desse acervo da escola de música da universidade Federal do Rio Grande do Norte. O que eu estou vendo na imagem, uma homenagem ao Reitor Onofre Lopes, perfeito! Uma homenagem ao Reitor Onofre Lopes. Pode ser até que essa imagem faça parte de um conjunto de imagens desse dia, dessa homenagem. Essa imagem pode ser até uma conjunto de fotos que fizeram parte desse dia então ela vai ser uma dessas imagens Homenagem ao Reitor Onofre Lopes é o título. Foi em 1968. O local provavelmente a escola de música, na escola de música, mas falta dizer onde é essa escola de música. São duas</i>
----------------	---

	<i>peças é o que eu vejo. Onde se vê a diretora da escola de música entregando um presente. Reitor Onofre Lopes recebendo presente da diretora da Escola de música, senhora Luiza Maria Dantas Cavalcanti por ocasião de homenagem.</i>
INDEXADOR B	<i>Anteriormente eu estava indexando uma fotografia dentro do contexto que eu conheço, essa já muda. Então quando muda eu tenho que observar melhor as pessoas que estão retratadas na foto. Como eu já tenho algumas informações, eu já sei que trata-se de uma homenagem ao reitor Onofre Lopes, então. Eu vejo a entrega de alguma, de um objeto mas eu não consigo identificar. Eu sinto a falta da, do título da solenidade porque como eu vejo outras pessoas eu não sei se essa solenidade é específica para fazer a homenagem ao Reitor. Ou se trata de outra solenidade, então precisava pesquisar sobre isso. Tem uma outra foto nessa sequência? Eu tenho a informação que é homenagem ao Reitor Onofre Lopes, então alguém já deve ter pesquisado, então eu vou seguir o que tem na ficha, Homenagem ao Reitor Onofre Lopes, preciso saber o local, mais como na fotografia já teve identificação dos personagens, das pessoas retratadas como é reitor da universidade Federal Rio Grande do Norte, subentende-se que seja lá o local, Rio grande do Norte, Natal. A data 1968, a imagem já traz a data, pelo menos já foi pesquisada. 1968.</i>
INDEXADOR C	<i>Bem, como eu falei antes a partir dos formulários preenchidos por diversas pessoas que viveram naquele momento histórico, a gente e observando a foto ao mesmo tempo, a gente observa que nessa foto está Luiza Maria Dantas, diretora da escola de música na época e o segundo personagem está o reitor Onofre Lopes da Silva e a gente observa que ela está entregando tipo um presente ao Reitor. Então basicamente o que que eu visualizo aqui, que é uma homenagem né que a diretora da escola de música no momento está fazendo ao reitor Onofre Lopes provavelmente isso aconteceu na escola de música, né no ano de 1968. Então, a partir do momento que a gente contextualiza o personagem, contextualiza o cargo, contextualiza o tempo a gente está fechando a descrição da imagem o máximo que a gente pode. Então tanto contextualizou é Luiza Maria Dantas, diretora da EMFRN na época, como o reitor em exercício no momento, naquela época Onofre Lopes da Silva.</i>
INDEXADOR D	<i>No caso nós temos aqui a imagem, a fotografia da escola de música que é o nosso acervo, que aparece a diretora na época da escola de música, foi a segunda diretora, a professora Luiza Maria Dantas, ela foi diretora no período de 1968 a 1979. E aparece aqui um auditório com várias pessoas, sendo a imagem principal focada na própria diretora fazendo uma homenagem ao Reitor Onofre Lopes que foi Reitor da universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 1959 a 1971. Então ela aparece entregando um presente que assim, no momento da para a gente identificar que é um presente né, uma homenagem ao Reitor. Então, o que é isso, isso a gente faz quando vai catalogar a gente faz um resumo da análise da fotografia. Então o que que a gente pode colocar nesse resumo? Pode colocar que existem várias pessoas no auditório e não está tão visível assim porque o fundo é bem escuro porque eles deram mais importância aos dois personagens principais, que é a diretora e o reitor. Então, no auditório onde ela aparece entregando esse, essa homenagem a ele. O local é um auditório mais nós não sabemos se esse auditório é da escola de</i>

	<i>música, ou se é em outro local, provavelmente na escola de música. Como não tem mais assim tantos outros detalhes, no caso é meramente, o assunto principal aqui seria mesmo essa homenagem ao reitor, então eu creio que já podemos definir aqui a fotografia.</i>
--	--

Analisando os protocolos, com relação a essa fotografia, fica claro que os indexadores tanto observaram o que a fotografia representa quanto se utilizaram de informações adicionais sobre as fotografias. Os que pertenciam ao contexto da fotografia ativaram a memória de longo prazo e descreveram as fotografias sem ler a ficha para indexação, como também já sabiam de alguns detalhes sobre as fotografias, como no caso do Indexador D, que sabia o período de direção da professora Maria Luiza, um dos protagonistas da foto. Um fator a ressaltar é que quando as fotografias pertenciam aos acervos dos indexadores eles sabiam muitos detalhes em relação aos outros, o que ficou perceptível em todos os protocolos.

Percebe-se que as informações auxiliaram para os que não fazem parte do contexto e, mesmo assim, eles ainda sentiram necessidades de mais informações sobre as fotos. O Indexador B diz: “Eu sinto a falta da, do título da solenidade porque como eu vejo outras pessoas eu não sei se essa solenidade é específica para fazer a homenagem ao Reitor. Ou se trata de outra solenidade, então precisava pesquisar sobre isso. Tem uma outra foto nessa sequência”. Nota-se que um dos mecanismos de cognição do indexador é identificar sobre o que trata o tema, se de um texto ou de uma foto. Isso demonstra que, somente com a fotografia em mãos, a indexação não pode ocorrer, visto que ela é subjetiva e o indexador necessita de informações adicionais para descobrir o que de fato ela retrata.

Com relação à análise geral da fotografia, apenas um indexador falou sobre as pessoas que estão ao fundo da foto, a plateia. Isso demonstra que os indexadores, de maneira geral, estão mais preocupados em descobrir o tema central da foto e descrevê-lo.

Quadro 06 – Análise da figura 08, categoria cognição.

INDEXADOR A	<i>Essa primeira que eu estou vendo é uma imagem de muito boa qualidade, que tem, eu acho, acredito, muita informação, porque ela tem, ela foi uma imagem feita com muita qualidade pelo fotografo e mostra o coral, aqui já identificado, o coral Madrigal da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ele está se apresentando na TV, uma televisão local, chamada TV Continental e tem o ano também isso é muito importante para o documento ter a identificação de quando aconteceu que é 1966. E importante para a gente identificar essa imagem é ter o máximo de pessoas identificadas, já que é um grupo, né já que é um grupo de pessoas que são os integrantes do coral, e o maestro, regente do coral. Agora vamos</i>
----------------	---

	<p><i>descrever, dar o máximo de informações sobre as pessoas que estão retratadas né, eu tenho aqui o nome do regente que é o padre Pedro Ferreira e o nome de quase todos os componentes do coral que existem tanto mulheres quanto homens. Eu faria da esquerda para a direita. Em primeiro lugar, No primeiro plano nos vemos o regente, então eu faria uma silhueta, pegava um papel seda transparente faria levemente com lápis. Acho que o lápis 6 b da faber castel é um bom lápis para fazer uma silhueta, bem leve para não marcar a fotografia, faria uma silhueta, de todos os componentes, numeraria, o número 1, o regente que está em primeiro plano e depois da esquerda para a direita numeraria 2, 3, 4 5, 6 a primeira fila, da esquerda para a direita, e a outra fila também da esquerda para a direita e depois faria a descrição de cada retratado o número 1 que é o padre Pedro Ferreira, o regente, o número 2 a primeira componente do coral da esquerda para a direita, na primeira fila, deve ser a Maria Borges de Lima, a terceira Isméria Gonçalves Dias, Alba Lúcia Borges Lima, Rita de Cássia Pinheiro Cantídio, Magnólia Monteiro Azevedo Pereira, Maria de Fátima de Brito, Deijair Henrique Borges, Vera Lúcia Vilar Garcia, Elizabeth Batista da Silva, Atenilde Cunha, Leonor Gonçalves, Edna Fernandes, Domicilia Rodrigues de Souza.</i></p> <p><i>Começaria aqui, na segunda fila também da esquerda para a direita, só os homens o décimo quinto Geraldo Estevão Vital, Walter Araújo, Estácio Cavalcante, Joel Câmara de Carvalho Filho, Glênio Manso Maciel, Marcos Campos da Silva, Emanuel de Melo e Silva, Ocidente Fernandes. E claro a identificação a ser feita posteriormente de mais três retratados, sem identificação, então eu acho que a silhueta ajuda muito porque, porque normalmente a gente não pode escrever na própria imagem, fazendo a silhueta com papel transparentesinho que é um papel ceda, bem de leve pra não poder marcar a imagem gente faz o desenho, numera, que a gente precisa, a não ser que se faça uma reprodução só para numerar, mas normalmente eu faço uma silhueta com papel transparente e anexo junto ao envelope onde vai ser guardado a fotografia.</i></p>
<p>INDEXADOR B</p>	<p><i>E na sequência eu já tenho outra foto que é outro evento. Já foi feita uma pesquisa e é uma apresentação de um Coral, Madrigal da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na TV Continental Rio de Janeiro, nesse caso o local vai ser Rio de Janeiro, a data eu já tenho 1966. A foto já tem uma numeração e na pesquisa, a pessoa que fez a pesquisa esqueceu de colocar a numeração. Então na sequência, pela lógica o primeiro deve ser Geraldo Estevão Vidal, que é o que está numerado. Agora eu já entendi! Os homens estão enumerados e as mulheres também, e o personagem, o regente que é o primeiro ele está separado, Padre Pedro Ferreira. Na sequência vou identificando. O mesmo critério da esquerda pra direita e a mesma dificuldade porque nem todos estão numerados, preciso conferir pra saber se estão identificadas.</i></p>
<p>INDEXADOR C</p>	<p><i>A segunda foto, eu realmente observo aqui que é uma foto da apresentação do Madrigal a escola de Música, né, e essas informações a gente conseguiu a partir de um dos integrantes deste madrigal que esteve aqui na escola e colaborou com o nosso projeto identificando a foto a partir do formulário. Então o que que a gente observa nessa foto, a gente vê que é apresentação do Madrigal da escola de música da universidade na TV Continental no Rio de Janeiro e isso aconteceu em 1966. Então, é uma foto que tem muitos</i></p>

	<p><i>personagens e conseguimos realmente identificar os personagens. Então como regente nós temos o Padre Pedro Ferreira, como mulheres da esquerda pra direita, nós temos Maria da Salete Borges Lima, Isméria M^a Gonçalves Dias, Alba Lúcia Borges Lima (coberta pelo regente), Rita de Cássia Pinheiro Cantídio, Magnólia Monteiro Azevedo Pereira, Maria de Fátima de Brito, Dejair Henrique Borges, Vera Lúcia Vilar Garcia, Elizabeth Batista da Silva, Atenilde Cunha, Leonor Gonçalves Dias, Edna Fernandes, Domicilia Rodrigues de Souza E os homens da esquerda para a direita Geraldo Estevão Vital, Walter Araújo, Estácio Cavalcante, Joel Câmara de Carvalho Filho, Glênio Manso Maciel, Marcos Campos da Silva, Emanuel de Melo e Silva, Ocidente Fernandes. Então, a partir da gente identificar a todos os personagens, identificar que evento foi isso e aonde aconteceu, a gente consegue fazer a catalogação, irá conseguir fazer a catalogação dessa fotografia.</i></p>
INDEXADOR D	<p><i>Então, essa fotografia relata a regência, a apresentação do Madrigal, com o regente que é Padre Pedro, só que essa apresentação não foi aqui em Natal, foi no Rio de Janeiro. Não sei qual foi o evento, porque até agora não foi identificado. Nós só sabemos que foi no Rio de Janeiro, na TV Continental. Então, fica faltando a questão do evento que eles foram participar. Os personagens que são os cantores, os madrigalistas no caso. E tem as vozes masculinas e as vozes femininas. As vozes femininas, estão sobre um, como é que chama? Um elevado, agora eu não me lembro como é o nome dele. Tem um nome específico que, eles ficam em dois níveis, as vozes femininas ficam abaixo e as vozes masculinas no superior. Eles são identificados da esquerda para a direita. Eles foram identificados pela diretora Luiza Maria, não sei se é necessários dizer todos, mas são treze vozes femininas e oito masculinas. E essa apresentação foi em 1966.</i></p>

Percebe-se que todos os indexadores utilizaram a cognição para identificação do conteúdo da imagem e, como ocorreu com a fotografia anterior, o objetivo central na primeira parte da indexação foi descobrir o tema central de que trata a fotografia.

Com relação a essa fotografia, os que não pertencem ao contexto, assim que a observam, por meio da percepção sensorial, veem um coral e com auxílio das informações, descobrem que se trata do Madrigal no Rio de Janeiro. Os entrevistados que pertenciam ao contexto já sabiam do que se tratava especificamente a foto. No último caso, os indexadores se utilizaram do conhecimento prévio sobre o assunto. Dessa forma, o Indexador apresenta uma descrição mais detalhada da fotografia. Pois Ele cita o fato da forma como o coral está dividido, isto é, mulheres e homens em um elevado. O elevado serve justamente para dar um destaque nas divisões das vozes.

Quadro 07 – Análise da figura 09, categoria cognição

<p>INDEXADOR A</p>	<p><i>Nós vamos agora indexar, nós vamos catalogar duas imagens da coleção Eventos da Fundação Joaquim Nabuco, as duas imagens são dessa mesma coleção. Essa coleção ela retrata momentos, eventos, reuniões, exposições, seminários vários tipos de acontecimentos que ocorrem, parecidos com estas outras duas imagens que a gente viu, que ocorrem dentro da instituição e também fora da instituição envolvidos com a instituição. Então essas suas imagens é retratam uma, retratam uma reunião do conselho diretor em comemoração aos trinta anos da Fundação Joaquim Nabuco, da criação da Fundação Joaquim Nabuco. E é quando se inaugura um retrato do momento da criação pelo presidente do Brasil na época 1949 e é um retrato pintado por um pintor que é o Baltazar da Câmara e essa assinatura de criação do Instituto Joaquim Nabuco, na época se chamava Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e essa assinatura da criação do Instituto Joaquim Nabuco pelo Presidente Dutra está com um grupo de deputados ao redor deles incluindo Gilberto Freire e esse Baltazar o pintor fez a cena, pintou a cena. Então tem uma reunião do conselho diretor para a inauguração desse quadro, mostra esse quadro a conselho diretor com várias personalidades. Então a gente vai ver aqui como vai descrever essas duas imagens.</i></p> <p><i>Então a primeira imagem, essa primeira imagem mostra o descerramento do pano, pra o descerramento do pano que está encobrindo o quadro, a pintura, da assinatura da criação do instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais pelo o então presidente do Brasil em 1949 que era do Dutra. Quem está descerrando o pano é o próprio presidente da fundação, na época essa foto, essa imagem, esse evento é um 1979 que Fernando Freire filho de Gilberto Freire quem está junto dele é Baltazar da Câmara o próprio pintor do quadro.</i></p>
<p>INDEXADOR B</p>	<p><i>Vou consultar as informações. Nas informações que trazem o envelope têm a data, a quantidade de fotos, o evento: reunião do conselho diretor para entrega da medalha massangana comemorativas dos trinta anos da fundação. Em 1979 a fundação se chamava instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais. Eu vou desenhar a silhueta para identificar as pessoas que estão presente na reunião. Aqui um lápis e uma folha fina para fazer a silhueta. Então, as pessoas que estão presentes na reunião vão ser meus descritores. Eu sigo uma sequência para identificar cada pessoa e vou usar o critério da esquerda para a direita. Descritores né. No verso da foto traz mais informações, mais não identifica as pessoas. Bom, então eu tive que fazer uma pesquisa para identificar as pessoas. As pessoas estão de costas para os reunidos, eu não vou identificar o meu foco será somente as pessoas presentes à mesa.</i></p>
<p>INDEXADOR C</p>	<p><i>Voltando agora para as fotografias da Fundação Joaquim Nabuco realmente nos bibliotecários que não estamos dentro do contexto histórico da instituição sentimos mais dificuldades mesmo. Porque são pessoas que a gente nunca viu, o contexto histórico a gente não sabe então é bem mais complicado pra gente catalogar esse tipo de material. O que eu tenho aqui na minha mão é a ficha de indexação onde eu tenho um título provisório, os personagens da fotografia, o local em que aconteceu e o evento né. Então realmente seria uma catalogação mais superficial, porque realmente não temos conhecimento histórico. Então o que eu vejo, eu vejo que é uma</i></p>

	<p><i>reunião do conselho diretor para a entrega da medalha massangana na festa comemorativa dos trinta anos da Fundação Joaquim Nabuco, vemos diversas pessoas na foto, eu vejo uma foto que estão descerrando um quadro com uma imagem, algo assim e temos como personagens identificados três personagens, em pé está Baltasar da Câmara, que é o pintor, ao lado dele está Fernando de Melo Freire que seria de acordo com a identificação o presidente da fundação na época e sentado nós temos o personagem Rui João Marques que seria um conselheiro da fundação. Isso aconteceu na Fundação Joaquim Nabuco, nesse evento dessa entrega da medalha massangana.</i></p>
INDEXADOR D	<p><i>Bem, essa foto aqui segundo a ficha de identificação tem a questão do resumo e os prováveis, títulos já identificados por alguns colaboradores, então nós vemos aqui a reunião do conselho diretor para a entrega da medalha massangana em comemoração aos 30 anos da Fundação Joaquim Nabuco. Nós temos os personagens, do conselho diretor, também da esquerda para a direita estão sentados e as duas pessoas descerrando o quadro que é em comemoração, que retrata a assinatura do presidente do Brasil, o presidente Dutra em 1949 autorizando a criação da fundação. Então é a comemoração dos 30 anos da Joaquim Nabuco. Então esses personagens, da esquerda para a direita está Rui João Marques em pé, que é o pintor desse quadro. Baltazar da Câmara e Fernando de Melo Freire que é o presidente da fundação. O local é na própria fundação, eles estão numa reunião de conselho. Bom, agora a gente vai identificar os descritores através desse tópicos que identificam a fotografia.</i></p>

O indexador A, por meio da memória de longo prazo, assim que observa a foto, faz uma descrição do contexto ao qual ela pertence. Isso porque o indexador A pertence a esse contexto. Dessa forma, apresenta detalhes sobre a história da fotografia.

Mesmo sentindo dificuldade por não pertencer ao contexto da fotografia, o indexador C, por sua vez, consegue identificar o tema central e os personagens que compõem a fotografia. Neste caso, ativa a memória de curto prazo e junto com ela, a prática que possui sobre indexação de fotografia.

Quando o Indexador B diz “vou consultar informações”, está se referindo à busca de informações que o auxiliem na identificação do tema central da fotografia. Caso as informações estejam incompletas, realiza-se uma pesquisa por parte do indexador e assim se descobre do que se trata a fotografia.

Podemos perceber que os indexadores criam sequência de atividades. Primeiro se observa a foto, e em seguida se descreve de forma genérica buscando-se informações para descobrir do que realmente trata a foto, assim percebe-se que o primeiro passo é sempre observar a fotografia.

Quadro 08 – Análise da figura 10, categoria cognição.

INDEXADOR A	<i>Na segunda imagem temos essa mesma ocasião agora é entrega da medalha e descerramento da placa né?! Da pintura. Deixa eu completar esse evento, nessa ficha, seria apresentação da pintura de Baltazar da Câmara retratando a assinatura da criação e entrega de medalha massangana comemorativa dos trinta anos de criação da fundação. Aqui reunião do conselho diretor para entrega da medalha massangana dos trinta anos da Fundação Joaquim Nabuco, mesma coisa do outro. Vê-se, como é nome dele? É vê-se Nilo Pereira discursando. Pronto é isso, é a reunião do Conselho Diretor para a entrega da medalha massangana nas festas comemorativas dos trinta anos da Fundaj vê-se Nilo pereira e foi é a inauguração ne, e comemoração, apresentação da pintura. Isso é muito importante.</i>
INDEXADOR B	<i>Na sequência, as duas imagens foram colocadas fora de ordem. Então, a primeira foto que eu indexei na sequência vai ser a segunda. Porque eu escolhi essa aqui como a primeira foto da coleção, porque eu vejo aqui um quadro que vai ser inaugurado e na outra reunião na foto anterior o quadro já foi inaugurado. Já não está mais coberto, por isso que a sequência vai ser a segunda foto a primeira. Eu vou identificar o autor do quadro, inclusive o autor do quadro é uma das personalidades que está na inauguração. Então, inauguração do quadro de autoria de Baltazar da Câmara com retrato da solenidade de criação do instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais.</i>
INDEXADOR C	<i>A segunda foto que estou observando aqui que é exatamente o mesmo evento da reunião do conselho diretor para a entrega da medalha massangana nas festas comemorativas dos trinta anos da fundação. O que é que eu percebo aqui, que a foto já está em outro ângulo, o quadro já foi descerrado e temos várias pessoas compondo a mesa. Então o número de personagens aumentou né?! Descrivendo os personagens da esquerda para a direita Rui João Marques que é exatamente o conselheiro, Fernando de Melo Freire o presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Marli Mota e eu sinto falta aqui de saber quem é Marli Mota. Qual o cargo dela no momento e José Antônio Gonçalves Melo, de acordo com o que foi identificado, mas, sinto falta também do cargo de José Antônio que seria uma informação importante. E discursando foi identificado Nilo Pereira que eu também sinto falta do cargo dele. Quem é essa pessoa na sociedade? Isso seria uma informação importante para a indexação. Esse evento ocorreu em 1979 e retrata o momento da assinatura do presidente do Brasil, Dutra em 1949 autorizando a criação da Fundação Joaquim Nabuco, exatamente, o quadro que foi descerrado retrata isso. Mais realmente pra catalogar eu esperaria mais um pouco para poder obter essas informações que eu acho importante, que seriam os cargos de Marli Mota, Antônio Gonçalves e Nilo Pereira pra ficar uma informação mais completa.</i>
INDEXADOR D	<i>A questão da outra foto, seria a sequência do ato de inauguração, da entrega da medalha, a questão do descerramento do quadro. No caso, o quadro já está descoberto. Não é descerrado. E o conselho está reunido, o conselho diretor da fundação já está reunido em volta de uma mesa, com algumas pessoas reunidas na plateia. Ao fundo tem, existem as bandeiras e alguém está fazendo um discurso. Ah, Nilo Pereira. Eles tem vários, vários, Rui João Marques, Fernando de Melo Freire, Marli Mota, José Antônio de</i>

	<i>Gonsalves Melo e Nilo Pereira. No caso são integrantes do conselho diretor da fundação.</i>
--	--

Como essa segunda foto é uma sequência da outra referente as discussões do quadro 7, os indexadores não se detiveram a muitos detalhes. A maior parte da análise foi centrada na foto anterior e o tema da fotografia seria o mesmo da foto anterior do quadro 7.

Na cognição, o enfoque principal por parte do indexador é descobrir o tema central do documento. Logo, todos eles percebem que o número de personagens que compõem a mesa aumentou, porém apenas dois indexadores atentaram para o personagem que faz um discurso, ou seja, mesmo com outros detalhes nesta fotografia, o tema continua o mesmo da foto anterior/quadro7 e os indexadores se detiveram a isso quando analisaram a segunda fotografia.

Com relação à percepção sensorial ativada pela visão, ao observarem a segunda foto, todos os indexadores perceberam que se tratava de uma sequência, devido ao fato de a pintura coberta na primeira foto aparecer descerrada. Assim, considera-se a parte da percepção importante na identificação de novos personagens retratados.

ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS

Nesta categoria, observou-se como o contexto no qual o indexador está inserido influencia na indexação. Questões relacionadas ao usuário, à política de indexação, aos manuais, à formação do indexador, ou de como faz para a obtenção de informações sobre as fotografias que compõem o acervo, são levadas em consideração.

Nesta primeira foto, não foi possível identificar por meio da fala dos indexadores A e B, as questões relacionadas a esta categoria.

Quadro 09 – Análise da figura 7, categoria aspectos sociocognitivos.

INDEXADOR C	<i>Bem, a nossa análise da informação daqui das imagens fotográficas a gente sentiu necessidade de analisar mas nós não tínhamos os conhecimentos profundos para isso e em busca desse conhecimento. Eu fiz um curso em 2011, on-line onde esse curso chamava-se a pratica da indexação de imagens fotográficas. Foi um curso bastante proveitoso onde eu pude</i>
----------------	--

	<p>resgatar bastante material e a partir dele realmente tive fundamentação teórica pra fazer a representação do conteúdo dessas informações e basicamente a indexação ela é baseada em proposta de Bléry em 1981 citado por Smith 1996, e esses parâmetros baseados em quatro perguntas básicas: <i>QUEM</i> – identifica o objeto enfocado, os seres vivos, os artefatos suas funções etc. <i>ONDE</i> – é exatamente a localização da imagem no espaço. <i>QUANDO</i> – Localização da imagem no tempo, tempo cronológico ou tempo da imagem. E <i>COMO</i> ou <i>O QUE</i> - que é a descrição dos detalhes da imagem. Então, a grade geral da análise da informação em imagens fotográficas elas se baseiam nisso, que parte do mais geral para o mais específico. Como estamos trabalhando com um banco bastante antigo, um banco de imagens bastante antigo nós tivemos a necessidade de resgatar essa informações a partir de pessoas que estiveram aqui naquela época então o que aconteceu, nos elaboramos um formulário baseados nessas perguntas de Bléry e lançamos pra buscar, buscamos essas pessoas e lançamos pra essas pessoas para o reconhecimento dessas imagens. Vale salientar que uma só pessoa não responde uma mesma foto, várias pessoas respondem o mesmo questionário e a gente vai fazer o encontro das informações. Porque? Porque pode acontecer de uma pessoa só identificar uma pessoa quando na realidade não é uma pessoa. Então várias pessoas respondem o mesmo questionário da mesma foto e a gente vai batendo as informações para realmente ter certeza de aquilo que está falando é a verdade. A partir desse formulário respondido o que é que nós vamos, pegar as informações necessárias para a representação do conteúdo. Vale salientar que é a representação descritiva das imagens ela volta-se para a identificação, descrição física, suporte das características da imagem tudo baseado e respeitando os direitos autorais. Ne. Então pra isso, a partir disso lançasse os descritores. Os descritores como assunto ele é baseado em uma vocabulário controlado, já os descritores no caso o 600 nome pessoal não tem como a gente se basear em um vocabulário controlado porque são nomes de pessoas. Mas toda vida quando são descritores baseados em nomes mesmo sem ser pessoais a gente trabalha com vocabulário controlado. Geralmente o vocabulário da Biblioteca Nacional. Vale salientar que quando colocamos assunto sem ser nomes próprios nos realmente trabalhamos em torno de um vocabulário controlado e esse controlado baseado na Biblioteca Nacional.</p>
<p>INDEXADOR D</p>	<p>A gente está no acervo iconográfico da escola de música e a gente está analisando as fotografias. Então, com bases nas pesquisas que nós fizemos pra chegar a esse trabalho nós pesquisados em várias instituições que já fazem né a indexação de imagens. Então, nós nos baseamos principalmente no curso sobre indexação de fotografias, eu não me lembro agora o nome do curso. Esse curso foi on-line e também com base em vários manuais inclusive o da biblioteca Nacional onde muitos, fazem aquela análise pra indexar, é a análise da fotografia basicamente aquelas perguntas: <i>QUEM-QUEM</i> aparece na foto, os personagens. <i>Onde- né</i> o local, <i>QUANDO</i> que é o período onde se passou aquela imagem e mais outras informações que sejam relevantes para a indexação.</p> <p>No caso, para que a gente determine esses descritores é necessário que a gente veja, onde, em que acervo estas fotografias estão armazenadas, no caso na biblioteca da escola de música. Então se é numa escola de música,</p>

	<i>então provavelmente os termos vão ser relacionados à escola de música e até a própria música.</i>
--	--

O primeiro aspecto que deve ser mencionado com relação a estes exemplos é o de capacitação dos indexadores para a execução da tarefa, pois isso vai influenciar todo o trabalho de indexação. Os indexadores, a partir do momento da criação do acervo, sentiram necessidade de se capacitarem para a realização da indexação de fotografias por meio de um curso on-line. Nesse curso, eles aprenderam que a indexação deve ser baseada nos questionamentos sugeridos por Bléry (1979): QUEM, QUANDO, ONDE, COMO e O QUE. Ficou claro no decorrer da pesquisa que esse curso e o conhecimento dessa metodologia influencia toda a indexação dos bibliotecários da UFRN.

Outro aspecto sociocognitivo percebido foi à forma como coletaram as informações sobre o material que constitui o acervo. De que maneira a maioria das fotos não são da vivência desses bibliotecários, eles acharam uma forma de colher informações relacionadas a elas, por meio de um formulário de identificação de fotografias, os quais são respondidos por pessoas que viveram na época das fotos mais antigas. Podemos dizer que essas informações também influenciam a indexação, a qual é realizada de acordo com as informações colhidas. Nessa foto, também não foi possível identificar, por meio da fala do indexador B, as questões relacionadas a esta categoria.

Quadro 10 – Análise da figura 8, categoria aspectos sociocognitivos.

<p>INDEXADOR A</p>	<p><i>Eu faria da esquerda para a direita. Em primeiro lugar, No primeiro plano nós vemos o regente, então eu faria uma silhueta, pegava um papel seda transparente faria levemente com lápis. Acho que o lápis 6 b da Faber Castel é um bom lápis para fazer uma silhueta, bem leve para não marcar a fotografia, faria uma silhueta, de todos os componentes, numeraria, o número 1, o regente que está em primeiro plano e depois da esquerda para a direita numeraria 2, 3, 4, 5, 6 a primeira fila, da esquerda para a direita, e a outra fila também da esquerda para a direita e depois faria a descrição de cada retratado o número 1 que é o padre Pedro Ferreira, o regente, o número 2 a primeira componente do coral da esquerda para a direita, na primeira fila, deve ser a Maria Borges de Lima, a terceira Ismeria Gonçalves dias...</i></p> <p><i>Começaria na segunda fila também da esquerda para a direita, só os homens o décimo quinto Geraldo Azevedo...e claro a identificação a ser feita posteriormente de mais três retratados, sem identificação, então eu acho que a silhueta ajuda muito porque, porque normalmente a gente não pode escrever na própria imagem, fazendo a silhueta com papel transparentezinho que é um papel ceda, bem de leve pra não poder marcar</i></p>
------------------------	---

	<p><i>a imagem gente faz o desenho, numera, que a gente precisa, a não ser que se faça uma reprodução só para numerar, mas normalmente eu faço uma silhueta com papel transparente e anexo junto ao envelope onde vai ser guardado a fotografia.</i></p> <p><i>Os descritores, os descritores são palavras-chave né, como a gente sabe, são palavras-chave que a gente vai colocar para fazer a recuperação das imagens. Dentro sempre de um vocabulário controlado que a gente definiu previamente.</i></p> <p><i>Mas eu acho que é a silhueta, não precisa ser em ordem alfabética, agora nesses descritores eu ponho e vou colocar lá essas palavras-chave na minha lista de vocabulário controlado, é importante que vai ficar lá registrado porque nesse vocabulário controlado de eventos ou de, do meu arquivo geral da universidade federal, da escola de música do rio grande do norte, esses personagens podem aparecer de outras vezes, e aí já vai recuperar.</i></p> <p><i>Todas as vezes que aparecer o maestro padre Pedro ferreira, Geraldo Estevão Vital, a Maria da Salete Borges Lima, a Esmeria, todos esses componentes do coral em outras imagens, quando aparecer, ela vai recuperar, porque, se alguém vier pesquisar, a eu quero os personagens, a Maria da Salete Borges, que apareceu lá no coral, no Rio de Janeiro vai recuperar. Então vai ser uma palavra que vai fazer parte do meu vocabulário controlado os personagens, os componentes do coral madrigal da escola de música da universidade federal do rio grande do norte, vão fazer parte então, não preciso colocar, isso é muito importante as vezes a gente comete esse erro de colocar de dar um título muito grande não há necessidade e nem de repetir os outros campos, coloca lá no título e põem nos meus descritores, nas minhas palavras, no vocabulário controlado o nome dos personagens</i></p>
<p>INDEXADOR C</p>	<p><i>A segunda foto, eu realmente observo aqui que é uma foto da apresentação do Madrigal a escola de Música, né, e essas informações a gente conseguiu a partir de um dos integrantes deste madrigal que esteve aqui na escola e colaborou com o nosso projeto identificando a foto a partir do formulário.</i></p> <p><i>Então como descritores nós iremos colocar, no meu entender MADRIGAL DA ESCOLA DE MÚSICA, UFRN E 1966 porque realmente a gente acredita que essa informações fazem com que recuperasse essa foto. E como nota nós colocaríamos o nome de todos esses personagens ditos anteriormente e as demais informações como local, ano a gente colocaria no final da catalogação</i></p> <p><i>Vale salientar que essa catalogação, esses descritores eles não estão terminantemente fechados, porque? Porque como os formulários ele vai passar por diversas outras mãos pode ser que lá na frente outra pessoa de uma informação que nós não tínhamos conseguido antes. Então observando isso vamos até a catalogação, vamos até os descritores e vamos ver se podemos adicionar mais. Outra questão também que não podemos deixar de mencionar é que nossa catalogação os nossos descritores são voltados para nomes pessoais, então pode surgir o questionamento, porque não utilizou o assunto mesmo com o nome normal, sem ser nome pessoal, porque nós trabalhamos de acordo com o vocabulário controlado da biblioteca nacional, então muitas vezes nós vamos nesse vocabulário controlado, buscamos os descritores de acordo com que a imagem mostra, mas não encontramos, então por não encontrar muitas vezes colocamos em notas</i></p>

	<i>tudo aquilo que representa a foto e deixamos apenas os nomes pessoais dos principais personagens.</i>
INDEXADOR D	<i>Bem, essa segunda foto trata-se do Madrigal da UFRN e não foi da nossa vivência então nós pedimos a colaboração de vários professores que vivenciaram essa época. Eles foram identificados pela diretora Luiza Maria. Então para a questão da indexação, o que que vai interessar aqui para nós. Primeiramente a gente identifica, o assunto nome, que são o nome de todos os cantores e do regente. O primeiro seria o regente, entraria na ordem inversa, FERREIA, PEDRO e no outro subcampo PADRE. Logo depois vem todas as OUTRAS CANTORAS como a ISMÉRIA e por ai vai..., na ordem inversa também e no subcampo CANTORA. E depois FOTOGRAFIA, especificando o tipo de material. E assim vai, todos na questão do assunto nome. E depois vamos para o assunto, no caso entidade, aqui o próprio madrigal, nó colocaremos diretamente o MADRIGAL DA ESCOLA DE MUSICA DA UFRN. Como UFRN já é bastante conhecido, podemos colocar diretamente Madrigal da UFRN. Se quiser colocar o período também pode colocar, foi apresentação em 1966. Porque nós teríamos apresentação do madrigal em outros períodos. Então, eu acho necessário colocar período de apresentação. Como teve, quando se comemorou o cinquentenário do Madrigal. Foi feito um levantamento de todas as apresentações do Madrigal, então isso é relevante colocar o período, colocar também o regente que está à frente do coral. Como a gente já citou lá no assunto. Um outro descritor para se utilizar aqui seria a questão do concerto, CONCERTO CORAL – PERÍODO, colocando a localização no caso Natal, ops Natal não, Rio de Janeiro. Outro assunto tópico que de repente alguém pode fazer busca, o pesquisador, seria o tipo de música no caso aqui é MÚSICA CORAL. Sub campo CONCERTO. Para essa fotografia nós não sabemos qual foi o evento, apenas que foi na TV Continental. É isso.</i>

De acordo com a análise dessa foto, o indexador A utiliza-se de um mecanismo também utilizado pelo indexador B em outra fotografia, que foi indexada para a pesquisa, chamado silhueta. A silhueta é uma forma que os indexadores da FUNDAJ utilizam para identificar os personagens em fotografias, sem danificar a fotografia original. Esses indexadores da FUNDAJ pegam um papel fino e desenharam por cima da foto, colocam o desenho junto à foto e, no momento de descrição da fotografia, colocam os nomes dos personagens nesse desenho. Dessa forma, o original fica preservado e as informações da silhueta são transcritas para o sistema. Outro detalhe da silhueta é que a identificação dos personagens ocorre da esquerda para a direita. A realização desse método demanda um tempo a mais para a realização da indexação, pois o desenho é feito com um cuidado para não danificar a foto que está embaixo do papel.

O indexador A fez menção a um vocabulário controlado, porém não fez uso de nenhum. O indexador C fez menção ao vocabulário da Biblioteca Nacional, porém também

não o utilizou na indexação da foto. Ainda sobre o indexador C, por meio da sua fala, percebe-se que o processo de catalogação da instituição influencia a indexação. E, assim a melhor forma de inserir os nomes dos personagens encontrados por ele é em uma nota, isto é, ele escreve em uma nota o que observou e em seguida escolhe outros descritores para a fotografia. Não se pode abrir nota na indexação, mas sim na catalogação. Esse aspecto da catalogação também é percebido no final da fala do indexador A, quando fala dos títulos dados às fotografias.

Sobre o indexador D, quando fala que deve identificar o assunto nome, assunto entidade, ele se refere aos campos do MARC. A escolha dos descritores é feita baseada no preenchimento desses campos, visto que no catálogo da UFRN é utilizado o MARC 21.

Quadro 11 – Análise da figura 9, categoria aspectos sociocognitivos.

INDEXADOR A	<i>Nós vamos agora indexar, nós vamos catalogar duas imagens da coleção Eventos da Fundação Joaquim Nabuco, as duas imagens são dessa mesma coleção. Essa coleção ela retrata momentos, eventos, reuniões, exposições, seminários vários tipos de acontecimentos que ocorrem, parecidos com estas outras duas imagens que a gente viu, que ocorrem dentro da instituição e também fora da instituição envolvidos com a instituição Os descritores são, é tudo que eu vejo nessa imagem certo. Então vamos lá: homens, eu vejo Pintura, bandeiras e quem são esses homens né Fernando de Melo Freire, Rui João Marques, Baltazar da Câmara. Acho que a gente pode dizer, eu não sei como é estruturalmente Fernando de MELO FREIRE – PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIN NABUCO. Baltazar da câmara - pintor rui João marques- Conselheiro, pronto é quem eu estou vendo, os de costas não vou identificar. HOMENS, PINTURA, BANDEIRAS FERNANDO DE MELO FREIRE-PRESIDENTE D UNDAJA, BALZTAZAR DA CAMARA O PINTOR, LUIZ JOÃO MARQUES CONSELHEIRO, pronto.</i>
INDEXADOR B	<i>Eu vou usar as silhuetas, da esquerda para a direita. Primeiro, eu tive que fazer uma pesquisa, ficou mais fácil porque as pessoas retratadas são as mesmas que aparecem na foto anterior. Na pesquisa o primeiro retratado não foi identificado, o segundo RUI JOÃO MARQUES, o terceiro sentado MARLI MOTA. Em pé na sequência da silhueta o quarto é o autor do quadro BALTAZAR DA CÂMARA. O quinto presidente FERNANDO FREIRE.</i>
INDEXADOR C	<i>Como descritores aqui eu recorro a Biblioteca Nacional e vou buscar como festa comemorativa – não obtive nenhum sucesso. Como segundo descritor vou colocar comemoração, também não obtive nenhum sucesso. Terceiro e último descritor coloco reunião do conselho diretor também não estou obtendo sucesso. Como não consegui nenhum assunto nome, nós partimos para o 600, exatamente assunto nome pessoal como é o habitual daqui do nosso trabalho</i>
INDEXADOR D	<i>Bem, a questão do principal descritor de busca, ao meu ver seria a própria Fundação Joaquim Nabuco. Claro que nós teríamos todos os assuntos</i>

	<p><i>nomes, das pessoas envolvidas colocando na ordem inversa e o descritor principal seria a FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, com sub-tópico a questão da COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS, esse seria o assunto principal. Seria no caso o assunto entidade. Quanto a questão dos assuntos tópicos, que seria os outros assuntos poderíamos colocar, DATAS COMEMORATIVAS, instituições, alguma coisa desse tipo. Mas traduzindo para a linguagem de indexação, poderíamos colocar, deixa eu ver, Instituições. A Fundação ela é uma fundação de pesquisa? A fundação. Como ela é uma fundação de pesquisa poderíamos colocar nos outros assuntos, por causa da questão da exaustão INSTITUIÇÕES DE PESQUISA – DATAS COMEMORATIVAS de repente. Agora claro que isso tem que ser baseado na lista de vocabulários controlados para que não fique termos alheios ao vocabulário.</i></p>
--	---

Nessa fotografia o indexador B praticou a silhueta, do mesmo modo que o indexador A na foto anterior/quadro11, identificando os personagens da esquerda para direita. Na mesma fala do indexador B, pode-se perceber que, assim como o pessoal da UFRN, os bibliotecários da FUNDAJ buscam informações sobre o contexto e sobre o que realmente trata a fotografia. Diferente dos indexadores da UFRN, que distribui formulários, na FUNDAJ são realizadas entrevistas. Essa busca por informações influencia diretamente a indexação, o que não é identificado não pode ser disseminado.

Na indexação dessa fotografia, o indexador C de fato utilizou o vocabulário da Biblioteca Nacional, e essa utilização influenciou na escolha dos descritores para essa fotografia. Como os descritores que ele escolheu não foram encontrados no vocabulário, ele escolheu os nomes dos personagens como descritores. Na sua fala, também fica clara a utilização do MARC 21 na forma de escolha dos descritores.

A utilização do sistema de catalogação, a determinação dos descritores, no sistema identificado com campos para assuntos, também foram evidenciadas na fala do indexador D. Esse divide os descritores da fotografia, por exemplo, assuntos nome (campo 600), assunto entidade (campo 650), assunto tópico (campo 650) e assim por diante. O indexador afirma que deve se escolher esses descritores baseado em algum vocabulário controlado, porém o mesmo não fez utilização de nenhum no momento da indexação.

Quadro 12 – Análise da figura 10, categoria aspectos sociocognitivos.

<p>INDEXADOR A</p>	<p><i>Nos Descritores nós vamos identificar a maior parte das pessoas. Primeiro: homens, mulher, no singular, HOMEM, MULHER, não precisa colocar no plural. BANDEIRAS, PINTURA. Ai vamos, a gente pode colocar, eu já botei o que está discursando eu não preciso repetir, né?! Vamos ver aqui então da esquerda para a direita. Na mesa RUI JOÃO MARQUES, esse primeiro aqui eu não sei, um dois, três, Terceiro! RUI JOÃO MARQUES,</i></p>
------------------------	--

	<i>FERNANDO DE MELO FREIRE, MARLI MOTA, JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELO – é o único Gonsalves com S que eu conheço! José Antônio Gonsalves de Melo. Esse aqui eu conheço, mas de costa a gente nunca coloca. Eu acho que está bom esses descritores</i>
INDEXADOR B	<i>Vou consultar as informações. Nas informações que trazem o envelope têm a data, a quantidade de fotos, o evento: reunião do conselho diretor para entrega da medalha massangana comemorativas dos trinta anos da fundação. Eu vou desenhar a silhueta para identificar as pessoas que estão presente na reunião. Eu sigo uma sequência para identificar cada pessoa e vou usar o critério da esquerda para a direita. Descritores né. No verso da foto traz mais informações, mais não identifica as pessoas. Bom, então eu tive que fazer uma pesquisa para identificar as pessoas. As pessoas estão de costas para os reunidos, eu não vou identificar o meu foco será somente as pessoas presentes à mesa. O segundo NILO PEREIRA, o terceiro não consigo identificar e as pessoas que eu entrevistei elas também não identificam.</i>
INDEXADOR C	<i>Bom de acordo com a outra foto, vou no vocabulário da Biblioteca nacional e vou buscar por três descritores que são festas comemorativas, comemoração e reunião do conselho diretor e não obtive sucesso com nenhum deles. Daí a importância de se ter o cargo tanto de Marli, quanto José Antônio, porque os meus descritores serão essas pessoas. Então como é que eu posso colocar o nome de pessoa se eu não sei o que que ela é naquele contexto histórico. Então a solução seria buscar mais informações sobre essa foto dos personagens que estão compondo a mesa, porque só colocar o nome da pessoa sem colocar o cargo eu acredito que não teria muito efeito a recuperação da informação.</i>
INDEXADOR D	<i>Então para esse descritor nós repetiremos os descritores da fotografia anterior que é uma sequência e acrescentaremos no caso a questão do discurso né, DISCURSO. Seria FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – 30 ANOS DE FUNDAÇÃO – DISCURSO. Um que eu esqueci de dizer é a questão do conselho diretor. Poderia também acrescentar FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – CONSELHO DIRETOR e fecharia também na data 1969. É o conselho diretor de 1969 da Fundação Joaquim Nabuco. Então, entraria também assunto entidade FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – CONSELHO DIRETOR de 1969. Acho que seria só.</i>

Percebe-se por meio da fala do indexador A, não só nessa fotografia, que sua indexação é uma indexação livre, que ele não utiliza nenhuma lista de vocabulário controlada ou algum tipo de regra especificamente. Dessa forma, ao escolher os descritores, ele acha por bem descrever tudo que vê na fotografia. No caso, descrever tudo da fotografia não seja importante para o seu usuário, pois as fotos são sobre a memória institucional. Por outro lado, pessoas interessadas em fotografias que retratem pessoas reunidas, não especificamente do contexto da Fundação, podem usar a fotografia.

O indexador B realiza a mesma tarefa da silhueta feita na fotografia anterior. Como a foto difere da anterior/quadro 11, ele também realizou uma pesquisa para descobrir informações e as informações foram a base da indexação.

O indexador C repete o mesmo procedimento ao procurar os descritores por ele escolhidos no vocabulário da Biblioteca Nacional. Como não obteve êxito com os descritores, optou por trocá-los da mesma forma que na fotografia anterior.

ANÁLISE DE ASSUNTO – leitura e identificação dos conceitos

Nesta categoria foram identificadas as formas como os indexadores analisam as fotos para a identificação do tema.

Quadro 13 – Análise da figura 7, categoria análise de assunto.

INDEXADOR A	<i>Vamos para o segundo, a segunda imagem também desse acervo da escola de música da universidade Federal do Rio Grande do Norte. O que eu estou vendo na imagem, uma homenagem ao Reitor Onofre Lopes, perfeito, uma homenagem ao Reitor Onofre Lopes. Pode ser até que essa imagem faça parte de um conjunto de imagens desse dia, dessa homenagem. Essa imagem pode ser até uma conjunto de fotos que fizeram parte desse dia então ela vai ser uma dessas imagens Homenagem ao Reitor Onofre Lopes é o título, foi em 1968. O local provavelmente a escola de música, na escola de música, mais falta dizer onde é essa escola de música. Eu tenho que ver que a escola de música, é na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em Natal. A data está aqui. O evento né, já está aqui que é homenagem ao reitor Onofre Lopes.</i>
INDEXADOR B	<i>Como eu já tenho algumas informações eu já sei que trata-se de uma homenagem ao reitor Onofre Lopes, então. Eu vejo a entrega de alguma, de um objeto mas eu não consigo identificar. Eu sinto a falta da, do título da solenidade porque como eu vejo outras pessoas eu não sei se essa solenidade é específica para fazer a homenagem ao Reitor. Ou se trata de outra solenidade, então precisava pesquisar sobre isso. Tem uma outra foto nessa sequência? Eu tenho a informação que é homenagem ao Reitor Onofre Lopes, então alguém já deve ter pesquisado, então eu vou seguir o que tem na ficha, Homenagem ao Reitor Onofre Lopes, preciso saber o local, mais como na fotografia já teve identificação dos personagens, das pessoas retratadas como é reitor da universidade Federal Rio Grande do Norte, sub-se entende que seja lá o local, Rio grande do Norte, Natal. A data 1968, a imagem já traz a data, pelo menos já foi pesquisada. 1968. Os meus descritores são as pessoas retratadas no caso né.</i>
INDEXADOR C	<i>A gente observando a foto e ao mesmo tempo, a gente observa que nessa foto está Luiza Maria Dantas, diretora da escola de música na época e o segundo personagem está o reitor Onofre Lopes da Silva e a gente observa que ela está entregando tipo um presente ao Reitor. Então basicamente o</i>

	<p><i>que que eu visualizo aqui, que é uma homenagem né que a diretora da escola de música no momento está fazendo ao reitor Onofre Lopes provavelmente isso aconteceu na escola de música, né no ano de 1968. A partir disso é nos colocamos no assunto o nome pessoal dos personagens, que estão contido, os principais personagens que estão contidos nas fotos. Então, a partir do momento que a gente contextualiza o personagem, contextualiza o cargo, contextualiza o tempo a gente está fechando a descrição da imagem o máximo que a gente pode.</i></p>
INDEXADOR D	<p><i>No caso nós temos aqui a imagem, a fotografia da escola de música que é o nosso acervo, que aparece a diretora na época da escola de música foi a segunda diretora, a professora Luiza Maria Dantas, ela foi diretora no período de 1968 a 1979. E aparece aqui um auditório com várias pessoas, né sendo a imagem principal focada na própria diretora fazendo uma homenagem ao Reitor Onofre Lopes que foi Reitor da universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 1959 a 1971. Então ela aparece entregando um presente que assim, no momento da para a gente identificar que é um presente né, uma homenagem ao Reitor. Então, o que é isso, isso a gente faz quando vai catalogar a gente faz um resumo da análise da fotografia. Então o que que a gente pode colocar nesse resumo? Pode colocar que existem várias pessoas no auditório e não está tão visível assim porque o fundo é bem escuro porque eles deram mais importância aos dois personagens principais, que é a diretora e o reitor. Então, no auditório onde ela aparece entregando esse, essa homenagem a ele. O local é um auditório mais nós não sabemos se esse auditório é da escola de música, ou se é em outro local, provavelmente na escola de música.</i></p> <p><i>Agora, baseado nesse resumo que nós fazemos para a catalogação, nós vamos extrair os descritores. No caso, para que a gente determine esses descritores é necessário que a gente veja, onde, em que acervo estas fotografias estão armazenadas, no caso na biblioteca da escola de música. Então se é numa escola de música, então provavelmente os termos vão ser relacionados à escola de música e até a própria música. Mais no caso aqui é meramente uma homenagem.</i></p>

A partir desses exemplos, podemos inferir que os indexadores, pelo menos nesta fotografia, fazem a análise de modo muito parecido com o que Panofsky sugere, no que diz respeito às análises em Nível pré-iconográfico, Nível iconográfico e Nível iconológico.

Assim, como na metodologia de Panofsky, primeiro eles descrevem as ações e objetos retratados na foto. Em seguida, ao entrar em contato com as informações relacionadas com as fotografias, fazem a análise iconográfica de fato e concluem quais personagens são retratados e qual ação ocorre na foto, que é a homenagem ao Reitor.

Apenas os Indexadores C e D, que pertencem a UFRN, analisaram a fotografia no Nível iconológico, isto é, quando o indexador, por possuir um conhecimento extra sobre à imagem, se utiliza desse conhecimento e contribui com análise de modo que os aspectos subjetivos da imagem sejam analisados.

Percebe-se que, para a análise na indexação, a descoberta do tema central é o que importa. Porém, apenas dois indexadores citaram a presença de outras pessoas que estão ao fundo da foto. Isso fica claro também no trecho final dessa fala do Indexador C: “Então, a partir do momento que a gente contextualiza o personagem, contextualiza o cargo do personagem, contextualiza o tempo da foto, a gente está fechando a descrição da imagem o máximo que a gente pode”, ou seja, o objeto enfocado, no caso o reitor e a diretora, junto a informações sobre o evento, é o que, primeiramente, importa no momento da análise e, posteriormente, a descrição.

Quadro 14 – Análise da figura 8, categoria análise de assunto.

<p>INDEXADOR A</p>	<p><i>Estou iniciando a catalogação de duas imagens do acervo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, são duas imagens de eventos. Eu acredito que seja imagens de eventos. Essa primeira que eu estou vendo é uma imagem de muito boa qualidade, que tem, eu acho, acredito, muita informação, porque ela tem, ela foi uma imagem feita com muita qualidade pelo fotografo e mostra o coral, aqui já identificado, o coral Madrigal da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ele está se apresentando na Tv, uma televisão local, chamada Tv Continental e tem o ano também isso é muito importante para o documento ter a identificação de quando aconteceu que é 1966. E importante para a gente identificar essa imagem é ter o máximo de pessoas identificadas, já que é um grupo, né já que é um grupo de pessoas que são os integrantes do coral, e o maestro, regente do coral. Agora vamos descrever, dar o máximo de informações sobre as pessoas que estão retratadas né, eu tenho aqui o nome do regente que é o padre Pedro Ferreira e o nome de quase todos os componentes do coral que existem tanto mulheres quanto homens. Aqui nos descritores o nome de todas essas pessoas. Ai! O que que é, que eu vou botar nos descritores!? Todos os personagens. Por ordem, ai nos personagens eu boto ou por essa ordem de apresentação que eu fiz na minha, no meu, na minha silhueta ou por ordem alfabética. Eu escolho. Eu posso colocar, esses nomes, desses personagens que estão identificados exatamente nesses descritores.</i></p>
<p>INDEXADOR B</p>	<p><i>E na sequência eu já tenho outra foto que é outro evento. O título dessa segunda foto, já foi feito uma pesquisa e é uma apresentação de um Coral, Madrigal da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Tv Continental Rio de Janeiro, nesse caso o local vai ser Rio de Janeiro, local – Rio de Janeiro, a data eu já tenho 1966. A foto já tem uma numeração e na pesquisa, a pessoa que fez a pesquisa esqueceu de colocar a numeração. Então na sequência, pela lógica o primeiro deve ser Geraldo Estevão Vidal, que é o que está numerado. Agora eu já entendi! Os homens foram identificados e as mulheres também, e o personagem, o regente, que é o regente principal, que é o primeiro ele está separado, Padre Pedro Ferreira. Então essa foto vai ser do Madrigal da Escola de Música da UFRN. O mesmo critério da esquerda para a direita, eu vou identificando, o</i></p>

	<p><i>primeiro será o regente Padre Pedro Ferreira, segundo será a Maria da Salete Borges Lima, Isméria M^a Gonçalves Dias, Alba Lúcia Borges Lima, Rita de Cássia Pinheiro Cantídio, Magnólia Monteiro Azevedo Pereira, Maria de Fátima de Brito, Deijair Henrique Borges, Vera Lúcia Vilar Garcia, Elizabeth Batista da Silva, Atenilde Cunha, Leonor Gonçalves Dias, Edna Fernandes, Domicilia Rodrigues de Souza. O mesmo critério da esquerda pra direita e na sequência vou identificando, mas a mesma dificuldade porque nem todos estão numerados, preciso conferir pra saber se estão identificadas Geraldo Estevão Vital, Walter Araújo, Estácio Cavalcante, Joel Câmara de Carvalho Filho, Glênio Manso Maciel, Marcos Campos da Silva, Emanuel de Melo e Silva, Ocidente Fernandes.</i></p>
<p>INDEXADOR C</p>	<p><i>A segunda foto, eu realmente observo aqui que é uma foto da apresentação do Madrigal a escola de Música, né, e essas informações a gente conseguiu a partir de um dos integrantes deste madrigal que esteve aqui na escola e colaborou com o nosso projeto identificando a foto a partir do formulário. Então, o que é que a gente observa nessa foto, a gente vê que é apresentação do Madrigal da Escola de Música da Universidade na TV Continental no Rio de Janeiro e isso aconteceu em 1966. Então, é uma foto que tem muitos personagens e conseguimos realmente identificar os personagens. Então como regente nós temos o Padre Pedro Ferreira, como mulheres da esquerda pra direita, nós temos Maria da Salete Borges Lima, Isméria M^a Gonçalves Dias, Alba Lúcia Borges Lima que está coberta pelo regente, Rita de Cássia Pinheiro Cantídio, Magnólia Monteiro Azevedo Pereira, Maria de Fátima de Brito, Deijair Henrique Borges, Vera Lúcia Vilar Garcia, Elizabeth Batista da Silva, Atenilde Cunha, Leonor Gonçalves Dias, Edna Fernandes, Domicila Rodrigues de Souza E os homens da esquerda para a direita Geraldo Estevão Vital, Walter Araújo, Estácio Cavalcante, Joel Câmara de Carvalho Filho, Glênio Manso Maciel, Marcos Campos da Silva, Emanuel de Melo e Silva, Ocidente Fernandes.</i></p> <p><i>Então, a partir da gente identificar a todos os personagens, identificar que evento foi isso e aonde aconteceu, a gente consegue fazer a catalogação, irá conseguir fazer a catalogação dessa fotografia.</i></p>
<p>INDEXADOR D</p>	<p><i>Então, essa fotografia relata a regência, a apresentação do Madrigal, com o regente que é Padre Pedro, só que essa apresentação não foi aqui em Natal, foi no Rio de Janeiro. Não sei qual foi o evento, porque até agora não foi identificado. Nós só sabemos que foi no Rio de Janeiro, na Tv Continental. Então, fica faltando a questão do evento que eles foram participar. Os personagens que são os cantores, os madrigalistas no caso. E tem as vozes masculinas e as vozes femininas. As vozes femininas, estão sobre um, como é que chama? Um elevado, agora eu não me lembro como é o nome dele. Tem um nome específico que, eles ficam em dois níveis, as vozes femininas ficam abaixo e as vozes masculinas no superior. Eles são identificados da esquerda para a direita. Eles foram identificados pela diretora Luiza Maria, não sei se é necessários dizer todos, mas são treze vozes femininas e oito masculinas. E essa apresentação foi em 1966. Então para a questão da indexação, o que que vai interessar aqui para nós. Primeiramente a gente identifica, o assunto nome, que são o nome de todos os cantores e do regente.</i></p>

Como a metodologia de Panofsky foi a primeira a surgir, influenciou outras como as desenvolvidas por Sara Shatford, de modo que as metodologias são parecidas. Tanto para a foto anterior/quadro 12, quanto para essa, percebe-se que a análise é feita de forma parecida com a de Panofsky. Também percebemos que a análise ocorre com o que Sara Shatford recomenda, dizer DE que a imagem trata e SOBRE o que é a imagem, ou melhor, aspectos Genéricos e Específicos da imagem. Aspectos presentes também na metodologia de Miriam Manini.

No primeiro momento, os indexadores A e B, que não pertencem a UFRN, analisaram a foto e perceberam que era de um coral e assim a descrevem da esquerda para a direita, identificando os personagens. Logo, o coral – que equivale ao aspecto do DE e o Genérico – passou a ser o Madrigal da Escola de Música da UFRN – SOBRE e Específico.

Os que já conheciam a foto, indexador C e D, descreveram logo especificamente a fotografia e completaram com apresentação no Rio de Janeiro. Como na pesquisa realizada por parte do pessoal da UFRN, não se descobriu qual o evento que levou o Madrigal a Tv no Rio de Janeiro, não se sabe especificamente o porquê da apresentação.

Um detalhe curioso é que o Indexador D foi o único preocupado em descrever como o coral estava se apresentando, em cima de elevador que dividia as vozes femininas das masculinas. Como, para a indexação o tema central é o que importa para a recuperação da informação, o fato de descrever que o coral está em cima de um elevador não tem tanta importância.

Quadro 15 – Análise da figura 9, categoria análise de assunto.

INDEXADOR A	<i>Nós vamos agora indexar, nós vamos catalogar duas imagens da coleção Eventos da Fundação Joaquim Nabuco, as duas imagens são dessa mesma coleção. Essa coleção ela retrata momentos, eventos, reuniões, exposições, seminários vários tipos de acontecimentos que ocorrem, parecidos com estas outras duas imagens que a gente viu, que ocorrem dentro da instituição e também fora da instituição envolvidos com a instituição. Então essas suas imagens é retratam uma, retratam uma reunião do conselho diretor em comemoração aos trinta anos da Fundação Joaquin Nabuco, da criação da Fundação Joaquim Nabuco. E é quando se inaugura um retrato do momento da criação pelo presidente do Brasil na época 1949 e é um retrato pintado por um pintor que é o Baltazar da Câmara e essa assinatura de criação do Instituto Joaquim Nabuco, na época se chamava Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e essa assinatura da criação do</i>
----------------	---

	<p><i>Instituto Joaquim Nabuco pelo Presidente Dutra está com um grupo de deputados ao redor deles incluindo Gilberto Freire e esse Baltazar o pintor fez a cena, pintou a cena. Então tem uma reunião do conselho diretor para a inauguração desse quadro, mostra esse quadro a conselho diretor com várias personalidades. Então a gente vai ver aqui como vai descrever essas duas imagens.</i></p> <p><i>Então a primeira imagem, essa primeira imagem mostra o descerramento do pano, pra o descerramento do pano que está encobrindo o quadro, a pintura, da assinatura da criação do instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais pelo o então presidente do Brasil em 1949 que era do Dutra. Quem está descerrando o pano é o próprio presidente da fundação, na época essa foto, essa imagem, esse evento é um 1979 que Fernando Freire filho de Gilberto Freire quem está junto dele é Baltazar da Câmara o próprio pintor do quadro. Os descritores são, é tudo que eu vejo nessa imagem certo?</i></p>
INDEXADOR B	<p><i>Na sequência, as duas imagens foram colocadas fora de ordem. Então, a primeira foto que eu indexei na sequência vai ser a segunda. Porque eu escolhi essa aqui como a primeira foto da coleção, porque eu vejo aqui um quadro que vai ser inaugurado e na outra reunião na foto anterior o quadro já foi inaugurado. Já não está mais coberto, por isso que a sequência vai ser a segunda foto a primeira. Eu vou identificar o autor do quadro, inclusive o autor do quadro é uma das personalidades que está na inauguração. Então, inauguração do quadro de autoria de Baltazar da Câmara com retrato da solenidade de criação do instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais.</i></p> <p><i>Os descritores eu vou usar o mesmo critério de identificação, eu vou usar as silhuetas, da esquerda para a direita. Primeiro, eu tive que fazer uma pesquisa, ficou mais fácil porque as pessoas retratadas são as mesmas que aparecem na foto anterior.</i></p>
INDEXADOR C	<p><i>Voltando agora para as fotografias da Fundação Joaquim Nabuco realmente nos bibliotecários que não estamos dentro do contexto histórico da instituição sentimos mais dificuldades mesmo. Porque são pessoas que a gente nunca viu, o contexto histórico a gente não sabe então é bem mais complicado pra gente catalogar esse tipo de material. O que eu tenho aqui na minha mão é a ficha de indexação onde eu tenho um título provisório, os personagens da fotografia, o local em que aconteceu e o evento né. Então realmente seria uma catalogação mais superficial, porque realmente não temos conhecimento histórico. Então o que eu vejo, eu vejo que é uma reunião do conselho diretor para a entrega da medalha massangana na festa comemorativa dos trinta anos da Fundação Joaquim Nabuco, vemos diversas pessoas na foto, eu vejo uma foto que estão descerrando um quadro com uma imagem, algo assim e temos como personagens identificados três personagens, em pé está Baltazar da Câmara, que é o pintor, ao lado dele está Fernando de Melo Freire que seria de acordo com a identificação o presidente da fundação na época e sentado nós temos o personagem Rui João Marques que seria um conselheiro da fundação. Isso aconteceu na Fundação Joaquim Nabuco, nesse evento dessa entrega da medalha massangana.</i></p>
INDEXADOR D	<p><i>Bem, essa foto aqui segundo a ficha de identificação tem a questão do resumo e os prováveis, títulos já identificados por alguns colaboradores, então nós vemos aqui a reunião do conselho diretor para a entrega da</i></p>

	<p><i>medalha massangana em comemoração aos 30 anos da Fundação Joaquim Nabuco. Nós temos os personagens, do conselho diretor, também da esquerda para a direita estão sentados e as duas pessoas descerrando o quadro que é em comemoração, que retrata a assinatura do presidente do Brasil, o presidente Dutra em 1949 autorizando a criação da fundação. Então é a comemoração dos 30 anos da Joaquim Nabuco. Então esses personagens, da esquerda para a direita está Rui João Marques em pé, que é o pintor desse quadro. Baltazar da Câmara e Fernando de Melo Freire que é o presidente da fundação. O local é na própria fundação, eles estão numa reunião de conselho. Bom, agora a gente vai identificar os descritores através desse tópicos que identificam a fotografia. Bem, a questão do principal descritor de busca, ao meu ver seria a própria Fundação Joaquim Nabuco. Claro que nós teríamos todos os assuntos nomes, das pessoas envolvidas</i></p>
--	---

Com relação a esta fotografia, percebe-se que o indexador A possui uma facilidade na sua descrição, isso por causa do contexto em que ele está inserido. Primeiro ele fez uma análise genérica, descrevendo o contexto no qual a foto está inserida. Em seguida, com posse das informações, fez uma descrição específica, identificando o fato que gerou a foto e os personagens retratados.

O indexador B preocupa-se com análise do tema central por meio do QUEM e em descrever quem foi o autor do quadro a ser inaugurado, já que, ao mesmo tempo, este se torna um dos personagens da fotografia.

O indexador C, por não conhecer o contexto da foto, faz no primeiro momento uma análise pré-iconográfica, descrevendo informações de forma superficial. Ao tomar conhecimento do que trata a foto, passa para o nível iconográfico e descreve a fotografia e seus personagens. Como o contexto influencia e a foto não pertence ao mesmo contexto do indexador, esse não passou para o nível iconológico, e a indexação foi realizada baseada nos dois primeiros níveis sugeridos por Panofsky.

Para a análise desta fotografia, o indexador D tenta responder DE e SOBRE o que é a fotografia, como também QUEM está na foto. Tudo isso de acordo com as informações que ele teve acesso. Mesmo não fazendo parte do contexto da foto, o indexador D citou o que significa o quadro que está coberto na foto. Após essa terceira foto, podemos dizer que o indexador D é o mais detalhista com relação à descrição das fotografias, mesmo que o todo da foto não interesse ao usuário.

Quadro 16 – Análise da figura 10, categoria análise de assunto.

INDEXADOR	<p><i>Na segunda imagem temos essa mesma ocasião agora é entrega da medalha e descerramento da placa né?! Da pintura. Deixa eu completar esse evento,</i></p>
-----------	---

A	<p><i>nessa ficha, seria apresentação da pintura de Baltazar da Câmara retratando a assinatura da criação e entrega de medalha massangana comemorativa dos trinta anos de criação da fundação. Aqui reunião do conselho diretor para entrega da medalha massangana dos trinta anos da Fundação Joaquim Nabuco, mesma coisa do outro. Vê-se, como é nome dele? É vê-se Nilo Pereira discursando. Pronto é isso, é a reunião do Conselho Diretor para a entrega da medalha massangana nas festas comemorativas dos trinta anos da Fundaj vê-se Nilo pereira e foi é a inauguração ne, e comemoração, apresentação da pintura. Isso é muito importante. Nos Descritores nós vamos identificar a maior parte das pessoas.</i></p>
INDEXADOR B	<p><i>Vou consultar as informações. Nas informações que trazem o envelope têm a data, a quantidade de fotos, o evento: reunião do conselho diretor para entrega da medalha massangana comemorativas dos trinta anos da fundação. Em 1979 a fundação se chamava instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais. Então farei uma correção trinta anos do instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais. Local Recife, Pernambuco. Data 1979. Então, as pessoas que estão presentes na reunião vão ser meus descritores. Eu sigo uma sequência para identificar cada pessoa e vou usar o critério da esquerda para a direita. Descritores né. No verso da foto traz mais informações, mais não identifica as pessoas. Bom, então eu tive que fazer uma pesquisa para identificar as pessoas. As pessoas estão de costas para os reunidos, eu não vou identificar o meu foco será somente as pessoas presentes à mesa. Então da esquerda para a direita a primeira pessoa ROBERTO MAGALHÃES, vai ser o meu primeiro descritor. O segundo NILO PEREIRA, o terceiro não consigo identificar e as pessoas que eu entrevistei elas também não identificam, então eu vou colocar não identificado. Ou melhor eu vou seguir a sequência e vou deixar esse espaço entre o terceiro sem identificação. Vou para o número quatro. O número quatro na sequência RUI JOÃO MARQUES. Em seguida FERNANDO FREIRE, na sequência MARLI MOTA. E por último JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELO.</i></p>
INDEXADOR C	<p><i>A segunda foto que estou observando aqui que é exatamente o mesmo evento da reunião do conselho diretor para a entrega da medalha massangana nas festas comemorativas dos trinta anos da fundação. O que é que eu percebo aqui, que a foto já está em outro ângulo, o quadro já foi descerrado e temos várias pessoas compondo a mesa. Então o número de personagens aumentou né?! Descrevendo os personagens da esquerda para a direita Rui João Marques que é exatamente o conselheiro, Fernando de Melo Freire o presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Marli Mota e eu sinto falta aqui de saber quem é Marli Mota. Qual o cargo dela no momento e José Antônio Gonçalves Melo, de acordo com o que foi identificado, mas, sinto falta também do cargo de José Antônio que seria uma informação importante. E discursando foi identificado Nilo Pereira que eu também sinto falta do cargo dele. Quem é essa pessoa na sociedade? Isso seria uma informação importante para a indexação. Esse evento ocorreu em 1979 e retrata o momento da assinatura do presidente do Brasil, Dutra em 1949 autorizando a criação da Fundação Joaquim Nabuco, exatamente, o quadro que foi descerrado retrata isso. Mais realmente pra catalogar eu esperaria mais um pouco para poder obter essas informações que eu acho importante,</i></p>

	<i>que seriam os cargos de Marli Mota, Antônio Gonçalves e Nilo Pereira pra ficar uma informação mais completa. Bom de acordo com a outra foto, vou no vocabulário da Biblioteca nacional e vou buscar por três descritores que são festas comemorativas, comemoração e reunião do conselho diretor e não obtive sucesso com nenhum deles.</i>
INDEXADOR D	<i>A questão da outra foto, seria a sequência do ato de inauguração, da entrega da medalha, a questão do descerramento do quadro. No caso, o quadro já está descoberto. Não é descerrado. E o conselho está reunido, o conselho diretor da fundação já está reunido em volta de uma mesa, com algumas pessoas reunidas na plateia. Ao fundo tem, existem as bandeiras e alguém está fazendo um discurso. Ah, Nilo Pereira. Eles tem vários, vários, Rui João Marques, Fernando de Melo Freire, Marli Mota, José Antônio de Gonsalves Melo e Nilo Pereira. No caso são integrantes do conselho diretor da fundação. Então para esse descritor nós repetiremos os descritores da fotografia anterior que é uma sequência e acrescentaremos no caso a questão do discurso né.</i>

Nessa segunda foto, como sequência da anterior, alguns detalhes específicos foram possíveis de identificar apenas por meio da observação. Da mesma forma que analisaram as outras fotografias, os indexadores partiram do geral para o específico, pois alguns detalhes diferem da outra fotografia.

Os indexadores A e B se preocuparam descrever QUEM, ou seja, quais os novos personagens apareceram. O indexador B descreve os detalhes da foto como a data e o local, porém, para fim de escolha dos descritores, ele ficou com os personagens.

O indexador C percebe que é uma sequência e que a foto está em outro ângulo, porém só cita esse fato e não faz uso do ângulo diferente para a descrição da fotografia. Dessa forma, a sua análise fica centrada em descobrir QUEM são os novos personagens que aparecem na fotografia e sua função.

O indexador D sempre faz descrições mais detalhadas. É o único, portanto, que cita as pessoas na plateia. Porém sabe que o foco da indexação não é esse e sim o que o fotógrafo enfocou. Dessa maneira, em sua análise, acha pertinente descrever o discurso que é representado pela foto, no caso ele estaria respondendo ao O QUE de Bléry.

Mesmo com a informação que a pintura que aparece na fotografia retrata um momento importante para a Fundação, no caso, sua criação, nenhum dos indexadores consideraram-na uma informação importante para a descrição da fotografia.

DESCRITORES - Tradução

Nessa categoria, foi percebido como os descritores são escolhidos, se usam as metodologias sugeridas ou se mesmo sem a utilização se aproximam do que é sugerido. Os descritores escolhidos por cada indexador nos exemplos a seguir nos quadros estão escritos em letras maiúsculas para facilitar a compreensão no momento da leitura.

Quadro 17 – Análise da figura 7, categoria descritores.

INDEXADOR A	<i>E os descritores, no título eu já botei aqui que era o Onofre que estava. E vendo que é a diretora eu não preciso repetir nos descritores isso. Certo. Que a recuperação, a imagem o banco de dados já recupera. Eu posso colocar mulher, se eu tiver interesse MULHER, HOMEM.</i>
INDEXADOR B	<i>Os meus descritores são as pessoas retratadas no caso né. Da esquerda para direita, usando o mesmo critério a primeira LUIZA MARIA DANTAS CAVALCANTI – DIRETORA DA ESCOLA DE MÚSICA, como são descritores eu não sei se na minha base de dados eu posso usar o parênteses ou, eu vou ficar com essa dúvida, vou usar o hífen no caso. O segundo na sequência é o reitor né, o ONOFRE LOPES, usando hífen REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE.</i>
INDEXADOR C	<i>Nós colocamos no assunto o nome pessoal dos personagens, que estão contido, os principais personagens que estão contidos nas fotos. Então, colocamos LUIZA MARIA DANTAS, achamos por bem colocar é o cargo dela no momento que era diretora da escola de música e contextualizar isso no tempo, então ela foi diretora em 1968 A 1979 e provavelmente essa homenagem aconteceu em 1968. Os descritores escolhidos baseados nessas informações, foram exatamente o nome, os nomes dos personagens que é LUIZA MARIA DANTAS, o cargo que ela exercia naquele momento, DIRETORA DA ESCOLA DE MÚSICA e o ano que aconteceu, o ano que ela exerceu, que ela aquele exercício de diretoria. Após colocar dois 600 que um foi MARIA LUIZA DANTAS e o segundo foi ONOFRE LOPES DA SILVA. Vale salientar que, quando colocamos assunto sem ser nomes próprios nos realmente trabalhamos em torno de um vocabulário controlado e esse controlado baseado na Biblioteca Nacional.</i>
INDEXADOR D	<i>No caso, para que a gente determine esses descritores é necessário que a gente veja, onde, em que acervo estas fotografias estão armazenadas, no caso na biblioteca da escola de música. Então se é numa escola de música, então provavelmente os termos vão ser relacionados à escola de música e até a própria música. Mais no caso aqui é meramente uma homenagem. Então o que eu vou tirar daqui com relação aos descritores, poderia ser os próprios assuntos nome, que no caso LUIZA MARIA, que era a DIRETORA DA ESCOLA DE MÚSICA, o reitor ONOFRE LOPES, reitor da UFRN e os outros descritores que poderiam ser assuntos tópicos, que seria ESCOLA</i>

	<i>DE MÚSICA DA UFRN como assunto entidade, e também, podemos analisar também para a questão da busca, recuperação da informação no caso se algum pesquisador quisesse fazer essa recuperação, fazer essa busca poderiam também ver a questão a gestão do reitor, a própria universidade a gente pode colocar também a questão de reitores um assunto tópico, REITOR ou GESTÃO UNIVERSITÁRIA E O PERÍODO.</i>
--	---

Como o foco dessa fotografia são dois personagens, os indexadores, em sua maioria, escolheram-no como descritores. Desse modo, percebe-se que o QUEM, que é um dos questionamentos de Bléry (1979) sendo o mais respondido, em uma parte do protocolo usada para exemplificar a categoria sociocognitiva, os indexadores C e D relatam que utilizam essa categoria para a indexação de fotografias e assim o fazem. Isso pode ser visto também na indexação das outras fotografias. Como visto no subcapítulo (4.1) sobre indexação de fotografias, Bléry sugere que sejam respondidos os seguintes questionamentos: QUEM, QUANDO, ONDE, COMO e O QUE.

O indexador D, além de responder quem são e o que fazem os personagens, resolveu acrescentar mais dois descritores à fotografia: ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN, nesse caso seria ONDE ocorreu, e GESTOR, GESTÃO UNIVERSITÁRIA, juntamente com o período em que ocorreu a gestão. Esses descritores são aspectos subjetivos da imagem, visto que só esse indexador os utilizou.

Por outro lado, o indexador A não foi específico, por achar que no título da foto deveria aparecer os nomes dos personagens, os seus descritores foram apenas as palavras HOMEM e MULHER.

Apenas os indexadores C e D utilizaram datas como um dos descritores. Dessa forma, o QUANDO, sugerido por Bléry, foi utilizado, não especificamente só se tem a data do ano.

Quadro 18 – Análise da figura 8, categoria descritores.

INDEXADOR A	<i>Ai! O que que é que eu vou botar nos descritores? Todos os personagens. Por ordem, ai nos personagens eu boto ou por essa ordem de apresentação que eu fiz na minha, no meu, na minha silhueta ou por ordem alfabética. Eu escolho. Mas eu acho que é a silhueta, não precisa ser em ordem alfabética, agora nesses descritores eu ponho e vou colocar lá essas palavras-chave na minha lista de vocabulário controlado, é importante que vai ficar lá registrado porque nesse vocabulário controlado de eventos ou de, do meu arquivo geral da Universidade Federal da Escola de Música do Rio Grande do Norte, esses personagens podem aparecer de outras vezes, e ai já vai recuperar. Todas as vezes que aparecer o maestro PADRE PEDRO FERREIRA, GERALDO ESTEVÃO VITAL, A MARIA DA SALETE BORGES</i>
----------------	--

	<p><i>LIMA, A ESMERIA, todos esses componentes do coral em outras imagens, quando aparecer, ela vai recuperar, porque, se alguém vier pesquisar, ah! eu quero os personagens, a MARIA DA SALETE BORGES, que apareceu lá no coral, no Rio de Janeiro vai recuperar. Então vai ser uma palavra que vai fazer parte do meu vocabulário controlado os personagens, os componentes do coral madrigal da escola de música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.</i></p> <p><i>Além dos nomes começo por mulher, homem, depois os nomes dos componentes do coral.</i></p>
INDEXADOR B	<p><i>Então essa foto vai ser do Madrigal da Escola de Música da UFRN. O mesmo critério da esquerda para a direita, eu vou identificando, o primeiro será o regente PADRE PEDRO FERREIRA</i></p> <p><i>Segundo será a MARIA DA SALETE BORGES LIMA, ISMÉRIA M^a GONÇALVES DIAS, ALBA LÚCIA BORGES LIMA, RITA DE CÁSSIA PINHEIRO CANTÍDIO, MAGNÓLIA MONTEIRO AZEVEDO PEREIRA, MARIA DE FÁTIMA DE BRITO, DEIJAR HENRIQUE BORGES, VERA LÚCIA VILAR GARCIA, ELIZABETH BATISTA DA SILVA, ATENILDE CUNHA, LEONOR GONÇALVES DIAS, EDNA FERNANDES, DOMICILA RODRIGUES DE SOUZA. O mesmo critério da esquerda pra direita e na sequência vou identificando, mas a mesma dificuldade porque nem todos estão numerados, preciso conferir pra saber se estão identificadas GERALDO ESTEVÃO VITAL, WALTER ARAÚJO, ESTÁCIO CAVALCANTE, JOEL CÂMARA DE CARVALHO FILHO, GLÊNIO MANSO MACIEL, MARCOS CAMPOS DA SILVA, EMANUEL DE MELO E SILVA, OCIDENTE FERNANDES. Esses são os descritores.</i></p>
INDEXADOR C	<p><i>Então como descritores nós iremos colocar, no meu entender MADRIGAL DA ESCOLA DE MÚSICA, UFRN E 1966 porque realmente a gente acredita que essa informações fazem com que recuperasse essa foto. E como nota nós colocaríamos o nome de todos esses personagens ditos anteriormente e as demais informações como local, ano a gente colocaria no final da catalogação. Então repetindo descritores aqui seriam MADRIGAL DA ESCOLA DE MÚSICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE E O ANO, 1966.</i></p>
INDEXADOR D	<p><i>Então para a questão da indexação, o que que vai interessar aqui para nós. Primeiramente a gente identifica, o assunto nome, que são o nome de todos os cantores e do regente. O primeiro seria o regente, entraria na ordem inversa, FERREIA, PEDRO e no outro subcampo PADRE. Logo depois vem todas as outras CANTORAS, na ordem inversa também e no subcampo CANTORA. E depois FOTOGRAFIA, especificando o tipo de material. E assim vai, todos na questão do assunto nome. E depois vamos para o assunto, no caso entidade, aqui o próprio madrigal, nó colocaremos diretamente o MADRIGAL DA ESCOLA DE MUSICA DA UFRN. Como UFRN já é bastante conhecido, podemos colocar diretamente Madrigal da UFRN. Se quiser colocar o período também pode colocar, foi apresentação em 1966. Porque nós tínhamos apresentação do madrigal em outros períodos. Então, eu acho necessário colocar período de apresentação. Como teve, quando se comemorou o cinquentenário do Madrigal. Foi feito um levantamento de todas as apresentações do Madrigal, então isso é relevante colocar o período, colocar também o regente que está à frente do</i></p>

	<i>coral. Como a gente já citou lá no assunto. Um outro descritor para se utilizar aqui seria a questão do concerto, CONCERTO CORAL – PERÍODO, colocando a localização no caso Natal, Ops Natal não, Rio de Janeiro. Outro assunto tópico que de repente alguém pode fazer busca, o pesquisador, seria o tipo de música no caso aqui é MÚSICA CORAL. Sub campo CONCERTO. Para essa fotografia nós não sabemos qual foi o evento, apenas que foi na TV Continental. É isso.</i>
--	--

O indexador A, em um primeiro momento, claramente se detém ao QUEM para a escolha dos seus descritores. Após a realização da indexação da segunda fotografia, ele resolve acrescentar descritores como homem e mulher. Assim, parte de seus descritores tornam-se genéricos, podendo referir-se a qualquer mulher e a qualquer homem.

Após a sua análise, o indexador B chega à conclusão de que a foto é do Madrigal da UFRN, porém para descritor ele faz a escolha dos nomes dos coralistas, dessa forma detendo-se ao QUEM da foto.

O indexador C, por sua vez, faz escolha de termos que respondem ao O QUE É (Madrigal da Escola de Música), QUANDO (1966) e ONDE (UFRN). O próprio indexador justifica-se, afirmando que, por meio desses descritores, ele consegue contextualizar a informação sobre a fotografia.

O indexador D escolhe descritores genéricos e específicos para a fotografia. Sobre os descritores genéricos, são escolhidos concerto coral, música coral e concerto. Esses descritores podem ser utilizados perfeitamente para qualquer fotografia de coral. Sobre os termos específicos, respondeu sobre O QUE É (Madrigal da UFRN) e QUEM (nomes dos personagens). Essa foi a primeira fotografia para a qual este indexador utilizou termos tanto genéricos quanto específicos.

Quadro 19 – Análise da figura 9, categoria descritores.

INDEXADOR A	<i>Os descritores são, é tudo que eu vejo nessa imagem certo. Então vamos lá: homens, eu vejo Pintura, bandeiras e quem são esses homens né Fernando de Melo Freire, Rui João Marques, Baltazar da Câmara. Acho que a gente pode dizer, eu não sei como é estruturalmente FERNANDO DE MELO FREIRE – PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIN NABUCO. BALTAZAR DA CÂMARA – PINTOR. RUI JOÃO MARQUES-CONSELHEIRO, pronto é quem eu estou vendo, os de costas não vou identificar. HOMENS, PINTURA, BANDEIRAS, FERNANDO DE MELO FREIRE - PRESIDENTE DA FUNDAJ, BALTAZAR DA CÂMARA o PINTOR, LUIZ JOÃO MARQUES CONSELHEIRO, pronto.</i>
INDEXADOR B	<i>Os descritores eu vou usar o mesmo critério de identificação, eu vou usar as silhuetas, da esquerda para a direita. Primeiro, eu tive que fazer uma pesquisa, ficou mais fácil porque as pessoas retratadas são as mesmas que</i>

	<i>aparecem na foto anterior. Na pesquisa o primeiro retratado não foi identificado, o segundo RUI JOÃO MARQUES, o terceiro sentado MARLI MOTA. Em pé na sequência da silhueta o quarto é o autor do quadro BALTAZAR DA CÂMARA. O quinto presidente FERNANDO FREIRE. Pronto.</i>
INDEXADOR C	<i>Como descritores aqui eu recorro a Biblioteca Nacional e vou buscar como festa comemorativa – não obtive nenhum sucesso. Como segundo descritor vou colocar comemoração, também não obtive nenhum sucesso. Terceiro e último descritor coloco reunião do conselho diretor também não estou obtendo sucesso. Como não consegui nenhum assunto nome, nós partimos para o 600, exatamente assunto nome pessoal como é o habitual daqui do nosso trabalho. Então vou colocar na descrição BALTAZAR DA CÂMARA que é exatamente o pintor do quadro que está sendo descerrado, FERNANDO DE MELO FREIRE, Presidente da Fundação Joaquim Nabuco e como terceiro personagem RUI JOÃO MARQUES, conselheiro da fundação. Vou colocar também porque é interessante o cargo deles, já que tem o PINTOR, CONSELHEIRO E PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO, vou colocar também O ANO, se não tivesse seria o século ou a década que estivesse ocorrendo aquilo. Realmente é muito mais difícil pra gente conseguir indexar algo que a gente não conhece, porque nós estamos dependendo de outras pessoas que não estão aqui para comprovar isso.</i>
INDEXADOR D	<i>Bom, agora a gente vai identificar os descritores através desse tópicos que identificam a fotografia. Bem, a questão do principal descritor de busca, ao meu ver seria a própria Fundação Joaquim Nabuco. Claro que nós teríamos todos OS ASSUNTOS NOMES, das pessoas envolvidas colocando na ordem inversa e o descritor principal seria a FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, com sub-tópico a questão da COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS, esse seria o assunto principal. Seria no caso o assunto entidade. Quanto a questão dos assuntos tópicos, que seria os outros assuntos poderíamos colocar, DATAS COMEMORATIVAS, instituições, alguma coisa desse tipo. Mas traduzindo para a linguagem de indexação, poderíamos colocar, deixa eu ver, Instituições. A Fundação ela é uma fundação de pesquisa? A fundação. Como ela é uma fundação de pesquisa poderíamos colocar nos outros assuntos, por causa da questão da exaustão INSTITUIÇÕES DE PESQUISA – DATAS COMEMORATIVAS de repente. Agora claro que isso tem que ser baseado na lista de vocabulários controlados para que não fique termos alheios ao vocabulário. Eu creio que seriam essas, esses descritores. NO CASO TEMOS ASSUNTO NOMES, QUE SÃO OS NOMES DO ENVOLVIDOS NA FOTOGRAFIA. Nome assunto entidade, que é esse nome principal FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – 30 ANOS DE FUNDAÇÃO. INSTITUIÇÕES DE PESQUISA – DATAS COMEMORATIVAS.</i>

Na escolha e tradução dos descritores desta fotografia, todos os indexadores responderam ao QUEM de Bléry, escolhendo os nomes de cada personagem e suas respectivas funções. Nesse caso, o indexador C escolheu esses descritores porque os escolhidos por ele inicialmente, não foram encontrados no vocabulário da Biblioteca

Nacional. Essa primeira escolha do indexador C, de responder O QUE, remete também a Shatford, que sugere dizer DE e de que Especificamente é a fotografia. Ainda sobre o indexador C, ele é o único que escolheu colocar o ano da fotografia, respondendo ao QUANDO da fotografia.

Já os indexadores A e D acrescentaram outros descritores além dos nomes das personalidades. O indexador A escolheu o descritor Homem e acrescentou os detalhes que aparecem na fotografia, Pinturas e Bandeiras. Dessa forma, em sua indexação, mesmo com a informação específica da fotografia, ele acrescenta descritores genéricos, assim como fez nas fotografias da UFRN.

No entanto, o indexador D se preocupa no primeiro momento com o contexto do qual pertence à fotografia e por isso escolhe o nome da fundação como primeiro descritor. Podemos afirmar que, mesmo inconsciente, ao fazer essa escolha, ele responde ao ONDE sugerido por Bléry, visto que a fotografia foi retratada na própria fundação.

Quadro 20 – Análise da figura 10, categoria descritores.

INDEXADOR A	<i>Nos Descritores nós vamos identificar a maior parte das pessoas. Primeiro: homens, mulher, no singular, HOMEM, MULHER, não precisa colocar no plural. BANDEIRAS, PINTURA. Ai vamos, a gente pode colocar, eu já botei o que está discursando eu não preciso repetir, né?! Vamos ver aqui então da esquerda para a direita. Na mesa RUI JOÃO MARQUES, esse primeiro aqui eu não sei, um dois, três, Terceiro! RUI JOÃO MARQUES, FERNANDO DE MELO FREIRE, MARLI MOTA, JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELO – é o único Gonsalves com S que eu conheço! José Antônio Gonsalves de Melo. Esse aqui eu conheço mas de costa a gente nunca coloca.</i>
INDEXADOR B	<i>Então da esquerda para a direita a primeira pessoa ROBERTO MAGALHÃES, vai ser o meu primeiro descritor. O segundo NILO PEREIRA, o terceiro não consigo identificar e as pessoas que eu entrevistei elas também não identificam, então eu vou colocar não identificado. Ou melhor eu vou seguir a sequência e vou deixar esse espaço entre o terceiro sem identificação. Vou para o número quatro. O número quatro na sequência RUI JOÃO MARQUES. Em seguida FERNANDO FREIRE, na sequência MARLI MOTA. E por último JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELO. Concluído a primeira foto, vou para a segunda foto.</i>
INDEXADOR C	<i>Bom de acordo com a outra foto, vou no vocabulário da Biblioteca nacional e vou buscar por três descritores que são festas comemorativas, comemoração e reunião do conselho diretor e não obtive sucesso com nenhum deles. Daí, a importância de se ter o cargo tanto de MARLI, quanto JOSÉ ANTÔNIO, porque os meus descritores serão essas pessoas juntamente com OUTRAS PESSOAS DESCRITAS na foto anterior.</i>
INDEXADOR D	<i>Então para esse descritor nós repetiremos os descritores da fotografia anterior que é uma sequência e acrescentaremos no caso a questão do discurso né, DISCURSO. Seria FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – 30</i>

	<p><i>ANOS DE FUNDAÇÃO – DISCURSO. Um que eu esqueci de dizer é a questão do conselho diretor. Poderia também acrescentar FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – CONSELHO DIRETOR e fecharia também na data 1969. É o conselho diretor de 1969 da Fundação Joaquim Nabuco. Então, entraria também assunto entidade FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – CONSELHO DIRETOR de 1969. Acho que seria só.</i></p>
--	--

Nessa segunda fotografia, uma sequência da foto 9, os descritores, em sua maioria, permaneceram os mesmos, sendo acrescentado apenas, por parte de alguns, os detalhes e personagens que aparecem a mais na fotografia. Essa segunda foto mostra o discurso realizado por um dos membros do conselho, e o quadro que aparece coberto na primeira foto já está descerrado.

O indexador D é o único a apontar o discurso que ocorre na foto e escolhe o termo DISCURSO como um dos descritores. Os outros indexadores se detiveram a dizer quem estava discursando, no caso escolheram Nilo Pereira como um dos descritores.

Por outro lado, o Indexador A é o único que em todas as fotografias se preocupou com as informações subjetivas e objetivas das fotografias, ou seja, que apresenta o modo de indexar de acordo com Shatford, apresentando informações DE e SOBRE e ainda específico e genérico.

Cabe mencionar aqui que, encontramos uma divergência por parte dos indexadores ao responderem QUEM aparece na fotografia. Quando se rele os descritores da fotografia da Homenagem ao Reitor e as fotografias da FUNDAJ, os nomes dos personagens vêm acrescidos de suas funções e o indexador C chega a questionar isto na última foto da FUNDAJ: por que os cargos dos outros membros à mesa não estão descritos. Porém, ao reler os descritores da fotografia do madrigal, o único que acompanha o cargo é o regente. No caso desta fotografia, apenas o indexador D incluiu ao lado dos nomes dos cantores a palavra cantor, atribuindo-lhe uma função.

6.1 ANÁLISE GERAL DAS CATEGORIAS

a) COGNIÇÃO

Para cada fotografia, o primeiro processo cognitivo realizado pelos indexadores foi a memória sensorial, mais especificamente a memória icônica, tanto ao observarem as fotografias, quanto para ler os papéis com informações sobre elas. Logo após se utilizaram da memória de curto prazo para contextualizar e descobrir qual o assunto da fotografia.

Todos os indexadores também se utilizaram de conhecimento prévio sobre as fotografias, quando elas pertenciam ao seu acervo e, de certa forma, esse conhecimento facilitou a análise para cada um deles. Percebe-se que as falas dos indexadores sobre o contexto das fotos são mais ricas em detalhes.

Quando as fotografias não pertenciam a seus acervos, existia certo tipo de receio por parte dos indexadores. O indexador C chega a reconhecer que sente dificuldades em indexar uma fotografia que não pertence ao seu contexto. Quanto que o indexador B diz que, por não pertencer ao seu contexto às fotografias da UFRN, deve prestar mais atenção nos detalhes para a realização da análise. Essa dificuldade lembra a fala de Neves (2006, p.13): “o indexador baseia-se no discernimento próprio e na prática adquirida no exercício da profissão”. Isso pode ser perfeitamente percebido no fato de, mesmo com dificuldades, os indexadores conseguirem realizar a indexação de fotografias não pertencentes ao seu acervo.

Pode-se afirmar ainda que, é por meio dos processos cognitivos que o indexador de fotografias consegue analisar e indexar as fotos. Mesmo em contextos diferentes, com a prática adquirida ele consegue a realização das tarefas. Acredita-se que aquilo que os fotógrafos queriam enfatizar, os indexadores conseguiram identificar.

b) ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS

Assim como o indexador de livros, o indexador de fotografias sofre influência do ambiente em que se encontra. É perceptível a sua preocupação em transmitir a informação ao seu usuário de forma correta. Dessa forma, o indexador faz pesquisa sobre o assunto que está sendo retratado nas fotografias. No caso das instituições pesquisadas, elas fazem entrevistas e distribuem formulários para a identificação da fotografia. Isso se deve à evidente necessidade da busca, uma vez que o indexador não presenciou ou viveu na época das fotografias mais antigas. Além disso, a fotografia é um material diferente de livros e revistas, onde a informação está registrada.

Não se conseguiu identificar regras a serem seguidas pelos indexadores. A forma como eles realizam a indexação segue o que acham adequado para o seus usuários. No caso da UFRN, seguem os campos do MARC destinados aos assuntos, como assunto tópico, assunto nome pessoal, assunto entidade e tentam responder os questionamentos sugeridos por Bléry (1979).

Sobre vocabulários controlados, apenas um indexador fez uso, não se pode afirmar com certeza se faz parte da política de indexação da instituição, visto que o outro bibliotecário

não utilizou do mesmo vocabulário, enquanto o primeiro apenas citou que deveria ser utilizado.

Com relação aos procedimentos para a indexação, uma das formas de identificação por parte dos bibliotecários da FUNDAJ é a silhueta. Acredita-se que essa ação deve estar ligada a política de indexação de fotografias da instituição. Isso porque ela permite que a fotografia, enquanto patrimônio da instituição seja preservada e conservada, além de facilitar a identificação de personagens, quando a foto retrata pessoas.

Ressalta-se que um dos aspectos sociais percebidos na UFRN, que influencia diretamente a indexação, foi a realização de um curso on-line voltado para a indexação de fotografias. Dessa forma, todos os aspectos da indexação de fotografias são baseados nas informações recebidas no curso, desde o formulário de identificação das fotografias até a escolha dos descritores.

Não foi possível saber se existe de fato uma política de indexação registrada para as fotografias dos respectivos acervos. Apenas se descobriu aspectos sociais dentro das instituições que influenciam a indexação.

c) ANÁLISE DE ASSUNTOS

Para a categoria análise de assuntos, os indexadores buscaram o maior número de informações possíveis. Em alguns protocolos houve questionamentos sobre informações a mais de algumas fotografias. O modo como eles fazem a análise parte de informações gerais para as específicas. A preocupação é descobrir de fato qual o tema central das fotografias e encontrar uma melhor forma de descrevê-las.

Como a metodologia sugerida por Manini é uma junção de outras metodologias surgidas desde a de Panofsky, a forma como os indexadores analisam as fotos passa por essa metodologia. Porém, há um aspecto dentro da metodologia de Manini, nesse caso a dimensão expressiva (parte técnica da produção da fotografia) para a qual os indexadores não atentam. Não é interessante na prática descobrir aspectos relacionados à produção da foto. Pelo menos não para a indexação. Pode ser que na catalogação esse aspecto seja relevante, mas, como o foco da pesquisa é a indexação, esse aspecto técnico em nenhum momento dos protocolos foi realizado pelos indexadores.

Outro aspecto não utilizado foi a Tematização de Rodrigues (2011). Como as fotografias são institucionais, não cabe ao indexador tematizá-las. Isso porque elas pertencem a um contexto e a informação que se quer transmitir é sobre esse mesmo contexto. Fotografias como a do Madrigal, por exemplo, poderiam facilmente ser tematizadas como coral ou canto

coral. Porém, aos indexadores no momento da análise, o que importa de fato é descobrir de qual informação se está tratando e tentar transmiti-la da melhor forma.

d) TRADUÇÃO

Para essa categoria tradução, foram escolhidos tanto termos genéricos quanto específicos para as fotografias. Porém, os que se sobressaíram foram os termos específicos. Apenas um indexador utilizou um vocabulário controlado. Dessa forma, percebe-se que a tradução dos descritores ocorre de forma livre, respeitando, em sua maioria, o tema específico das fotos.

Na UFRN pode-se afirmar que a escolha dos descritores baseia-se na metodologia de Bléry. Na FUNDAJ também ocorre algo parecido. De uma maneira geral, o que os indexadores dessa instituição realizam na prática é parecido com o que é sugerido nas metodologias existentes na literatura sobre análise e indexação de fotografias. De todas as fontes citadas neste trabalho, apenas a metodologia de Rodrigues, a tematização não é percebida na prática.

Cabe dizer que a categoria tradução, por ser a última atividade realizada na indexação, sofre influência das outras. Seu resultado depende de como o indexador fez a análise por meio da cognição e de como os instrumentos, regras, e contexto da foto, necessidade do usuário são vistos pelo indexador. Não se pode esquecer que nas instituições pesquisadas antes da indexação são feitas pesquisas sobre o material, e essas informações são base para a indexação e também influenciam na escolha dos descritores.

A escolha dos termos também está ligada à catalogação das fotos. Em dois casos, os termos que poderiam ser os descritores, os indexadores, mesmo não catalogando, disseram que esses termos entrariam em outros lugares, como parte do título e como nota e, nesses casos, escolheram outros descritores possíveis para as fotografias.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precursoras da escrita, as imagens surgem, como auxílio para o registro do conhecimento. Nos mais variados tipos, as imagens podem ser fotos, desenhos, pinturas e outros. A fotografia surgiu há menos tempo que as outras e se tornou ponto de partida para a criação das imagens em movimento. Empregada nas mais diversas áreas do conhecimento ganhou o status de documento, mesmo não tendo essa função inicialmente.

Foi devido à sua natureza de captar a forma real das coisas e acontecimentos que a fotografia se tornou documento, principalmente na área arquivística. Assim, é preciso investigação para se ter certeza do real. Quanto o auxílio na investigação, os textos que acompanham as fotografias podem fornecer informações aprofundadas sobre sua própria história para que se comprove sua veracidade, visto que, atualmente, as fotografias são passíveis de manipulação. Na visão de Rouillé (2009), a fotografia documento é algo que fornece a possibilidade de se tocar e certificar a realidade, captada através da luz na câmara escura, onde não ocorre nenhuma interferência, tornando-se objeto da verdade.

A fotografia como documento pode servir de instrumento para a reconstrução da memória institucional. A memória institucional é a memória das instituições, não necessariamente de instituições de memória. É constituída não só pelos documentos, mas também pelos indivíduos que fazem parte do seu corpo de trabalho. A junção dos documentos com indivíduo proporciona um melhor entendimento sobre memória institucional. Isso facilita a criação de uma linha do tempo com os fatos constituintes da memória institucional. Quando o indivíduo não se lembra do fato, o documento está presente como prova. E é nesse sentido que se considera a fotografia como um dispositivo para a memória institucional.

Ao observar-se uma fotografia, ela, nos proporciona a revisitação ao passado. O passado não pode ser revivido de fato, mas a fotografia ajuda a recordar, em muitos casos, detalhes esquecidos sobre algo que aconteceu. E é por causa das nossas memórias que guardamos as fotografias, hoje não mais em álbuns, mas em nossos computadores, sejam em pen-drives, sejam nas chamadas “nuvens”. Instituições como IBGE, por exemplo, guardam suas memórias também por meio de fotografias.

Porém, somente a guarda dos documentos não garante a recuperação do conhecimento neles armazenados. Nesse contexto, surgem as atividades de recuperação das informações. A área da Organização do Conhecimento teve seu primórdio com Calímaco em Alexandria. Calímaco foi o primeiro a se preocupar com a organização do conhecimento registrado,

mesmo não possuindo noção do que viria a ser conhecimento. Vários personagens compõem a trajetória da Organização do Conhecimento como Kaiser, Ranganathan, Dewel e outros.

O trabalho desenvolvido por estes personagens serviu de base para o que se entendem hoje como Organização do Conhecimento, área que tem como objetivo desenvolver investigações, visando o tratamento e, posteriormente, a recuperação da informação.

Dentro das atividades para a recuperação da informação, existem a descrição física e descrição temática. A descrição temática visa proporcionar a recuperação da informação por meio da descrição dos assuntos pertencentes aos documentos. E nesse contexto surge a indexação. O objetivo central da indexação é transmitir a informação de forma correta para seus usuários.

A indexação pode ser realizada nos mais variados tipos de registro do conhecimento. Dentre eles, está a fotografia, como um dispositivo de memória e documento, a fotografia não pode ser indexada de qualquer maneira. Nesse contexto, na literatura existem metodologias que são sugeridas nas quais a indexação de fotografias devem se basear. A maioria dessas metodologias sugere que a fotografia seja analisada no todo e que os seus aspectos objetivos e subjetivos sejam analisados para uma melhor disseminação da informação.

Nessa perspectiva esta dissertação teve como objetivo geral: analisar os aspectos sociocognitivos inerentes ao procedimento de indexação de fotografias. Para alcançar o objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) identificar os procedimentos adotados para a indexação de fotografias; b) descrever as formas como os indexadores analisam as fotografias; e c) comparar os procedimentos e as formas como os indexadores realizam a indexação de fotografias. Pode-se afirmar que, após a realização da pesquisa, os objetivos propostos foram alcançados.

Fica claro que o foco da indexação nestas instituições é atender a necessidade do seu usuário da melhor forma possível. As fotografias são institucionais, logo os usuários serão constituídos por pessoas interessadas em sua história. E foi isso que os indexadores representaram por meio da indexação.

Sobre os procedimentos adotados para a indexação, o primeiro deles é a pesquisa para se obter informações sobre as fotografias. Muitas vezes as fotografias não têm nada escrito atrás, nem um título, ou uma data. Então, para se obter a informação necessária para a indexação e catalogação são realizadas pesquisas, sejam elas através de entrevistas com doadores do acervo ou com pessoas que vivenciaram a época da foto, sejam por meio de distribuição de formulários para a identificação das fotografias.

Outro procedimento é consultar as informações, tanto nas próprias fotografias, como nos papéis com resultados das pesquisas. A análise nunca ocorre apenas com a fotografia em mãos, mesmo quando ela pertence ao contexto do indexador. Deve-se considerar que isso ocorre porque são inúmeras fotografias que se deve indexar e não é possível conhecer tudo sobre todas.

O desenho da silhueta feito por parte dos indexadores da FUNDAJ pode ser considerado um procedimento também. A silhueta facilita a identificação de personagens quando as fotografias os possuem. Além disso, evita que o material original seja danificado de alguma forma, isso porque a fotografia original volta para o envelope onde é armazenado e a silhueta é utilizada junto com as informações sobre a foto para a indexação.

Um dos procedimentos que se esperava poder descrever era a utilização de vocabulários controlados ou listas de termos. Porém, apenas um bibliotecário faz uso de um e mesmo assim não o utilizou na indexação de todas as fotografias. Dessa forma, não se pode descrever a utilização de vocabulários controlados como um procedimento padrão por parte dos indexadores no contexto pesquisado.

Sobre as formas como são indexadas as fotografias, os indexadores se comportam de maneira muito parecida. Todos em um primeiro momento observam as fotos para identificar de maneira genérica o que foi retratado, se são pessoas, lugares, objetos. Em um segundo momento, consultam informações coletadas nas suas pesquisas para assim identificar o tema central da foto. Após a leitura das informações, vão descrevendo de forma específica os personagens, o evento que foi retratado, lugar, ano e contexto no qual a fotografia está inserida.

Ao descreverem as fotografias, fazem a escolha dos termos que irão representá-las, que são os descritores. Eles são tanto gerais, como os objetos que aparecem nas fotos, quanto específicos, como os nomes dos personagens que aparecem. Esses descritores, em sua maioria são escolhidos e colocados no sistema sem auxílio de um vocabulário controlado, o que torna a indexação livre.

Para a escolha dos descritos a metodologia de Bléry (1979) é utilizada, de fato, pelo menos em uma instituição pesquisada. As outras metodologias encontradas na literatura, mesmo que não tenham sido citadas, parecem servir de base também na execução da indexação, sobretudo no momento da análise.

Comparando os indexadores, fica claro que cada um deles se sentiu mais confortável para analisar as fotografias de seus acervos, pois, nesses casos, foram capazes de contribuir de forma efetiva para a indexação, apresentando o maior número de informações. Isso pode ser

comprovado ao observar-se as transcrições nos protocolos. Quando a foto pertencia ao seu contexto, a análise era mais rica em detalhes.

Na comparação chegou-se à conclusão de que a indexação está ligada à catalogação. Mesmo quando o procedimento da indexação é realizado de maneira isolada, a catalogação exerce influência. Certos descritores escolhidos não foram utilizados porque os indexadores acharam por bem descrevê-los em outros campos, mesmo quando isso não foi pedido, já que a ficha que lhes foi entregue era apenas para a identificação de informações das fotografias.

Ainda sobre a catalogação, os descritores da Escola de Música são escolhidos de acordo com os campos direcionados a assunto no MARC 21. Dessa forma, além de se basearem nos questionamentos de Bléry, devem identificar qual o assunto nome pessoal, assunto entidade, assunto evento, assunto tópico.

A diferença encontrada entre os indexadores foi que uns indexadores sabem a origem das metodologias por eles utilizadas, no caso os que fizeram curso para indexação. Isso não quer dizer que os que fizeram curso estão mais bem preparados, pois os que não o fizeram, devido à prática existente, conseguiram realizar de maneira efetiva a indexação. Outra diferença é o meio que se faz para a preservação do acervo, na FUNDAJ é feito por meio da silhueta, que auxilia na descrição das fotos.

Ao rever os resultados dos protocolos, não podemos deixar de mencionar a coerência interindexadores, mesmo esse aspecto não sendo um foco deste trabalho. Foram constatados escolhas, procedimentos similares e nível de informação sobre as fotografias passadas de forma igualitária entre indexadores. A coerência interindexadores da mesma instituição e de instituições diferentes não ocorreu em 100%. Acredita-se que fatores como quantidade de termos, utilização de vocabulário controlado e o contexto sociocognitivo contribuíram para isso. Como o que foi pedido aos indexadores não tinha nenhum limite de quantidade de termos, eles apenas deveriam desenvolver a atividade de acordo com o que é praticado no dia a dia. E isso ocorreu.

Dentre os 4 indexadores, pode-se afirmar, como já mencionado, que o indexador D é o mais detalhista de todos. As suas análises e descrições foram as mais completas. Ele se preocupou com detalhes para os quais os outros indexadores não atentaram, como o caso do elevado onde se encontraram os cantores da fotografia Madrigal da UFRN. Também foi o único a atribuir importância a todas as funções dos personagens encontrados nas fotografias. Na mesma fotografia do Madrigal, foi o único a escolher o descritor CANTOR para colocar ao lado de cada nome dos componentes do coral.

Chega-se à conclusão que os aspectos sociocognitivos influenciam na indexação. O indexador, mesmo trabalhando de forma isolada e com fotografias que não pertencem ao seu acervo, se deixa influenciar pelo meio que desenvolve a atividade. Esses aspectos partem do primeiro momento, quando se obtém informação relacionada ao acervo, até a escolha dos descritores.

Sobre as metodologias existentes na literatura, descobriu-se que a de Bléry vem sendo ensinada, pelo menos em um curso, como a metodologia que deve ser seguida por indexadores de fotografias. Mesmo não se baseando ou conhecendo as outras metodologias, os indexadores realizam seus trabalhos de maneira muito parecida com o que nelas encontraram-se.

Segundo Manini (2002), para que de fato ocorra a indexação das fotografias, são necessárias a descrição, a análise da imagem, a análise do seu significado e a produção técnica. Após a realização da pesquisa e de acordo com a autora, pode-se inferir que um único fator que os indexadores não levam em consideração é o da produção técnica da fotografia.

Foi necessária a pesquisa por parte dos indexadores para coletar informações sobre o contexto das fotografias, ou então a indexação não ocorreria de forma efetiva. Usando como exemplo a fotografia do Madrigal da UFRN, que pode ser o próprio Madrigal como também um coral, como foi escolhido um descritor para ela.

Dessa forma, pode-se afirmar que na indexação de fotografias é necessário identificar o tema central e específico da fotografia, descrever quem, o que, como aconteceu o fato representado, que acontecimento é este e descrever seu significado ao máximo. Dessa maneira, os indexadores conseguem fazer com que o objetivo do fotógrafo e objeto de desejo do usuário seja transmitido.

Isso só é possível por meio da cognição e uso dos seus mecanismos, como a memória de curto, médio e longo prazo. Também da percepção sensorial por meio da visão e o conhecimento prévio que se tem sobre o contexto da fotografia.

Por fim, acredita-se que este trabalho não pode parar por aqui. Os trabalhos futuros podem seguir por duas linhas de pensamento: cognição e a política de indexação. Entende-se, que se deveria continuar a investigação sobre a cognição nos indexadores de fotografias, no caso específico da Metacognição. Um dos questionamentos que se orienta inicialmente seria: Quais os processos mentais gerenciáveis que uma pessoa realiza por meio da indexação de fotografia? Além disso, outra vertente que se poderia trabalhar é de proposta de uma política de indexação para acervos fotográficos. Essa proposta se basearia nas descobertas feitas por esta dissertação e futuras investigações a respeito de políticas de indexação, junto às

metodologias sugeridas para a indexação de fotografias. Essas sugestões seriam realizadas por meio da complementação da metodologia com outros procedimentos de coleta de dados para obter questões que aqui não foram contempladas.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Vera Lucia Cortes. Imagens produzidas pelo fotógrafo Tibor Jablonsky: suportes materiais na construção da memória do trabalho no Brasil (1950-1968). In: Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 12.,2006, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:< www.rj.anpuh.org/.../rj/.../Vera%20Lucia%20Cortes%20Abrantes.pdf>. Acesso em 02 abr. 2015.
- ALBUQUERQUE, Ana Cristina. A classificação de documentos fotográficos: um estudo em arquivos, bibliotecas e museus. 2012. 287 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2012. Disponível em:< base.repositorio.unesp.br/handle/11449/103378>. Acesso em 08 jan. 2015.
- ALBUQUERQUE, Ana Cristina. Os caminhos do documento fotográfico e suas representações. **Baleia na rede** - Revista online do Grupo Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura, v. 1, n. 5, ano 5, p. 364-383, nov. 2008. Disponível em:< <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1436>>. Acesso em 08 jan. 2015.
- AMARAL, Luciana. A importância do tratamento intelectual das fotografias visando à recuperação da imagem. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em:< www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27112009.../pt-br.php>. Acesso em 19 dez. 2014.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; FREIRE, Bernadina Maria J; PEREIRA, Perpétua. A representação de imagens no acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire: proposta e percursos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p.17-25, set./dez. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a03v33n3.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**: UFGD, Dourados, v. 1, n. 2, p.1-20, jul. /dez. 2007.
- BAYLE, Frederic. Conception d'un thésaurus iconographique dans le cadre du développement d'une agence de photographies créatives sur Internet. França: Conservatoire National des Arts et Metiers, 2008.
- BARBOSA, Andréa Arruda. A memória Institucional como possibilidade de comunicação organizacional: o caso exército brasileiro. 2010. 188f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Comunicação Social, Porto Alegre, 2010. PUCRS. Disponível em:< tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2575>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Avaliação de linguagem documentária em fonoaudiologia na perspectiva do usuário: estudo de observação da recuperação da informação com o protocolo verbal. 2005. 239 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista.

BOCCATO, Vera Regina Casari. O contexto sociocognitivo do indexador no processo de representação temática da informação. **Encontros bibli:** revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v.17, n. esp. 1, p.67-86, 2012. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17nesp1p67>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 136 p.

BRÄSCHER, Marisa.; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2015.

BRAZ, Márcia Ivo. Dispositivos de memória para informação jurídica: análise de procedimentos de indexação. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

BRITO, Luciana Souza. Histórias e memórias institucionais a partir do acervo fotográfico do Centro Universitário Franciscano (1955-1980). 2010. 256 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em:< coralx.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2970>. Acesso em 10 abr. 2015.

BUCERRONI, Claudia. PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. A imagem fotográfica como documento: desideratos de Otlet. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., João Pessoa, 2009. **Anais...** João Pessoa. 16 p.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. *Journal of the American Society of Information Science*, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em:< www.uff.br/ppgci/editais/bucklandcomocoisa.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2014.

CAFÉ, Lígia Maria Arruda; PADILHA, Renata Cardozo. Organização de acervo fotográfico histórico: proposta de descrição. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 90-111, mar./ago. 2014. Disponível em:< <http://www.revistas.usp.br/incid/article/download/73527/82240>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

CASTAMINZA, Félix del Valle. Estética de la fotografía: dimensión documental de la fotografía. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE IMAGENS E INVESTIGAÇÃO SOCIAL, Mexico, 2002. Disponível em: <<http://www.fcif.net/estetica/dimensionfotografia.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

CERVO, Amado L.;BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Pearson Hall, 2006.

CHAPOUTHIER, Georges. Registros evolutivos. *Viver Mente & Cérebro: Memória*, n. 2, p. 8-13, jul. 2006. Ed. Especial.

CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. Trad. José Augusto Chaves Guimarães. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, v.21,n.1/2, p.63-79, jan./jun. 1988.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. *Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. 1997. 169 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://tede-dep.ibict.br/tde_arquivos/1/TDE-2008-02-15T15:39:41Z-24/Publico/icleiacosta1997.pdf>. Acesso em: dia mês ano.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. *Memória institucional: um conceito em definição*. *Informare – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência de Informação*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.45-51, jul./dez.1995.

CRIPPA, Giulia. *Memória: geografias culturais entre história e ciência da informação*. In: MURGIA, Eduardo Ismael. **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, biblioteca e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010. 136 p.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, 7(2), p. 101-107, 1978.

DIAS, Eduardo Wense; NEVES, Dulce Amélia de Brito; PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. Uso de estratégias metacognitivas na leitura do indexador. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 141-152, set. /dez. 2006. Disponível em:< www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a14.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2015.

DICIONÁRIO brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p. Disponível em:<www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>. Acesso em: 04 mar.2015.

DODEBEI, Vera Lucia . O sentido e o significado de documento para a memória social. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,1997.

DODEBEI, Vera Lucia; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. *Datagramazero*, v.9, n.5, p.1-11. 2008. Disponível em:< dgz.org.br/out08/Art_02.htm>. Acesso em: 28 mar. 2015.

DUARTE, Marcelo. 35 curiosidades nos 35 anos de morte de Elvis Presley. Disponível em:<<http://guiadoscuriosos.com.br/blog/2012/08/16/35-curiosidades-nos-35-anos-de-morte-de-elvis-presley/>>. Acesso em: 01 maio 2015.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. 14. ed. Campinas: Papirus, 2009. 362p.

EGGERT-STEINDEL et al. Imagens/memórias da Biblioteca Pública de Santa Catarina: uma leitura da memória volátil fixada pela fotografia (1980 - 2011). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.18, n.4, p.127-138, out. /dez. 2013. Disponível em:< www.scielo.br/pdf/pci/v18n4/09.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2015.

FABRIS, Annateresa . A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: _____. Annateresa (Org.). **Fotografia: usos e funções no século 19**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Texto e Arte, 3).

FELIPE, Carla Beatriz Marques. Indexação de acervo iconográfico: o caso da Escola de Música da UFRN. 2012. 48 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 82 p.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, 2008.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.1, n. 1, p. 60-90, jul. /dez. 2003. Disponível em:< eprints.rclis.org/6266/1/Fujita.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura documentária na perspectiva de sua variáveis: leitor-texto-contexto. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, v.5, n.4, ago, 2004. Disponível em:< http://www.dgz.org.br/ago04/Art_01.htm>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A política de indexação para representação e recuperação da informação. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; GIL LEIVA, Isidoro. (Editores). **Política de indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MADIO, Telma Campanha de Carvalho. Importância da gênese documental para identificação de acervos fotográficos. **IBERSID**, v. 2, p. 251-261, 2008..Disponível em:< <http://ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/2244>>. Acesso em 04 mar. 2015.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli; BOCCATO, Vera Regina Casari. As diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre indexação e catalogação de assuntos. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (Org.). A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; RUBI, Milena Polsinelli; BOCCATO, Vera Regina Casari. O contexto sociocognitivo do catalogador em bibliotecas universitárias: perspectivas para uma política de tratamento da informação documentária. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, v.10, n.2, abr. 2009. Disponível em:< http://dgz.org.br/abr09/Art_06.htm>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; SILVA, Maria dos Remédios da. A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. *Transinformação*, Campinas, 16(2), p. 133-161, maio/ago. 2004.

GARCIA, Diana Carolina Monroy; MONTALVO, Olga Marcela Cruz. Instituto Nacional de Cancerología: historia, memoria y patrimonio. *Revista Colombiana de Cancerología*, Colômbia, v.18, n. 3. 2014. Disponível em:<
<http://www.sciencedirect.com/science/journal/01239015/18/3>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

GIL LEIVA, Isidoro. Aspectos conceituas da Indexação. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; GIL LEIVA, Isidoro (Editores). *Política de indexação*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Morpheus- Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Ano 08, n. 13.2008. Disponível em:<
<http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

GONDAR, JÔ; Dodebei, Vera Lucia. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GUARNIERI, Vanderleia, MONEGO, Sonia. A fotografia como recurso de memória. Chapecó. **Revista Cadernos do CEOM**, Ano 25, n. 36, 2012. Disponível em:<
<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1153>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

GUIMARÃES, José Augusto. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, v.1 n.1, p.77-99, jan./jun. 2008. Disponível em:<
<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2761>>. Acesso em: 02 maio 2015.

GUIMARÃES, José Augusto; PINHO, Fábio Assis; FERREIRA, Gustavo Meletti. Relações teóricas da organização do conhecimento com as abordagens de catalogação de assunto, indexação e análise documental: uma análise de domínio da revista *Scire* (1995-2010). **Scire**, 18:2, p. 31-41, jul. 2012. Disponível em:<
<http://ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/viewFile/3971/3704>>. Acesso em: 02 maio 2015.

GUIMARÃES, José Augusto; SALES, Rodrigo de. Los principios teóricos de Cutter, Kaiser y Ranganathan como elementos de interlocución en organización del conocimiento. **Scire**, p. 21-29, 2010. Disponível em:<
<http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114665/ISSN11353716-2010-16-02-21-29.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 maio 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HISTÓRICO: A Escola de Música da UFRN. 2005. Disponível em:
 <http://www.musica.ufrn.br/em/?page_id=50>. Acesso em: 10 maio 2015.

HJØRLAND, Birger. Nine principles of knowledge organization. In: ALBRECHTSEN, H.; ORGAGER, S. (Ed.). Knowledge organization and quality management. Frankfurt/main: Indeks, 1994. P. 91 -100. (Advances in Knowledge Organization, v.4).

HJØRLAND, Birger. Concepts, paradigms and knowledge organization. In: GNOLI, C.; MAZZOCCHI, F. (Ed.). Paradigms and conceptual systems in knowledge organization. Rome: Ergon, 2010. P. 38-42. (Advances in Knowledge Organization, v. 12).

HOLANDA, Adriana Buarque de. Memória e esquecimento na ciência da informação: um estudo exploratório. 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. Hercule Florence: l'imaginaire voyage de retour. Colloque Hercule Florence. Théâtre de la Photographie et de L'image. Nice, 2005. Disponível em: <http://boriskossoy.com/wp-content/uploads/2014/11/hercule_florence_limaginaire_voyage.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

KURAMOTO, Hélio. Uma abordagem alternativa para o tratamento e a recuperação de informação textual: os sintagmas nominais. **Revista Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/435/393>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.283-302, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702012000100015>. Acesso em 04 mar. 2015.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à febre amarela no Brasil. Ano. 258 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, ano.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F.S. de Filgueiras Gomes. 2.ed. rev. e atual. Brasília/ DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, Miriam Lifcitz M. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

LIMA, Cláudia Albuquerque de; SILVA, Nerivanha Maria Bezerra da. Representações em imagens equivalentes, 2001. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudia-imagens-equivalentes.pdf>>. Acesso: 10 jan. 2015.

LÓPEZ, Emilio Luis Lara. La fotografía como documento históricoartístico y etnográfico: una epistemología. **Revista de Antropología Experimental**, Espanha, n. 5, 2005. Disponível em: < <http://www.bio-design.com.ar/2-UNLa/historia2/libros/fotog%20documento.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2015.

MACHADO, ANA Maria Nogueira. **Informação e controle bibliográfico**: um olhar sobre a cibernética. São Paulo: UNESP, 2003.

MAIOME, Giovana Deliberali; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas no contexto da Ciência da Informação. **Datagrazero** – Revista de Ciência da Informação, v.9, n.2, abr. 2008.

MALTA, Albertina Otávia Lacerda. Memória em saís de prata: fotografias do Recife em instituições memoriais. 2013. 205 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

MANINI, Mirian Paula. Imagem, Memória e Informação: um tripé para o documento fotográfico. **Domínios da Imagem**, Londrina, ano 4, n. 8, p.77-88, maio. 2011. Disponível em: < em: < <http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/127>>. Acesso em 14 dez. 2014.

MANINI, Mirian Paula. Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. Tese. 231 f. 2002. Universidade de São Paulo. Disponível em: < <http://jforni.jor.br/forni/files/An%C3%A1lise%20document%C3%A1ria%20de%20fotografias%20-%20Miriam%20Manini.pdf>>. Acesso 16 maio 2014.

MARTINS, Grace Kelli; MORAIS, João Batista Ernesto de. Institucionalização científica da organização e representação do conhecimento na Ciência da Informação no Brasil. Anais... Encontro Nacional de Ciência da Informação. 2014. Belo Horizonte. Disponível em: < <http://enancib2014.eci.ufmg.br/programacao/anais-do-xv-enancib>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

MATOS, Maria Teresa Navarro de B. Memória institucional e Gestão universitária no Brasil: o caso da Universidade Federal da Bahia. 184 f. 2004. Tese. (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/.../Maria%20Teresa%20Matos.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília: Brinquet de Lemos/Livros, 1995.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti. Organização e representação do conhecimento: fundamentos teóricos-metodológicos na busca e recuperação da informação em ambientes

virtuais. 2005. 354 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:< tede-dep.ibict.br/handle/tde/54>. Acesso em: 02 maio 2015.

MOLINA, Letícia Gorri; SANTOS, Juliana Cardoso. Documento e memória: “Locus de memória institucional. In: III Colóquio Internacional da Rede MUSSI: As transformações do documento no espaço – tempo do conhecimento. Anais...Bahia, 2014. Disponível em:< <http://www.coloquiomussi.ici.ufba.br/>>. Acesso em 28. Mar. 2015.

MOURA, Claudia Peixoto; SOUZA, Alina Oliveira de. Memória e Comunicação Institucional: a construção de relacionamentos com base em acervos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em:< <http://portal.eusoufamecos.net/memoria-e-comunicacao-institucional-a-construcao-de-relacionamentos-com-base-em-acervos/>>. Acesso em: 0 abr. 2015.

MURGIA, Eduardo Ismael. A memória e sua relação com arquivos, biblioteca e museus. In: Murgia, Eduardo Ismael. **Memória**: um lugar de diálogo para Arquivos, Biblioteca e Museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010. 136 p.

NAVES, Madalena Martins Lopes. Análise de assunto: Concepções. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 20, n. 2, p. 215-226, jul./dez. 1996.

NEVES, Dulce Amélia de Brito. Aspectos metacognitivos na leitura do indexador. 2004. 130 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

OLIVEIRA, Marlene de. Memória institucional da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN). 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2012. Disponível em:< www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/14594>. Acesso em 28. Mar. 2015.

OLIVEIRA, Rafael Alves de. Obras de arte e a memória imagética: uma análise dos métodos de representação. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramaZero** - Revista de Ciência da Informação, v.11, n. 2, abr. 2010. Disponível em:< www.dgz.org.br/abr10/Art_03.htm>. Acesso em: 02 fev. 2015.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Icologia: Uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: PANOFSKY, Erwin. Significados nas artes visuais. 2.ed.São Paulo: Perspectiva, 1979. p.47 – 87.

PEREIRA, Francisco Bonato. Recife (PE) – Avenida Caxangá 1940. Disponível em:< <http://cafehistoria.ning.com/photo/recife-pe-1940-avenida-caxanga>>. Acesso 13 dez. 2014.

PINHO, Fábio Assis. Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina: uma análise da precisão em linguagens de indexação

brasileiras. 2010. 149 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, 2010.

PINHO, Fábio Assis. **Fundamentos da organização e representação do conhecimento**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10. 200 – 212 p. 1992.

RAFFERTY, Pauline. Informative Tagging of Images: The Importance of Modality in Interpretation. **Knowledge Organization**, v. 38, n. 4, p. 283-298, 2011.

REDIGOLO, Franciele Marques. O processo de análise de assunto na catalogação de livros em bibliotecas universitárias: aplicação de protocolo verbal. 2014. 262 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Universidade Estadual Paulista, 2014.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Memória: um lugar de diálogo para Arquivos, Biblioteca e Museus. In: Murgia, Eduardo Ismael. **Memória: um lugar de diálogo para Arquivos, Biblioteca e Museus**. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010. 136 p.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em:<
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000300008>. Acesso em: 02 fev. 2015.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica: determinação, delimitação e direcionamento dos discursos da imagem fotográfica. Brasília, 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2011.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Secac, 2009.

RUBI, Milena Polsinelli. Política de Indexação. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; GIL LEIVA, Isidoro (Ed.). **Política de indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; Freitas, Aline de; Valls, Valéria Martin. Memória Institucional: uma revisão de literatura. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, abr. 78- 89 p. 2011. Disponível em:<
www.revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/62/64>. Acesso em: 28 mar. 2015.

SAMPAIO, Débora Adriano. Vozes e silêncio: memória, representações e identidade do Museu do Ceará. 152 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade da Paraíba. 2001, João Pessoa. Disponível em:< tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/3908/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SANTOS, Ana Cláudia de Araújo. Aspectos memoriais existentes nos retratos dos reitores da Universidade do Recife. 2014. 271 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SATO, Larissa Ayumi. A fotografia como documento e fonte de pesquisa para a recuperação histórica da Colônia Esperança. **Resgate**, São Paulo, v. 18, n.19, p.104 – 121, jan./jul. 2010. Disponível em:< <http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/290>>. Acesso em 02 fev. 2015.

SHATFORD, Sara. Some issues of the indexing of images. *Journal of the American Society of Information Science (JASIS)*, Los Angeles, v. 45, n. 8, p. 583-588, 1994.

SILVA, Rubens Alves; RODRIGUES, Vanilza Jacundino. Memória, informação e patrimônio afro-brasileiro em minas gerais. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: além das nuvens, expandindo as fronteiras da Ciência da Informação, 2014, Belo Horizonte Anais eletrônicos... Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/news/anais-do-xv-enancib-publicados>.

SMIRAGLIA, Richard P. Organización del conocimiento: algunas tendencias em um dominio emergente. *El profesional de la información*, v. 21, n. 3. maio/jun. 2012.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. *Informare – Cadernos da Pós-Graduação, Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 28-36, jul./dez. 1996. Disponível em:< <http://ibict.phlnet.com.br/anexos/smitv2n2.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2015.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, p.81-95, 1994.

SOUZA, Raquel Juliana Prado Leite de; ZAFALON, Zaira Regina. Acervos fotográficos em bibliotecas. In: ABRAHÃO, Lucília Maria; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; GRACISO, Luciana de Souza (Orgs). **A Imagem em Ciência da Informação: reflexões teóricas e experiências práticas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

TOZERAN, Isabela Mara Valle. **Fotografia e informação: aspectos de análise e indexação de imagens**. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em:< repositorio.unb.br/handle/10482/3484>. Acesso em 14 dez. 2014.

VARELA, Ainda. Informação, cognição e mediação: vertentes, contextos e pretextos. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, v.1 n.1, p.21-45, jan./jun. 2008.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. Registros da Memória. In: Pinho, Fábio Assis. **Dispositivos culturais e espaços de memória. Recife**. Ed. Universitária da UFPE, 2013. Disponível em:< https://www.ufpe.br/editora/ufpebooks/outros/dis_cul/>. Acesso em: 14 abr. 2015.

VIGIL, Juan Miguel Sánchez. La documentación fotográfica. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 6, 1996. Disponível em:<
<http://revistas.ucm.es/byd/11321873/articulos/RGID9696120161A.PDF>>. Acesso em 08 jan. 2015.

VON SIMSON, Olga Rodrigues. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

APÊNDICE A – PROTOCOLOS DO INDEXADOR A

INDEXADOR A – PRIMEIRO PROTOCOLO (fotografias da UFRN)

Estou iniciando a indexação de duas imagens do acervo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, são duas imagens de eventos. Eu acredito que sejam imagens de eventos. Essa primeira que eu estou vendo é uma imagem de muito boa qualidade, que tem, eu acho, acredito, muita informação, porque ela tem, ela foi uma imagem feita com muita qualidade pelo fotógrafo e mostra o coral, aqui já identificado, o coral Madrigal da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ele está se apresentando na TV, uma televisão local, chamada TV Continental e tem o ano também isso é muito importante para o documento ter a identificação de quando aconteceu que é 1966. É importante para a gente identificar essa imagem é ter o máximo de pessoas identificadas, já que é um grupo, né já que é um grupo de pessoas que são os integrantes do coral, e o maestro, regente do coral. Agora vamos descrever, dar o máximo de informações sobre as pessoas que estão retratadas né, eu tenho aqui o nome do regente que é o padre Pedro Ferreira e o nome de quase todos os componentes do coral que existem tanto mulheres quanto homens. Eu faria da esquerda para a direita. Em primeiro lugar, no primeiro plano, nós vemos o regente, então eu faria uma silhueta, pegava um papel seda transparente, faria levemente com lápis. Acho que o lápis 6 b da Faber Castel é um bom lápis para fazer uma silhueta, bem leve para não marcar a fotografia, faria uma silhueta, de todos os componentes, numeraria, o número 1, o regente, que está em primeiro plano e depois da esquerda para a direita numeraria 2, 3, 4, 5, 6 a primeira fila, da esquerda para a direita, e a outra fila também da esquerda para a direita e depois faria a descrição de cada retratado o número 1, que é o padre Pedro Ferreira, o regente, o número 2 a primeira componente do coral da esquerda para a direita, na primeira fila, deve ser a Maria Borges de Lima, a terceira Isméria Gonçalves dias, Alba Lúcia Borges Lima, Rita de Cássia Pinheiro Cantídio, Magnólia Monteiro Azevedo Pereira, Maria de Fátima de Brito, Dejair Henrique Borges, Vera Lúcia Vilar Garcia, Elizabeth Batista da Silva, Atenilde Cunha, Leonor Gonçalves Dias, Edna Fernandes, Domicilia Rodrigues de Souza.

Começaria aqui, na segunda fila também, da esquerda para a direita, só os homens, o décimo quinto, Geraldo Azevedo, Walter Araújo, Estácio Cavalcante, Joel Câmara de Carvalho Filho, Glênio Manso Maciel, Marcos Campos da Silva, Emanuel de Melo e Silva, Ocidente Fernandes e claro a identificação a ser feita posteriormente de mais três retratados, sem identificação. Então eu acho que a silhueta ajuda muito, porque normalmente a gente não pode escrever na própria imagem, fazendo a silhueta com papel transparentesinho que é um

papel seda, bem de leve pra não poder marcar a imagem, a gente faz o desenho, numera, que a gente precisa, a não ser que se faça uma reprodução só para numerar, mas normalmente eu faço uma silhueta com papel transparente e anexo junto ao envelope onde vai ser guardado a fotografia.

Os descritores, os descritores são palavras-chave né, como a gente sabe, são palavras-chave que a gente vai colocar para fazer a recuperação das imagens. Dentro sempre de um vocabulário controlado que a gente definiu previamente. Eu posso colocar esses nomes, desses personagens que estão identificados exatamente nesses descritores, não há necessidade de colocar no título o nome de todo esse coral. No título aqui já tem apresentação do coral madrigal. E lá nos descritores o nome de todas essas pessoas, eu posso até colocar o nome do maestro no título. Ai! O que que é que eu vou botar nos descritores? Todos os personagens. Por ordem, ai nos personagens eu boto ou por essa ordem de apresentação que eu fiz na minha, no meu, na minha silhueta ou por ordem alfabética. Eu escolho. Mas eu acho que é a silhueta, não precisa ser em ordem alfabética, agora nesses descritores eu ponho e vou colocar lá essas palavras-chave na minha lista de vocabulário controlado, é importante que vai ficar lá registrado porque nesse vocabulário controlado de eventos ou de, do meu arquivo geral da Universidade Federal da Escola de Música do Rio Grande do Norte, esses personagens podem aparecer de outras vezes, e aí já vai recuperar. Todas as vezes que aparecer o maestro PADRE PEDRO FERREIRA, GERALDO ESTEVÃO VITAL, A MARIA DA SALETE BORGES LIMA, A ESMERIA, todos esses componentes do coral em outras imagens, quando aparecer, ela vai recuperar, porque, se alguém vier pesquisar, ah! eu quero os personagens, a MARIA DA SALETE BORGES, que apareceu lá no coral, no Rio de Janeiro, vai recuperar. Então vai ser uma palavra que vai fazer parte do meu vocabulário controlado os personagens, os componentes do coral madrigal da escola de música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Acho que foi, acho que ficou legal essa identificação, essa indexação.

Vamos para o segundo, a segunda imagem também desse acervo da escola de música da universidade Federal do Rio Grande do Norte. O que eu estou vendo na imagem, uma homenagem ao Reitor Onofre Lopes, perfeito! Uma homenagem ao Reitor Onofre Lopes. Pode ser até que essa imagem faça parte de um conjunto de imagens desse dia, dessa homenagem. Essa imagem pode ser até um conjunto de fotos que fizeram parte desse dia, então ela vai ser uma dessas imagens Homenagem ao Reitor Onofre Lopes é o título, foi em 1968. O local provavelmente a escola de música, na escola de música, mais falta dizer onde é essa escola de música. São duas pessoas, é o que eu vejo. Onde se vê a diretora da escola de

música entregando um presente. Reitor Onofre Lopes recebendo presente da diretora da Escola de música, senhora Luiza Maria Dantas Cavalcanti por ocasião de homenagem, isso seria o título dessa fotografia. E os descritores, no título eu já botei aqui, que era o Onofre que estava vendo que é a diretora eu não preciso repetir nos descritores isso. Certo. Que a recuperação, a imagem o banco de dados já recupera. Eu posso colocar mulher, se eu tiver interesse MULHER, HOMEM.

Ah! Naquela outra imagem, eu poderia colocar também aqueles descritores. Além dos nomes, começo por mulher, homem, depois os nomes dos componentes do coral. Primeiro nome, aqui. No título eu já falei que tem o Reitor Onofre Lopes recendo o presenta da diretora da escola de música senhora Luiza Maria Dantas Cavalcanti por ocasião de homenagem, pronto. Não preciso repetir nos descritores, não preciso. Já está no título. Pronto.

INDEXADOR A – SEGUNDO PROTOCOLO (Fotografias da FUNDAJ)

Nós vamos agora indexar, nós vamos catalogar duas imagens da coleção Eventos da Fundação Joaquim Nabuco, as duas imagens são dessa mesma coleção. Essa coleção ela retrata momentos, eventos, reuniões, exposições, seminários, vários tipos de acontecimentos que ocorrem, parecidos com estas outras duas imagens que a gente viu, que ocorrem dentro da instituição e também fora da instituição envolvidos com a instituição. Então essas suas imagens é... retratam uma, retratam uma reunião do conselho diretor em comemoração aos trinta anos da Fundação Joaquim Nabuco, da criação da Fundação Joaquim Nabuco. E é quando se inaugura um retrato do momento da criação pelo presidente do Brasil na época 1949 e é um retrato pintado por um pintor, que é o Baltazar da Câmara e essa assinatura de criação do Instituto Joaquim Nabuco, na época se chamava Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e essa assinatura da criação do Instituto Joaquim Nabuco pelo Presidente Dutra está com um grupo de deputados ao redor deles incluindo Gilberto Freire e esse Baltazar o pintor fez a cena, pintou a cena. Então tem uma reunião do conselho diretor para a inauguração desse quadro, mostra esse quadro a conselho diretor com várias personalidades. Então a gente vai ver aqui como vai descrever essas duas imagens.

Então a primeira imagem, essa primeira imagem mostra o descerramento do pano, pra o descerramento do pano que está encobrendo o quadro, a pintura, da assinatura da criação do instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais pelo então presidente do Brasil em 1949, que era do Dutra. Quem está descerrando o pano é o próprio presidente da fundação, na época essa foto, essa imagem, esse evento é um 1979 que Fernando Freire, filho de Gilberto Freire,

quem está junto dele é Baltazar da Câmara, o próprio pintor do quadro. Vai ser uma medalha massangana ao pintor Baltazar da Câmara comemorativa aos trinta anos da Fundaj e também porque ele pintou esse quadro que retrata o momento da assinatura da criação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Então, é a apresentação da pintura de Baltazar da Câmara sobre a assinatura, retratando da criação Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais. O local é a sala do conselho diretor, na Fundaj, em Recife. Os descritores são, é tudo que eu vejo nessa imagem, certo. Então vamos lá: homens, eu vejo Pintura, bandeiras e quem são esses homens, né, Fernando de Melo Freire, Rui João Marques, Baltazar da Câmara. Acho que a gente pode dizer, eu não sei como é estruturalmente Fernando de MELO FREIRE – PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIN NABUCO. Baltazar da câmara – pintor rui João marques- Conselheiro, pronto é quem eu estou vendo, os de costas não vou identificar. HOMENS, PINTURA, BANDEIRAS FERNANDO DE MELO FREIRE-PRESIDENTE D UNDAJA, BALZTAZAR DA CAMARA O PINTOR, LUIZ JOÃO MARQUES CONSELHEIRO, pronto.

Na segunda imagem temos essa mesma ocasião, agora é entrega da medalha e descerramento da placa, né?! Da pintura. Esse evento, seria a apresentação da pintura de Baltazar da Câmara retratando a assinatura da criação e entrega de medalha massangana comemorativa dos trinta anos de criação da fundação. Aqui, reunião do conselho diretor para entrega da medalha massangana dos trinta anos da Fundação Joaquim Nabuco, mesma coisa do outro. Vê-se, como é nome dele? É, vê-se Nilo Pereira discursando. Pronto, é isso, essa foto é a reunião do Conselho Diretor para a entrega da medalha massangana nas festas comemorativas dos trinta anos da Fundaj. Vê-se Nilo pereira e foi é a inauguração, né? E comemoração, apresentação da pintura. Isso é muito importante. Nos Descritores nós vamos identificar a maior parte das pessoas. Primeiro: homens, mulher, no singular, HOMEM, MULHER, não precisa colocar no plural. BANDEIRAS, PINTURA. Aí vamos, a gente pode colocar, eu já botei o que está discursando, eu não preciso repetir, né?! Vamos ver aqui então da esquerda para a direita. Na mesa RUI JOÃO MARQUES, esse primeiro aqui eu não sei, um dois, três, Terceiro! RUI JOÃO MARQUES, FERNANDO DE MELO FREIRE, MARLI MOTA, JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELO – é o único Gonsalves com S que eu conheço! José Antônio Gonsalves de Melo. Esse aqui eu conheço, mas de costa a gente nunca coloca. Eu acho que está bom esses descritores.

APÊNDICE B – PROTOCOLOS DO INDEXADOR B

INDEXADOR B – PRIMEIRO PROTOCOLO (Fotografias da FUNDAJ)

Aqui tem um título provisório, eu vou utilizar o título que está na fotografia já. Vou consultar as informações. Nas informações que trazem o envelope têm a data, a quantidade de fotos, o evento: reunião do conselho diretor para entrega da medalha massangana comemorativas dos trinta anos da fundação Joaquim Nabuco. Em 1979 a fundação se chamava Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais. Então farei uma correção, trinta anos do Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais. Local, Recife, Pernambuco. Data 1979. Isso Recife, Pernambuco. Aqui nos papéis... eu vou desenhar a silhueta para identificar as pessoas que estão presente na reunião. Então, as pessoas que estão presentes na reunião vão ser meus descritores. Eu sigo uma sequência para identificar cada pessoa e vou usar o critério da esquerda para a direita. Descritores né? No verso da foto traz mais informações, mais não identifica as pessoas. Bom, então eu tive que fazer uma pesquisa para identificar as pessoas. As pessoas estão de costas para os reunidos, eu não vou identificar o meu foco será somente as pessoas presentes à mesa. Então, da esquerda para a direita, a primeira pessoa, ROBERTO MAGALHÃES, vai ser o meu primeiro descritor. O segundo, NILO PEREIRA, o terceiro, não consigo identificar e as pessoas que eu entrevistei elas também não identificam, então eu vou colocar não identificado. Ou melhor, eu vou seguir a sequência e vou deixar esse espaço entre o terceiro sem identificação. Vou para o número quatro. O número quatro na sequência RUI JOÃO MARQUES. Em seguida FERNANDO FREIRE, na sequência MARLI MOTA. E por último JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELO. Concluído a primeira foto, vou para a segunda foto.

Na sequência, as duas imagens foram colocadas fora de ordem. Então, a primeira foto que eu indexei na sequência vai ser a segunda. Porque eu escolhi essa aqui como a primeira foto da coleção, porque eu vejo aqui um quadro que vai ser inaugurado e na outra reunião na foto anterior o quadro já foi inaugurado. Já não está mais coberto, por isso que a sequência vai ser a segunda foto, a primeira. E o título dessa foto vai ser inauguração, eu tenho que conferir o que traz no verso. Inauguração do quadro com retrato da solenidade de criação do Instituto de Joaquim Nabuco pesquisas sociais. Eu vou identificar o autor do quadro, inclusive o autor do quadro é uma das personalidades que está na inauguração. Então, inauguração do quadro de autoria de Baltazar da Câmara com retrato da solenidade de criação do Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais. Data, local né, aqui na sequência depois do título, local é Recife,

Pernambuco. A data, 1979. Os descritores eu vou usar o mesmo critério de identificação, eu vou usar as silhuetas, da esquerda para a direita. Primeiro, eu tive que fazer uma pesquisa, ficou mais fácil porque as pessoas retratadas são as mesmas que aparecem na foto anterior. Na pesquisa o primeiro retratado não foi identificado, o segundo RUI JOÃO MARQUES, o terceiro sentado MARLI MOTA. Em pé na sequência da silhueta o quarto é o autor do quadro BALTAZAR DA CÂMARA. O quinto, presidente FERNANDO FREIRE. Pronto.

INDEXADOR B – SEGUNDO PROTOCOLO (Fotografias da UFRN)

Anteriormente eu estava indexando uma fotografia dentro do contexto que eu conheço, essa já muda. Então quando muda eu tenho que observar melhor as pessoas que estão retratadas na foto. Como eu já tenho algumas informações eu já sei que trata-se de uma homenagem ao reitor Onofre Lopes, então. Eu vejo a entrega de alguma, de um objeto mas eu não consigo identificar. Eu sinto a falta da, do título da solenidade porque como eu vejo outras pessoas eu não sei se essa solenidade é específica para fazer a homenagem ao Reitor. Ou se trata de outra solenidade, então precisava pesquisar sobre isso. Tem uma outra foto nessa sequência? Eu tenho a informação que é homenagem ao Reitor Onofre Lopes, então alguém já deve ter pesquisado, então eu vou seguir o que tem na ficha, Solenidade em Homenagem ao Reitor Onofre Lopes, preciso saber o local, mas como na fotografia, na imagem já teve identificação dos personagens, das pessoas retratadas como é reitor da universidade Federal Rio Grande do Norte, subentende-se que seja lá o local, Rio grande do Norte, Natal. A data 1968, a imagem já traz a data, pelo menos já foi pesquisada. 1968. Os meus descritores são as pessoas retratadas no caso né. Da esquerda para direita, usando o mesmo critério a primeira LUIZA MARIA DANTAS CAVALCANTI – DIRETORA DA ESCOLA DE MÚSICA, como são descritores eu não sei se na minha base de dados eu posso usar o parênteses ou, eu vou ficar com essa dúvida, vou usar o hífen no caso. O segundo na sequência é o reitor, né, o ONOFRE LOPES, usando hífen REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE.

E na sequência eu já tenho outra foto que é outro evento. O título dessa segunda foto, já foi feito uma pesquisa e é uma apresentação de um Coral, Madrigal da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Tv Continental Rio de Janeiro, nesse caso o local vai ser Rio de Janeiro, local – Rio de Janeiro, a data eu já tenho 1966. A foto já tem uma numeração e na pesquisa, a pessoa que fez a pesquisa esqueceu de colocar a numeração. Então na sequência, pela lógica, o primeiro deve ser Geraldo Estevão Vidal, que é o que está

numerado. Agora eu já entendi! Os homens foram identificados e as mulheres também, e o personagem, o regente, que é o regente principal, que é o primeiro ele está separado, Padre Pedro Ferreira. Então essa foto vai ser do Madrigal da Escola de Música da UFRN. O mesmo critério, da esquerda para a direita, eu vou identificando, o primeiro será o regente PADRE PEDRO FERREIRA

Segundo será a MARIA DA SALETE BORGES LIMA, ISMÉRIA M^a GONÇALVES DIAS, ALBA LÚCIA BORGES LIMA, RITA DE CÁSSIA PINHEIRO CANTÍDIO, MAGNÓLIA MONTEIRO AZEVEDO PEREIRA, MARIA DE FÁTIMA DE BRITO, DEIJAR HENRIQUE BORGES, VERA LÚCIA VILAR GARCIA, ELIZABETH BATISTA DA SILVA, ATENILDE CUNHA, LEONOR GONÇALVES DIAS, EDNA FERNANDES, DOMICILA RODRIGUES DE SOUZA. O mesmo critério da esquerda pra direita e na sequência vou identificando, mas a mesma dificuldade porque nem todos estão numerados, preciso conferir pra saber se estão identificadas GERALDO ESTEVÃO VITAL, WALTER ARAÚJO, ESTÁCIO CAVALCANTE, JOEL CÂMARA DE CARVALHO FILHO, GLÊNIO MANSO MACIEL, MARCOS CAMPOS DA SILVA, EMANUEL DE MELO E SILVA, OCIDENTE FERNANDES. Esses são os descritores.

APÊNDICE C – PROTOCOLOS DO INDEXADOR C

INDEXADOR C – PRIMEIRO PROTOCOLO (Fotografias da UFRN)

Bem, a nossa análise da informação daqui das imagens fotográficas a gente sentiu necessidade de analisar mais, nós não tínhamos os conhecimentos profundos para isso e em busca desse conhecimento. Eu fiz um curso em 2011, on-line onde esse curso chamava-se a prática da indexação de imagens fotográficas. Foi um curso bastante proveitoso onde eu pude resgatar bastante material e a partir dele realmente tive fundamentação teórica pra fazer a representação do conteúdo dessas informações e basicamente a indexação ela é baseada em proposta de Bléry em 1981 citado por Smith 1996, e esses parâmetros baseados em quatro perguntas básicas: QUEM – identifica o objeto focado, os seres vivos, os artefatos suas funções etc. ONDE – é exatamente a localização da imagem no espaço. QUANDO – Localização da imagem no tempo, tempo cronológico ou tempo da imagem. E COMO ou O QUE – que é a descrição dos detalhes da imagem. Então, a grade geral da análise da informação em imagens fotográficas elas se baseiam nisso, que parte do mais geral para o mais específico. Como estamos trabalhando com um banco bastante antigo, um banco de imagens bastante antigo nós tivemos a necessidade de resgatar essas informações a partir de pessoas que estiveram aqui naquela época então o que aconteceu, nos elaboramos um formulário baseados nessas perguntas de Bléry e lançamos pra buscar, buscamos essas pessoas e lançamos pra essas pessoas para o reconhecimento dessas imagens. Vale salientar que uma só pessoa não responde uma mesma foto, várias pessoas respondem o mesmo questionário e a gente vai fazer o encontro das informações. Por quê? Porque pode acontecer de uma pessoa só identificar uma pessoa quando na realidade não é uma pessoa. Então várias pessoas respondem o mesmo questionário da mesma foto e a gente vai batendo as informações para realmente ter certeza de aquilo que está falando é a verdade. A partir desse formulário respondido o que é que nós vamos pegar as informações necessárias para a representação do conteúdo. Vale salientar que é a representação descritiva das imagens ela volta-se para a identificação, descrição física, suporte das características da imagem tudo baseado e respeitando os direitos autorais né! Então pra isso, a partir disso lançasse os descritores. Os descritores como assunto ele é baseado em uma vocabulário controlado, já os descritores no caso o 600 nome pessoal não tem como a gente se basear em um vocabulário controlado porque são nomes de pessoas. Mas toda vida quando são descritores baseados em nomes mesmo sem ser pessoais a gente trabalha com vocabulário controlado. Geralmente o vocabulário da Biblioteca Nacional.

Bem, como eu falei antes a partir dos formulários preenchidos por diversas pessoas que viveram naquele momento histórico, a gente observando a foto ao mesmo tempo, a gente observa que nessa foto está Luiza Maria Dantas, diretora da escola de música na época e o segundo personagem está o reitor Onofre Lopes da Silva e a gente observa que ela está entregando tipo um presente ao Reitor. Então basicamente o que que eu visualizo aqui, que é uma homenagem, né? Que a diretora da escola de música no momento está fazendo ao reitor Onofre Lopes provavelmente isso aconteceu na escola de música, né? No ano de 1968. A partir disso nos colocamos no assunto o nome pessoal dos personagens, que estão contido, os principais personagens que estão contidos nas fotos. Então, colocamos LUIZA MARIA DANTAS, achamos por bem colocar o cargo dela no momento que era DIRETORA DA ESCOLA DE MÚSICA e contextualizar isso no tempo, então ela foi diretora em 1968 A 1979 e provavelmente essa homenagem aconteceu em 1968. Então, a partir do momento que a gente contextualiza o personagem, contextualiza o cargo, contextualiza o tempo a gente está fechando a descrição da imagem o máximo que a gente pode. Então tanto contextualizou Luiza Maria Dantas, diretora da EMFRN na época, como o reitor em exercício no momento, naquela época Onofre Lopes da Silva. Os descritores escolhidos baseados nessas informações, foram exatamente o nome, os nomes dos personagens, que é Luiza Maria Dantas, o cargo que ela exercia naquele momento, diretora da escola de música e o ano que aconteceu, o ano que ela exerceu, que ela aquele exercício de diretoria. Após colocar dois 600 que um foi Maria Luiza Dantas e o segundo foi Onofre Lopes da Silva. Achamos por bem que devemos abrir nota, onde a gente especifica realmente o que aconteceu de acordo com as informações que a gente colheu. Então da esquerda pra direita a gente observa que tem Luiza Maria Dantas, diretora da escola de música no momento, e Onofre Lopes Reitor da Universidade naquela momento histórico durante homenagem ao reitor Onofre Lopes em 1968. Vale salientar que quando colocamos assunto sem ser nomes próprios nos realmente trabalhamos em torno de um vocabulário controlado e esse controlado baseado na Biblioteca Nacional.

A segunda foto, eu realmente observo aqui que é uma foto da apresentação do Madrigal a escola de Música, né? E essas informações a gente conseguiu a partir de um dos integrantes deste madrigal que esteve aqui na escola e colaborou com o nosso projeto identificando a foto a partir do formulário. Então, o que é que a gente observa nessa foto, a gente vê que é apresentação do Madrigal da Escola de Música da Universidade na TV Continental no Rio de Janeiro e isso aconteceu em 1966. Então, é uma foto que tem muitos personagens e conseguimos realmente identificar os personagens. Então como regente nós temos o Padre

Pedro Ferreira, como mulheres da esquerda pra direita, nós temos Maria da Salete Borges Lima, Isméria M^a Gonçalves Dias, Alba Lúcia Borges Lima, que está coberta pelo regente, Rita de Cássia Pinheiro Cantídio, Magnólia Monteiro Azevedo Pereira, Maria de Fátima de Brito, Dejair Henrique Borges, Vera Lúcia Vilar Garcia, Elizabeth Batista da Silva, Atenilde Cunha, Leonor Gonçalves Dias, Edna Fernandes, Domicila Rodrigues de Souza. E os homens, da esquerda para a direita, Geraldo Estevão Vital, Walter Araújo, Estácio Cavalcante, Joel Câmara de Carvalho Filho, Glênio Manso Maciel, Marcos Campos da Silva, Emanuel de Melo e Silva, Ocidente Fernandes.

Então, a partir da gente identificar a todos os personagens, identificar que evento foi isso e aonde aconteceu, a gente consegue fazer a catalogação, irá conseguir fazer a catalogação dessa fotografia. Então como descritores nós iremos colocar, no meu entender, MADRIGAL DA ESCOLA DE MÚSICA, UFRN E 1966 porque realmente a gente acredita que essas informações fazem com que recuperasse essa foto. E como nota nós colocaríamos o nome de todos esses personagens ditos anteriormente e as demais informações como local, ano a gente colocaria no final da catalogação. Então repetindo descritores aqui seriam MADRIGAL DA ESCOLA DE MÚSICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE E O ANO, 1966.

Vale salientar que essa catalogação, esses descritores eles não estão terminantemente fechados, por quê? Porque, como os formulários ele vai passar por diversas outras mãos, pode ser que lá na frente outra pessoa dê uma informação que nós não tínhamos conseguido antes. Então observando isso vamos até a catalogação, vamos até os descritores e vamos ver se podemos adicionar mais. Outra questão também que não podemos deixar de mencionar é que nossa catalogação os nossos descritores são voltados para nomes pessoais, então pode surgir o questionamento, porque não utilizou o assunto mesmo com o nome normal, sem ser nome pessoal, porque nós trabalhamos de acordo com o vocabulário controlado da biblioteca nacional, então muitas vezes nós vamos nesse vocabulário controlado, buscamos os descritores de acordo com que a imagem mostra, mas não encontramos, então por não encontrar muitas vezes colocamos em notas tudo aquilo que representa a foto e deixamos apenas os nomes pessoais dos principais personagens.

INDEXADOR C – SEGUNDO PROTOCOLO (Fotografias da FUNDAJ)

Voltando agora para as fotografias da Fundação Joaquim Nabuco realmente nos bibliotecários que não estamos dentro do contexto histórico da instituição sentimos mais dificuldades

mesmo. Porque são pessoas que a gente nunca viu, o contexto histórico a gente não sabe então é bem mais complicado pra gente catalogar esse tipo de material. O que eu tenho aqui na minha mão é a ficha de indexação onde eu tenho um título provisório, os personagens da fotografia, o local em que aconteceu e o evento, né? Então realmente seria uma catalogação mais superficial, porque realmente não temos conhecimento histórico. Então o que eu vejo, eu vejo que é uma reunião do conselho diretor para a entrega da medalha massangana na festa comemorativa dos trinta anos da Fundação Joaquim Nabuco, vemos diversas pessoas na foto, eu vejo uma foto que estão descerrando um quadro com uma imagem, algo assim e temos como personagens identificados três personagens, em pé está Baltasar da Câmara, que é o pintor, ao lado dele está Fernando de Melo Freire que seria, de acordo com a identificação, o presidente da fundação na época e sentado nós temos o personagem Rui João Marques que seria um conselheiro da fundação. Isso aconteceu na Fundação Joaquim Nabuco, nesse evento dessa entrega da medalha massangana. Como descritores aqui eu recorro a Biblioteca Nacional e vou buscar como festa comemorativa – não obtive nenhum sucesso. Como segundo descritor vou colocar comemoração, também não obtive nenhum sucesso. Terceiro e último descritor coloco reunião do conselho diretor também não estou obtendo sucesso. Como não consegui nenhum assunto nome, nós partimos para o 600, exatamente assunto nome pessoal, como é o habitual daqui do nosso trabalho. Então vou colocar na descrição BALTAZAR DA CÂMARA que é exatamente o PINTOR do quadro que está sendo descerrado, FERNANDO DE MELO FREIRE PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO e como terceiro personagem RUI JOÃO MARQUES, conselheiro da fundação. Vou colocar também porque é interessante o cargo deles, já que tem o PINTOR, CONSELHEIRO E PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO, vou colocar também O ANO, se não tivesse seria o século ou a década que estivesse ocorrendo aquilo. Realmente é muito mais difícil pra gente conseguir indexar algo que a gente não conhece, porque nós estamos dependendo de outras pessoas que não estão aqui para comprovar isso.

A segunda foto que estou observando aqui que é exatamente o mesmo evento da reunião do conselho diretor para a entrega da medalha massagana nas festas comemorativas dos trinta anos da fundação. O que é que eu percebo aqui, que a foto já está em outro ângulo, o quadro já foi descerrado e temos várias pessoas compondo a mesa. Então o número de personagens aumentou, né?! Descrevendo os personagens da esquerda para a direita, Rui João Marques, que é exatamente o conselheiro, Fernando de Melo Freire, o presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Marli Mota e eu sinto falta aqui de saber quem é Marli Mota, qual o cargo dela no

momento, e José Antônio Gonçalves Melo, de acordo com o que foi identificado, mas, sinto falta também do cargo de José Antônio que seria uma informação importante. E discursando foi identificado Nilo Pereira, que eu também sinto falta do cargo dele. Quem é essa pessoa na sociedade? Isso seria uma informação importante para a indexação. Esse evento ocorreu em 1979 e retrata o momento da assinatura do presidente do Brasil, Dutra, em 1949, autorizando a criação da Fundação Joaquim Nabuco, exatamente, o quadro que foi descerrado retrata isso. Mais realmente pra catalogar eu esperaria mais um pouco para poder obter essas informações que eu acho importante, que seriam os cargos de Marli Mota, Antônio Gonçalves e Nilo Pereira pra ficar uma informação mais completa. Bom, de acordo com a outra foto, vou no vocabulário da Biblioteca nacional e vou buscar por três descritores que são festas comemorativas, comemoração e reunião do conselho diretor e não obtive sucesso com nenhum deles. Daí a importância de se ter o cargo tanto de MARLI, quanto JOSÉ ANTÔNIO, porque os meus descritores serão essas pessoas. Mais as outras pessoas descritas na foto anterior. Então como é que eu posso colocar o nome de pessoa se eu não sei o que que ela é naquele contexto histórico? Então a solução seria buscar mais informações sobre essa foto dos personagens que estão compondo a mesa, porque só colocar o nome da pessoa sem colocar o cargo eu acredito que não teria muito efeito a recuperação da informação.

APÊNDICE D – PROTOCOLOS DO INDEXADOR D

INDEXADOR D – PRIMEIRO PROTOCOLO (Fotografias da UFRN)

A gente está no acervo iconográfico da escola de música e a gente está analisando as fotografias. Então, com bases nas pesquisas que nós fizemos pra chegar a esse trabalho nós pesquisamos em várias instituições que já fazem, né, a indexação de imagens. Então, nós nos baseamos principalmente no curso sobre indexação de fotografias, eu não me lembro agora o nome do curso. Esse curso foi on-line e também com base em vários manuais inclusive o da biblioteca Nacional onde muitos fazem aquela análise pra indexar, é a análise da fotografia basicamente aquelas perguntas: QUEM – QUEM aparece na foto, os personagens. Onde – né, o local, QUANDO, que é o período onde se passou aquela imagem e mais outras informações que sejam relevantes para a indexação. No caso nós temos aqui a imagem, a fotografia da escola de música que é o nosso acervo, que aparece a diretora na época da escola de música foi a segunda diretora, a professora Luiza Maria Dantas, ela foi diretora no período de 1968 a 1979. E aparece aqui um auditório com várias pessoas, né, sendo a imagem principal focada na própria diretora fazendo uma homenagem ao Reitor Onofre Lopes, que foi Reitor da universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 1959 a 1971. Então ela aparece entregando um presente que assim, no momento da para a gente identificar que é um presente, né, uma homenagem ao Reitor. Então, o que é isso, isso a gente faz quando vai catalogar a gente faz um resumo da análise da fotografia. Então o que que a gente pode colocar nesse resumo? Pode colocar que existem várias pessoas no auditório e não está tão visível assim porque o fundo é bem escuro, porque eles deram mais importância aos dois personagens principais, que é a diretora e o reitor. Então, no auditório onde ela aparece entregando esse, essa homenagem a ele. O local é um auditório, mas nós não sabemos se esse auditório é da escola de música, ou se é em outro local, provavelmente na escola de música. Agora, baseado nesse resumo que nós fazemos para a catalogação, nós vamos extrair os descritores. No caso, para que a gente determine esses descritores é necessário que a gente veja, onde, em que acervo estas fotografias estão armazenadas, no caso na biblioteca da escola de música. Então se é numa escola de música, então provavelmente os termos vão ser relacionados à escola de música e até a própria música. Mais no caso aqui é meramente uma homenagem. Então o que eu vou tirar daqui com relação aos descritores, poderia ser os próprios assuntos, nome, que no caso LUIZA MARIA, que era a diretora da escola de música, o reitor ONOFRE LOPES, reitor da UFRN e os outros descritores que poderiam ser assuntos tópicos, que seria ESCOLA DE MÚSICA DA UFRN como assunto entidade, e também, podemos analisar também para a questão da busca, recuperação da informação no caso se

algum pesquisador quisesse fazer essa recuperação, fazer essa busca poderiam também ver a questão a gestão do reitor, a própria universidade a gente pode colocar também a questão de reitores um assunto tópico, reitor ou gestão universitária e o período. Eu tive pesquisando também no manual da biblioteca nacional, então esse manual ele indica até pra que os descritores sejam os mais específicos possíveis. Por exemplo, a entidade por exemplo a própria escola de música pode entrar diretamente sem precisar da questão da jurisdição, como ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, para que não haja as inversões no caso. O usuário pode fazer a busca diretamente, ele pode fazer a busca pela instituição. Como não tem mais assim tantos outros detalhes, no caso é meramente o assunto principal aqui, seria mesmo essa homenagem ao reitor, então eu creio que já já já podemos definir aqui a fotografia. Isso depende também de identificação que nós, antes de catalogar nós preenchemos um formulário, que inicialmente eu falei essas perguntas básicas né quem, como quando, onde nós pedimos a colaboração de pessoas que vivenciaram essa época, né pra que seja identificado para que depois seja feito a catalogação. Então quanto mais colaboradores, pelo menos três seria o ideal, porque nós não teríamos margem de erro por conta da identificação. Porque acontece as pessoas se enganarem quanto a identificação das pessoas enfocadas, o local, o período, hoje nós recebemos a colaboração de pelo menos de 4, 5 professores que vivenciaram essa época, isso é muito importante. Então, a cada momento que alguém identificar essa fotografia, nós vamos voltar a catalogação e acrescentaremos mais dados para que a catalogação fique bem exhaustiva.

Bem, essa segunda foto trata-se do Madrigal da UFRN e não foi da nossa vivência então nós pedimos a colaboração de vários professores que vivenciaram essa época. Então, essa fotografia relata a regência, a apresentação do Madrigal, com o regente que é Padre Pedro, só que essa apresentação não foi aqui em Natal, foi no Rio de Janeiro. Não sei qual foi o evento, porque até agora não foi identificado. Nós só sabemos que foi no Rio de Janeiro, na Tv Continental. Então, fica faltando a questão do evento que eles foram participar. Os personagens que são os cantores, os madrigalistas no caso. E tem as vozes masculinas e as vozes femininas. As vozes femininas, estão sobre um, como é que chama? Um elevado, agora eu não me lembro como é o nome dele. Tem um nome específico que, eles ficam em dois níveis, as vozes femininas ficam abaixo e as vozes masculinas no superior. Eles são identificados da esquerda para a direita. Eles foram identificados pela diretora Luiza Maria, não sei se é necessário dizer todos, mas são treze vozes femininas e oito masculinas. E essa apresentação foi em 1966. Então para a questão da indexação, o que que vai interessar aqui

para nós. Primeiramente a gente identifica o assunto nome, que são o nome de todos os cantores e do regente. O primeiro seria o regente, entraria na ordem inversa, FERREIA, PEDRO e no outro subcampo PADRE. Logo depois vem todas as OUTRAS CANTORAS como a ISMÉRIA e por ai vai..., na ordem inversa também e no subcampo CANTORA. E depois FOTOGRAFIA, especificando o tipo de material. E assim vai, todos na questão do assunto nome. E depois vamos para o assunto, no caso entidade, aqui o próprio madrigal, nós colocaremos diretamente o MADRIGAL DA ESCOLA DE MUSICA DA UFRN. Como UFRN já é bastante conhecida, podemos colocar diretamente Madrigal da UFRN. Se quiser colocar o período também pode colocar, foi apresentação em 1966. Porque nós teríamos apresentação do madrigal em outros períodos. Então, eu acho necessário colocar período de apresentação. Como teve, quando se comemorou o cinquentenário do Madrigal. Foi feito um levantamento de todas as apresentações do Madrigal, então isso é relevante colocar o período, colocar também o regente que está à frente do coral. Como a gente já citou lá no assunto. Um outro descritor para se utilizar aqui seria a questão do concerto, CONCERTO CORAL – PERÍODO, colocando a localização no caso Natal, ops Natal não, Rio de Janeiro. Outro assunto tópico que de repente alguém pode fazer busca, o pesquisador, seria o tipo de música no caso aqui é MÚSICA CORAL. Subcampo CONCERTO. Para essa fotografia nós não sabemos qual foi o evento, apenas que foi na TV Continental. É isso.

INDEXADOR D – SEGUNDO PROTOCOLO (Fotografias da FUNDAJ)

Bem, essa foto aqui, segundo a ficha de identificação, tem a questão do resumo e os prováveis títulos já identificados por alguns colaboradores, então nós vemos aqui a reunião do conselho diretor para a entrega da medalha massangana em comemoração aos 30 anos da Fundação Joaquim Nabuco. Nós temos os personagens do conselho diretor, também da esquerda para a direita estão sentados e as duas pessoas descerrando o quadro, que é em comemoração, que retrata a assinatura do presidente do Brasil, o presidente Dutra em 1949 autorizando a criação da fundação. Então é a comemoração dos 30 anos da Joaquim Nabuco. Então esses personagens, da esquerda para a direita está Rui João Marques em pé, que é o pintor desse quadro. Baltazar da Câmara e Fernando de Melo Freire, que é o presidente da fundação. O local é na própria fundação, eles estão numa reunião de conselho. Bom, agora a gente vai identificar os descritores através desses tópicos que identificam a fotografia. Bem, a questão do principal descritor de busca, ao meu ver seria a própria Fundação Joaquim Nabuco. Claro que nós teríamos todos os assuntos nomes, das pessoas envolvidas colocando na ordem

inversa e o descritor principal seria a FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, com subtópico a questão da COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS, esse seria o assunto principal. Seria no caso o assunto entidade. Quanto a questão dos assuntos tópicos, que seria os outros assuntos poderíamos colocar, DATAS COMEMORATIVAS, instituições, alguma coisa desse tipo. Mas traduzindo para a linguagem de indexação, poderíamos colocar, deixa eu ver, Instituições. A Fundação ela é uma fundação de pesquisa? A fundação. Como ela é uma fundação de pesquisa poderíamos colocar nos outros assuntos, por causa da questão da exaustão INSTITUIÇÕES DE PESQUISA – DATAS COMEMORATIVAS de repente. Agora claro que isso tem que ser baseado na lista de vocabulários controlados para que não fique termos alheios ao vocabulário. Eu creio que seriam essas, esses descritores. No caso temos assunto nomes, que são os nomes dos envolvidos na fotografia. Nome assunto entidade, que é esse nome principal FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – 30 ANOS DE FUNDAÇÃO. INSTITUIÇÕES DE PESQUISA – DATAS COMEMORATIVAS.

A questão da outra foto, seria a sequência do ato de inauguração, da entrega da medalha, a questão do descerramento do quadro. No caso, o quadro já está descoberto. Não é descerrado. E o conselho está reunido, o conselho diretor da fundação já está reunido em volta de uma mesa, com algumas pessoas reunidas na plateia. Ao fundo tem, existem as bandeiras e alguém está fazendo um discurso. Ah, Nilo Pereira. Eles têm vários, vários...Rui João Marques, Fernando de Melo Freire, Marli Mota, José Antônio de Gonsalves Melo e Nilo Pereira. No caso são integrantes do conselho diretor da fundação. Então para esse descritor nós repetiremos os descritores da fotografia anterior que é uma sequência e acrescentaremos no caso a questão do discurso né, DISCURSO. Seria FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – 30 ANOS DE FUNDAÇÃO – DISCURSO. Um que eu esqueci de dizer é a questão do conselho diretor. Poderia também acrescentar FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – CONSELHO DIRETOR e fecharia também na data 1969. É o conselho diretor de 1969 da Fundação Joaquim Nabuco. Então, entraria também assunto entidade FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – CONSELHO DIRETOR de 1969. Acho que seria só.

ANEXO A - INSTRUÇÕES AOS SUJEITOS SOBRE A TÉCNICA DO “PENSAR ALTO” OU PROTOCOLO VERBAL – Fujita (2009) – Redigolo (214)

O que vamos fazer agora é explicar como funciona o método escolhido para a realização da pesquisa.

O nome do método é protocolo verbal, que consiste em analisar todo processo de verbalização do participante enquanto realiza sua atividade, com o mínimo de interação com o pesquisador.

Neste processo, o indivíduo “pensa em voz alta” verbalizando espontânea e quase inconscientemente seus pensamentos, questionamentos, suas buscas para eventuais problemas de compreensão, sua maneira singular de extrair significado da fotografia.

Um exemplo bastante claro de exteriorização do pensamento durante a realização de uma tarefa (e que ocorre com a maioria das pessoas) é o “pensar alto” espontâneo durante a realização de um problema matemático.

Dá para você ter uma ideia de como funciona essa técnica? Corresponde à verbalização de sua fala interna, seu pensamento.

Para que a pesquisa tenha sucesso é necessário que você, indexador participante, se comporte da mesma maneira como o habitual para a indexação de fotografias e exteriorize todo o seu pensamento.